

2732

L

2932



2732

AS GEORGICAS

DE P. VIRGILIO MARÃO,

NOVAMENTE VERTIDAS DO ORIGINAL LATINO

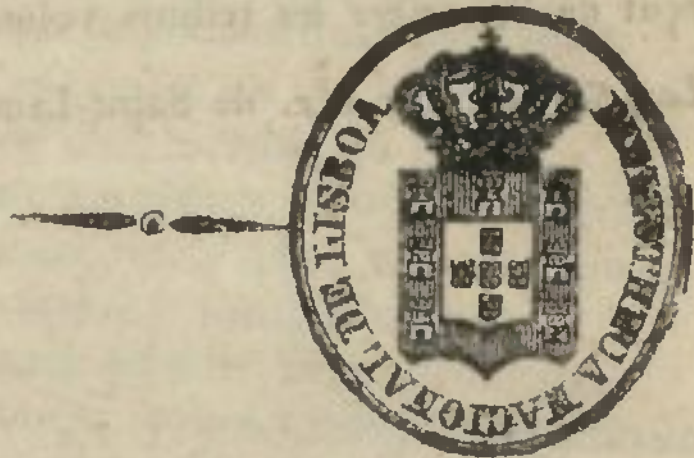
EM VERSO PORTUGUEZ,

SEGUINDO-SE O MAIS POSSIVEL A LETRA DO TEXTO,
SEM GRAVE OFFENSA DA MELODIA POETICA; E
ACOMPANHADAS DE ALGUMAS CURTAS ANNOTAÇÕES
EXPLICATIVAS,

POR

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO,

Cónego da Sé Patriarchal de Lisboa, Professor d'Oratoria,
Poetica e Litteratura Classica, principalmente a Portugue-
za, no Lycéo Nacional, e Socio da Academia Real das
Sciencias da mesma Cidade, Membro d'outras differentes
Sociedades Scientificas e Litterarias assim de Portugal, co-
mo do Brasil, &c.



L I S B O A,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1849.

J'admirois tes bienfaits, divine Agriculture,
Tu sais multiplier les dons de la Nature,
Toi seule à l'enrichir forces les élémens,
Elle doit à tes soins ses plus beaux ornemens.

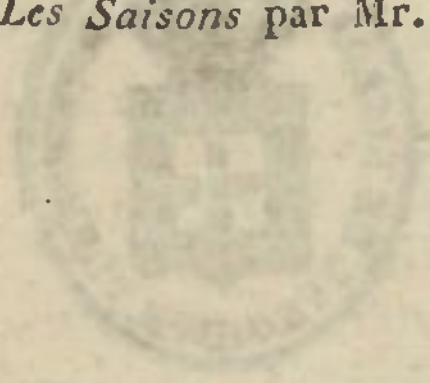
.

Tu tires les humains du centre des forêts;
Fixés auprès des champs qu'ils cultivoient en paix,
Ils purent prononcer le saint nom de patrie,
Et connoître les mœurs, ornement de la vie.

.

La candeur, l'équité, la liberté, l'honneur
Eut le partage heureux du peuple agriculteur;
Et lui seul, enrichi des trésors nécessaires,
Reçut de l'étranger les tributs volontaires.

(*Les Saisons* par Mr. de Saint-Lambert. *L'Eté.*)



L I B R O A

LA BIBLIOTHÈQUE ROYALE

1848

A' MINHA MUSA INSPIRADORA,

A Ill.^{ma} E Ex.^{ma} Snr.^a D. ***

Á MUSA, que ao meu Estro envelhecido,
Remoçando-o, expandio de nôvo as azas,
E ousados brios lhe inspirou, ardentes,
Quaes no vigo da idaue scintillando,
Da mente em turbiliões me rebentavam ;
Á MUSA encantadôra, que dos labios
Sólta, cantando, maviosos échos,
Échos, que os seios intintos penetram
D humanos corações, e da ternura
Nelles abrem duicissimas as fontes,
Onde d'amor as almas se embriagam ;
Mas puro amor, não qual esse travêso,
Voluvel, sensual e fementido,
Com que usam illudir falsos amantes
Incautas Jovens, que a atraigoar não tardam ;
Á MUSA, cujos dèdos delicados,
Com rapidèz pulsando eburneas téclas,
Dellas extrahir sabem harmonias
Iguaes ás, que extasiam do alto Olympo
Os entes immortaes, habitadores ;
A essa divinal, excelsa MUSA,

Que adornam dotes mil da Natureza,
E da Arte outras tantas prendas bellas,
Incógnita Deidade, revestida
D'apparencias mortaes, na esseneia Diva,
Cujo Nome escrever nem mesmo eu ousou,
Pelo não profanarem olhos tórpes,
(Tão puros eultos lhe consagro n'alma!):
Por Ella ennobreeida, endeosada
Minha Musa campestre, ingenua e pura
Lhe offerta em prova de lembrança eterna
No de Camões suave e brando idioma
Os de Virgilio primorosos versos,
A mais nobre das Artes consagrados,
A Agriultura, dos mortaes amiga,
Aquella, em cujo seio só se eneontram
Larga abastança, e paz, e independencia.
Aeeita pois benigna, ó MUSA, ó DIVA,
Acolhe affavel produção tão bella,
Das mais perfeitas uma, que aos vindouros
A sabia transmittio Antiquidade;
Dos meus versos embora não transpirem
A louçania, a nitidèz, as graças,
De que o eulto Virgilio a revestira:
Mas, pois as poesias minhas prézas,
A ellas afeita, que jucundas sõem
Aos teus ouvidos estas, só desejo;
Da minha offerta a outra não aspiro,
Musa adorada, dôce reeompensa.

D.

Filinto Ilémio.

P R E F A Ç Ã O.

Empreendemos uma nova traducção Portugueza do formoso Poema *as Georgicas* de Virgilio, não obstante correrem impressas tres outras traducções Portuguezas deste Poema, alem de mais alguma, que por ventura exista ainda inedita (*); por entendermos, que com isto faziamos algum serviço á Litteratura Nacional, offerecendo-lhe em a nossa traducção um transumpto mais fiel deste Poema, do que o apresentado á luz publica por qualquer dos seus primeiros Traductores. Advirta-se porém, que, expressando-nos assim, não é nosso intento o pretender offuscar nem levemente a gloria e o louvor devidos ás tres primeiras traducções, mormente ás duas ultimas: qualquer dellas em verdade é digna de grande estimação, considerada debaixo de diferentes pontos de vista.

Mercee ser lida a primeira, feita por Leonel da Costa, pela exacção, com que passou para idioma Portuguêz puro o mais litteralmente, que lhe foi possível, todos os pensamentos, e quasi todas as palavras do Poeta Latino: mas quem poderá as-

(*) Depois de havermos escripto esta frase, tivemos noticia da traducção inedita, feita em oitava-rima pelo Jesuita Portuguez Padre Francisco Furtado, de que dá noticia a nova edição de Virgilio de Mr. de la Rue, impressa em Paris em 1846. Acerca desta traducção e das Notas, que a acompanham, e diferentes particularidades do Traductor, consultem-se as ultimas folhas do Vol. 1.º da edição mencionada.

severar, que Leonel da Costa tenha vertido os melodiosos versos da Musa Virgiliana para outros de igual melodia da poesia Portugueza? Pelo contrario, a sua traducção, sem fallar de alguns lugares menos bem interpretados, apresenta o caracter da mais rasteira e insulsa prosa.

Não assim os dous Traductores, que após longa distancia de tempo se lhe seguiram; pois, tomando rumo opposto ao fitado por Leonel da Costa, occupados principalmente com as melodias poeticas, saerificaram frequentes vezes a estas, se não os pensamentos, pelo menos o torneio poetico, e diferentes miudezas de dicção, que a Virgilio aprouve o introduzir no seu Poema: É por isso, que o trabalho poetico destes dous, aliás illustres, Traductores mais pode, ou deve ser chamado imitação, do que traducção das Georgicas Latinas. Verdade é, que este geito de traducção livre mais, do que na obra do Dr. Lima Leitão, se descobre a cada passo na de Osorio de Pina, o que todavia lhe não pode ser estranhado, confessando este, como declara nos versos, que se lêem na pagina fronteira ao remate da sua Obra, que o seu proposito fôra *imitar* (não diz traduzir) a metrificacção do Poeta Latino:

Quando Osorio do inelito Virgilio

Com prazer *imitava* o dôcc metro.

Alem de que, quem com a traducção, tambem livre, das *Georgicas* de Virgilio, feita por Mr. Delille, confrontar a livre tradueção, ou imitação do mesmo Poema, feita por Osorio, figurar-se-lhe-ha a eada passo, que o Poeta Portuguez, no acto de traduzir, tivera deante dos olhos, em vêz

do Original do Poema Latino, a traducção livre do Poeta Francêz; podendo dizer-se em conclusão, que Osorio vertêo para Portuguez antes a Mr. Delille, do que a P. Virgilio: sendo que isto mesmo o dão a conhecer até as deslocações de diferentes passagens das *Georgicas*, feitas por Delille, e á sua imitação por Osorio, e que se não encontram nas melhores edições do Poema, taes por exemplo, a da invocação a Mecenas no principio do Livro II.^o, e as que se encontram nos versos 203 até 209, e 231 até 238, do Livro IV.^o

Na sua traducção das *Georgicas* é certo se não afasta tanto do Original o Dr. Lima Leitão, como Osorio de Pina: elle segue mais ás claras ás pisadas do Poeta Latino; porém, ainda assim, entregando-se de quando em quando aos vãos da sua imaginação, parece esquecer-se da rigorosa obrigação de traductor, para dar mais subido realce ás suas melodias poeticas: é frequentes vezes livre, mormente nos epithetos; e as elegancias e louçanias do estilo são mais propriamente suas, do que Virgilianas.

Em remate, como poetas, a quem mais que muito apraz lisonjearem o ouvido, marcham ambos quasi par a par; mas como intérpretes de um Original, o Dr. Lima Leitão anda menos afastado, do que Osorio de Pina, da estrada, que, como traductores, lhes cumpria trilharem.

Tal é a nossa opinião ácerca das tres traducções Portuguezas das *Georgicas* de Virgilio, que até o presente tem visto a luz publica. Mas qual será a opinião, que desta nossa formarão os entendedores, que a lerem agora, que vai ser apresentada aos jui-

zos da Critica? . . . Qualquer que ella seja, desde já declarâmos, que nem nos despertará orgulho o louvor, se é que alguém entender ella o merece; nem nos causará grande desprazer e mortificação o desprezo, ou ainda o vilipendio, a que muitos talvez a pretendam condemnar. Reconhecemos primeiro, que outro qualquer, os defeitos do nosso trabalho; mas não deixâmos de conhecer tambem, que é summamente difficil o vencer com perfeito desempenho as grandes difficuldades, que apresenta a traducção de uma Obra tão prima, como é o Poema das *Georgicas* de Virgilio.

Seguimos passo a passo o Poeta não só na ordem dos seus pensamentos, quaes nôl-os dêo a conhecer uma meditada lição, ajudada dos melhores interpretes, entre estes, do bem conhecido Allemão Chr. Gottl. Heyne; porém esmerâmo-nos ao mesmo tempo em vertêr para Portuguez as suas proprias palavras e o seu torneio de frase, quanto é permittido o fazê-lo ao traductor de uma lingua morta para um idioma vivo; alterando as menos vezes, que podêmos, os epithetos empregados por Virgilio; e acrescentando outros sómente, quando a imperiosa metrificacção o exigia.

Já se deixa vêr, que, marchando por tal estrada, fomos obrigados algumas vezes a sacrificar á traducção litteral a melodia do verso Portuguêz; mas, ainda assim mesmo, parece-nos, que em tão grande numero de versos, como os que contêm a nossa traducção, se não encontrarão muitas dezenas delles, em que o estilo se assemelhe mais á humildade da prosa, do que á elevação e arrojamento poetico; parecendo-nos tambem a final ter por este mo-

do reunido o litteral de Leonel da Costa com o melodico de Osorio de Pina, e do Dr. Lima Leitão. Pelo menos teremos aberto caminho a quem se propõha a offerecer ao publico uma traducção Portugueza das *Georgicas* de Virgilio menos imperfeita, do que esta nossa.

Fômos mui parcos em Annotações, limitando-nos unicamente ás que julgámos indispensaveis para melhor intelligencia de alguns lugares menos claros do Poema, ou para darmos a razão das poucas liberdades, que tomámos. Se quizessemos alargar-nos em tal especie de erudição, vasto campo nos offerciam, para satisfazer aos desejosos de verem tudo commentado, alem de outros, as muito eruditas lucubrações do Allemão Heyne; e sobre tudo as extensissimas Notas do traductor Leonel da Costa, as quaes occupam muito mais do dôbro em folhas, do que occupa a sua traducção das *Georgicas*: a este pois podem recorrer todos aquelles, que ou carecem de ser mais extensamente illustrados, ou os que folgarem de encontrar esclarecidos os lugares do Poema, ainda os menos escuros.

Ao texto da traducção precéde o rápido juizo critico sobre o Poema das *Georgicas* de Virgilio, feito por Mr. Delille, sem duvida um dos melhores avaliadores das bellezas desta Obra prima da Poesia antiga. — Seguem-se-lhe os argumentos de cada um dos quatro livros do Poema, feitos pelo Allemão Heyne, especie de miudo index das materias, contidas nos mesmos livros; cada uma das quaes é indicada no seu competente lugar pelo numero de versos, que lhe dizem respeito, e na mesma ordem, em que fôram dispostas por Virgilio.

Das duas numerações, que a traducção apresenta, a da esquerda é a dos versos da mesma traducção; e a do fundo de cada uma das paginas é a dos versos do Original Latino, que aos dessa mesma pagina correspondem : Por este modo, com o Original Latino na mão, pode facilmente fazer-se a comparação entre o texto original e a traducção Portugueza; e assim verificar-se, se aquelle foi, ou não fielmente traduzido.

JUIZO DE MR. DELILLE

ÁCERCA DAS GEORGICAS DE VIRGILIO,

Virgilio, diz Mr. Delille, no primeiro livro das suas Georgicas falla das mèses, da lavoura, dos instrumentos necessarios aos cultivadores — do conhecimento da Èsphera — das diversas Estações, em que devem ser semeados os differentes grãos — dos signaes, que annunciam borrascosos, ou bons dias. A variedade dos quadros, a rapidêz do estilo caracterizam este livro, que acaba por um episodio magnifico sôbre a morte de Cesar.

No segundo livro encônta-se talvez mais artificio e atrevimento, do que em todos os mais: o Poeta attribue nelle ás arvores todas as paixões e modos de sentir dos homens, quaes o esquecimento, a ignorancia, e desejo, o assombro. O quarto é rico em metaphoras, menos atrevidas porém, do que as deste; por ser mais natural o attribuir as paixões do homem a animaes, quaes as abelhas, do que a seres inanimados, como as arvores. Ninguem pode lèr no fim do segundo livro o elogio da vida campestre, sem que se sinta animado do desejo de viver no campo; e sem que prefira, contra o modo de

pensar do proprio Virgilio, a vida de um cultivador á de um philosopho.

O terceiro livro parece o mais bem trabalhado de todos; descobre-se nelle um vigôr, e uma veia poetica admiravel na descripção do cavallo, e na das carreiras em carroças puxadas por cavallos. A violencia do amor é representada neste livro com expressões tão ardentes, como o proprio amor. O Inverno da Scythia é tambem tão vivamente nelle representado, que, para assim dizer, quem lê a sua descripção, chega a sentir tremuras de frio. Na descripção da peste esforça-se Virgilio por exceder a Lucrecio; e justo é confessar, que se em um se dá a mostrar o physico, no outro muito melhor apparece o Poeta.

O que parece porêm Virgilio haver tratado com maior complacencia são as abelhas: elle ennobrece todas as acções destes pequenos animaes com metaphoras extrahidas das mais importantes occupações do homem; as batalhas de Eneas e de Turno não são pintadas por elle em versos mais valentes, do que o choque entre dous enxâmes: se na Enéida compara o trabalho dos Troyanos ao das abelhas e das formigas, neste livro compara as occupações das abelhas ás dos Cyclopes. Em fim o quarto livro das Georgicas parece um preludio da Eneida; pois, fallando tão magnificamente de um insecto, annuncia-nos o tom, de que será capaz, quando tratar de um assumpto verdadeiramente grande.

Em summa as Georgicas de Virgilio contêm todas as perfeições possiveis de uma Obra escripta pelo maior Poeta da antiguidade na idade da maior viveza da imaginação, do mais bem formado juízo,

e na qual todas as faculdades da alma se acham em seu pleno vigor, e completa madureza.

Elogiando assim este Poema, não receio, que me accussem de prevenção os verdadeiros conhecedores, nem de ter visto as bellezas de Virgilio com o microscopio dos Commentadores e dos traductores: quem quizer fazer uma idéa justa desta Obra, consulte o proprio Virgilio; e verá, que ella era a sua Obra mimosa, aquella sôbre a qual elle fundava a sua esperança de immortalidade: Antes de morrer, queria lançar no fôgo a Eneida, e deixava subsistir as Georgicas, como o mais bello padrão da sua gloria.

(Extrahido do Discurso preliminar á traducção das Georgicas de Virgilio, feita por Mr. J. Delille.)

ARGUMENTOS

DOS QUATRO LIVROS DAS GEORGICAS DE VIRGILIO,
EXTRAHIDOS DA EDIÇÃO LATINA DO ALLEMÃO

CHR. GOTTL. HEYNE.

L I V R O I.

§. Proposição e argumento de todo o Poema desde o verso 1 até 6. — §. Invocação ás Divindade campestres e a Augusto, desde 7 até 59. — §. Trata da primeira parte dos trabalhos do campo, que é a lavra da terra, e quando ella deve começar, desde 60 até 68. — §. Convém antes de tudo explorar qual seja a natureza do clima e do sólo, desde 69 até 84. — §. Donde se derivam as diversas leis da cultura, principalmente da lavra, e da sementeira, desde 85 até 168. — §. Porque é nestas grande o trabalho e fadigas, que tem de se soffrer, faz o Poeta uma digressão sôbre as causas mythicas daquelle e destas desde a idade de Saturno, desde o verso 169 até 222. — §. Passa a tratar dos instrumentos agricolas desde 223 até 244. — §. De ou-

tras cousas, que devem pôr-se em execução nos trabalhos do campo; entre estas, do modo de preparar a eira para trilhar os grãos, desde 245 até 260. — §. Donde convenha formar juizo ácerca da futura esperança de colheita, desde 261 até 267. — §. Do modo de curar a semente, desde 268 até 284. — §. Segue-se um bello tratado dos tempos de effectuar os trabalhos campestres; e qual o tempo das sementeiras dos diversos grãos, desde 285 até 323. — §. Digressão sôbre o curso annual do Sol, e sôbre as quatro Estações do anno, desde 324 até 359. — §. Que cousas devem fazer-se, quando o tempo está chuvôso, desde 360 até 371. — §. Quaes nos dias festivos, desde 372 até 384. — §. Observação sôbre os dias da Lua faustós, ou infaustos, desde 385 até 402. — §. Cousas ha, que melhor se fazem de noute, desde 403 até 418. — §. Outras durante os calores do Estio, desde 419 até 422. — §. Outras durante o Inverno, desde 423 até 437. — §. Dispõe-se Virgilio para descrever com artificio poetico as duas Estações do anno, a do Outono, e a do principio da Primavera, ambas borrascosas: devem por tanto observar-se os tempos d'uma e d'outra, desde 438 até 476. — §. E com respeitoso culto ser adorados os Deoses, desde 473 até 497. — §. Diz, que ha signaes certos, pelos quacs podem prevêr-se as tempestades, e na exposição e ornato destes estende-se largamente o Poeta, desde 498 até 660. — §. Segue-se um episodio muito mais ornado, para o qual Virgilio se havia preparado, ácerca dos prodigios, que acompanharam a morte de Cesar, indicios da guerra civil, que veio apôs, desde 661 até 705. — §. Conclue com votos a favor de Augusto, de 706 até o fim do Livro.

LIVRO II.

§. Proposição, com invocação a Baccho, desde o verso 1 até 12. — §. Tendo de tratar principalmente da cultura das vinhas e das oliveiras, começa por declarar que, das arvores umas são produzidas pela Natureza, outras pela Arte; por tanto umas nascem espontaneas, desde 13 até 34. — §. Outras são produzidas pela Arte, a saber, de um ramo cortado da arvore mãe, enterrado no chão, desde 35 até 37. — §. De raiz, de estaca fendida em quatro partes, ou somente aguçada, desde 37 até 39. — §. De mergulhia, de bacello, de tanchões, de enxertia, desde 40 até 51. — §. Diz, que a cultura de cada uma das arvores deve ser apropriada á natureza do terreno, desde 52 até 58. — §. Invoca a Mecenas, cuja vontade deseja lhe seja propicia, desde 59 até 73. — §. Acrescenta, que as arvores, que nascem espontaneas, podem ser melhoradas pela cultura, desde 74 até 87. — §. Que as de semente, adquirem mais feliz crescimento sendo transplantadas, e artificialmente cultivadas, desde 88 até 112. — §. Principalmente enxertando-as, desde 113 até 125. — §. Que entre as arvores do mesmo genero devem escolher-se as melhores especies, desde 126 até 163. — §. Cumpre observar-se, qual o clima mais accommodado á natureza de cada uma das arvores; pois ha nisso grande variedade, desde 164 até 203. — §. Abre com isto o caminho para louvar a Italia, fertilissima em todo o genero de producções, desde 204 até 271. — §. Deve em fim examinar-se a natureza do terreno,

para saber-se a qual genero de produções é mais apropriado, desde 272 até 347. — §. Seguem-se os signaes para se conhecer, e bem avaliar o terreno, desde 348 até 392. — §. Qual o modo de amanhar o terreno, e de emendar-lhe a natureza para a cultura de todas as arvores, e especialmente das videiras; ensinando primeiramente o que deve praticar-se na sua plantação, desde 393 até 480. — §. Trata do tempo de fazer-se esta plantação, desde 481 até 529. — §. Do cuidado, que deve empregar-se depois d'ella feita; e da póda, desde 530 até 564. — §. Da remoção de tudo, quanto pode offender as arvores, desde 565 até 577. — §. Como um dos offensores seja o gado caprino, faz uma digressão ácerca do costume de sacrificar um bóde nas festas de Baecho, desde 578 até 604. — §. Que na cultura das videiras deve empregar-se cuidado assiduo por todo o deurso do anno, desde 605 até 644. — §. Que é menos laboriosa a cultura das oliveiras, desde 645 até 655. — §. Assim como a das arvores pomiferas, desde 656 até 660. — §. Que de nenhuma, ou quasi nenhuma carecem as arvores silvestres, e das utilidades que dellas podem tirar-se, desde 661 até 706. — §. Digressão sôbre os louvores da vida do campo, parte a mais feliz de todo o Poema, desde 707 até o fim deste Livro.

L I V R O III.

§. Começa o Poeta pela exposição do argumento deste Livro, desde o Verso 1 até 3. — §. Diz, que vai tratar um assumpto, ainda por outrem não tratado,

do que espera ha de resultar uma nova gloria á sua patria, Mântua, desde 4 até 64. — §. Faz novos cumprimentos a Mecenas, cuja protecção pede lhe continue, desde 65 até 78. — §. Entra depois nos preceitos, relativos á reproducção dos armentios, dizendo, que em primeiro lugar devem escolher-se boas mãis, e indica os signaes das boas vacas, desde 79 até 100. — §. Que devem ser escolhidos para pais touros no vigôr da idade, desde 101 até 116. — §. Signaes do bom cavallo para ganhão, desde 117 até 204. — §. O que convêm fazer-se, antes de os entregar ao acto venereo, desde 205 até 225. — §. Qual o cuidado, que deve haver com as mãis prenhes, desde 226 até 254. — §. E com os vitêlos, desde 255 até 287. — §. E com os pôtros, desde 288 até 331. — §. Devem sôbre tudo ser impedidos de entregar-se a excessos venéreos, e aqui declara os effeitos do furor venéreo, desde 332 até 450. — §. Depois de haver tratado do gado grôso, passa a ensinar o que deve empregar-se com os rebanhos do gado miudo, ovelhas, e cabras, começando por uma prefação sôbre a difficuldade do novo assumpto, que vai tratar, desde 451 até 465. — §. Como convêm sejam tratados nos curraes, desde 466 até 504. — §. E nos pastos ao chegar da Primavera, com uma digressão narrativa ácerca dos pastores nómades Africanos, e dos da Scythia, desde 505 até 603. — §. Seguem-se os preceitos sôbre o trato das lãas, desde 604 até 619. — §. E do leite, desde 620 até 636. — §. O cuidado, que merecem os cães, desde 637 até 651. — §. Cautelas, que deve haver contra os animaes nocivos, desde 652 até 691. — §. Como hão de ser tratados os re-

banhos enfêrmos, desde 692 até 744. — §. Prepará-se com isto para a bellissima descripção da peste autumnal dos rebanhos grossos e miudos, a qual continua, desde 745 até o fim do Livro.

L I V R O I V.

§. Virgilio, começando neste Livro a tratar das abelhas, e do mel, exposto em primeiro lugar o argumento, pede ainda outra vèz a Meccnas, que continue a scr-lhe propicio, desde o verso 1 até 12. — §. Dá preceitos sôbre a situação, construcção e reparos das colmêas, desde 13 até 79. — §. Do cuidado, que deve haver com as abelhas, quando enxamêam, ou divagam no principio da Primavera, desde 80 até 105. — §. Ou quando sâhem para pelear, por se acharem discordes ácerca da escôlha do seu rei, desde 106 até 137. — §. Deve dar-se a morte a um dos dous réis, desde 138 até 163. — §. Se divagam á tôa pelos ares, convêm cortar as azas ao seu rei, ou plantar junto ás colmeaservas, que lhes sejam agradaveis, desde 164 até 184. — §. Chegado a este lugar, onde pedia o tratar-se da cultura das hortas, diz o Poeta, que deixa este assumpto, para por outros ser tratado, e aqui introduz uma bellissima pintura da vida simples e frugal de um velho habitador do campo, desde 185 até 241. — §. Prosegue discorrendo sôbre o ingenho, natureza, e costumes das abelhas, e do seu modo de viver em forma republicana, a qual descreve, desde 242 até 350. — §. Accrescentando, ser tão perfeita a sua instituição, que parece serem as abelhas dotadas de razão, desde 351 até 363. — §. Trata

depois da crêsta das colmêas, desde 364 até 381. — §. Ensina, qual o cuidado, que com ellas deve haver, quando se lhes deixa uma parte dos favos, desde 382 até 402. — §. Das doenças das abelhas, e do modo de as curar, desde 403 até 451. — §. Do modo de renovar o enxame, que morreo; e da geração das abelhas por meio da carne apodrecida de um novilho morto, desde 452 até 507. — §. Este methodo sendo invenção de Aristêo, dá occasião para Virgilio fazer aqui uma extensa narração da fabula, que lhe diz respeito, dizendo, que tendo morrido a Aristêo os seus enxames, se fôra ter com sua mãe, a Nympha Cyrêne, a qual lhe mandou fosse consultar Protêo ácerca das causas d'aquella calamidade, e dos meios de a reparar: que d'elle soubera, haver-lhe provindo a sua desgraça em castigo do delicto, por elle commettido, em pretender roubar Eurydice a seu marido Orphêo; devendo por isso expiar-se d'elle: o que tendo sido executado por Aristêo, vio novos enxames de abelhas sahirem dos corpos dos bôis, por elle mortos em sacrificio, e deixados poucos dias antes em um bosque; e com esta fabula, que começa no verso 508, e se estende até o fim do Livro, termina o Poeta este formoso Poema, empregando apenas os ultimos quatorze versos para assignalar-nos o tempo, em que o compozera, e o lugar a esse tempo da sua morada, a Cidade de Napoles.

depuis la création du monde, de ce que Dieu a fait pour
 l'humanité, et de ce que l'humanité a fait pour Dieu.
 Le premier de ces deux points est le plus important, car
 c'est de Dieu que tout vient, et c'est à Dieu que tout
 revient. C'est pourquoi il est si important de connaître
 Dieu, et de le louer, et de le servir, et de l'aimer.
 C'est aussi pourquoi il est si important de connaître
 l'humanité, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 le monde, et de le louer, et de le servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 l'histoire, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la science, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 l'art, et de le louer, et de le servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la religion, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la philosophie, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la médecine, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la jurisprudence, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la politique, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la morale, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la poésie, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la musique, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la danse, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 le jeu, et de le louer, et de le servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 le sport, et de le louer, et de le servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la guerre, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la paix, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la justice, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 l'injustice, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la vérité, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 le mensonge, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la bonté, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la méchanceté, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la pureté, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 l'impureté, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la sainteté, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 le péché, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la gloire, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la honte, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la vie, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la mort, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la résurrection, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.
 C'est pourquoi il est si important de connaître
 la vie éternelle, et de la louer, et de la servir, et de l'aimer.

E R R A T A S.

<i>Pag.</i>	<i>Versos.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Correcções.</i>
8	230	seves	sebes
9	249	e á mão coberta ,	e , á mão coberta
12	375	seves	sebes
17	522	alvacentos	alvacentas
23	728	E em vão	E, em vão
56	697	Tambem álamo	Tambem o álamo
57	718	Ou oleos aromaticos	Ou cassias aromaticas
59	779	extranho sempre	extranho sempre ,
70	31	aos bosques	e os bosques
80	361	dos paternos reinos	dos paternos reinos ,
83	471	frio o gado	frio ao gado
92	775	de materia immunda,	de materia immunda.
102	47	cacias	cassias
103	53	dobradiços :	dobradiços ,
110	293	Na eacia ,	Na cassia ,
112	373	Pláida	Pleiada

VARIANTES.

Pag. 58 , versos 753 e 754.

Ó quem me irá levar aos , que do Sperchius ,
Verdes campos, a clara lympha banha ;

Pag. 60 , verso 828.

Té á cintura os corpos seus robustos ,

ERRATA

Page	Error	Correction
8	230	aver
9	219	es-ado coberta
18	228	aver
17	222	abscortas
21	228	E em 2do
25	231	lambes ligas
27	218	Qu oim abscortas
22	222	escripse sempre
26	21	nos horpaz
30	231	dos interiores ligas
33	231	lho e cada
35	232	de mactes imunda
105	21	aver
107	22	dobricos
110	231	de cada
112	232	linda

VARIANTES

Pag. 28, verso 721 e 724.

O quem me há lavar nos, que do sephim,
Verdes campos, e chas (topos) babil.

Pag. 63, verso 528.

Tá a cunha de copos seus fobutos

AS GEORGICAS

DE P. VIRGILIO MARÃO.



LIVRO I.

O que faça ubertosas as searas,
Em que Signo lavrar convenha a terra,
E aos ulmeiros unir as vides; trato
Qual deva dar-se aos bôis, e qual ao gado;
5 E ás abelhas frugaes quanta experiencia, (1)
Mecenas, a cantar eu principío.
Vós do Mundo ó clarissimos luzeiros,
Que no celeste espaço a procedente
Marcha do anno guiais, Baccho, alma Céres,
10 Se por vós converteo Chaónias landes
A Terra em pingues grãos, ligou co' a limpha
D' Achelóo o inventado, rubro nectar:
E vós, Faunos, campestres divindades
Co' as Dryades donzellas vinde, ó Faunos,
15 Ouvir cantar os beneficios vossos:
E tu, Neptuno, que, ferindo a terra
C' um golpe de tridente, audaz ginète
(Versos do original desde 1 até 13.)

- Surgir fizeste á luz : Cultor dos bosques, (2)
 De Cêa para quem as pingues matas
- 20 Trezentos côr de neve touros tozam :
 O patrio bosque, e do Lyeêo as selvas
 Deixando, ó Pan Tegêo, de ovelhas guarda ;
 Se o teu Ménalo prézas, favoravel
 Assiste-me tambem : e tu, Minerva,
- 25 Que a proficua oliveira aos homens déste :
 Tu Joven Inventor do curvo arado : (3)
 E tu, Sylvano, que na dextra empunhas
 Desde a propria raiz tenro cipreste :
 Vós todos, Deoses, Deosas, protectores
- 30 Dos campos, espontaneos, novos fructos
 Ou fazendo-os brotar, ou ás searas
 Largas chuvas mandando — auxiliai-me.
 E tu, ó Cesar, que aggregado aos Numes,
 Has de hum dia occupar logar incerto ;
- 35 Ou ás cidades presidir prefiras ;
 Ou ter a teu cuidado as terras, no Orbe
 Maximo fructos e estações regendo,
 Do myrto maternal c'roada a fronte ;
 Ou venhas a ser Deus do immenso Oceano,
- 40 Onde os nautas a ti só rendam cultos,
 Seus serviços te preste a Thule extrema, (4)
 E pelas suas aguas todas Tethis
 A formosa te compre para genro : (5)
 Ou, constellação nova, aos tardos mezes
- 45 Te queiras ir juntar, onde patente
 Entre Erigone e as garras do, que a segue,
 Ardente Escorpião, um logar se abre ;
 Que o mesmo os braços já contrahe, e deixa
 Um para ti no Ceo bem largo espaço : (6)
- 50 Quem quer que fôres (pois não conte o Averno
 (14 até 36.)

- Ter-te alli por seu rei, nem de reinado
 Tal te entrará jamais dira cubiga,
 Embora admire a Grecia Elysios campos,
 Nem de seguir a mãe Hecate cure),
 55 Facilita-me a estrada, e aos meus comêços,
 Annue, posto que busados; condoido
 Comigo dos ignaros camponezes,
 Digna-te dar favor á empresa minha,
E costuma-te já a ser invocado.
- 60 Mal chega a primavera, quando o gêlo
 Dos alvejantes montes se derrete,
 E o zephyro desfaz as pôdres leivas,
 Da charrua com o pezo o touro gêma,
 E brilho aos sulcos dê da rêlha o attrito;
- 65 Do avaro agricultor enche os desejos
 Semeado terreno, que rasgáram—
 Lavouras quatro em tempo e quente e frio;
 Mésses sem conto seus celleiros rompem.
 Mas, antes que abra solo ignoto o ferro,
- 70 Os ventos cumpre conhecer, e os varios
 Climas, sua cultura apropriada,
 E usos locaes, herdados de avoengos,
 O que a terra consinta, ou já recuse:
 Aqui searas, acolá vinhêdos
- 75 Crescem melhor, pomares n'outra parte,
 Espontanea verdura alem desponta,
 Tmòlo gera açafão, marfim a India,
 Nos campos de Sabá se gera o incenso,
 Mandam-nos ferro os Cálibes despídos,
- 80 Peçonhento castóreo envia o Ponto,
 Eguas, que ganham palmas, vem do Epiro:
 Taes leis com jus eterno impôz Natura
 Aos diversos locaes, quando a êrma Terra

- Com pedras Deucalião povoôu de nôvo,
 85 Em homens convertidas, dura especie!
 Eia pois, a contar do exordio do anno,
 Um solo pingue volvam bôis valentes,
 E as leivas cõza polvorôso Estio
 Com seus ardentes soes: Mas se infecundo
 90 Fôr o terreno, bastará rasgat-o
 Levemente co' a relha em vindo o Arcturo; (7)
 Alem obstando a queervas malfazejas
 Não venham abafar lédas searas;
 Impedindo d'aqui não largue o esteril
 95 Terrão o escasso humor, que ainda conserva.
 Alternado descanso após a ceifa
 Convêm aos campos dar, que os endureça;
 Ou em signo diverso a loura escâudea
 Na terra semear, que dera o fertil
 100 Legume de folhêlho quebradiço; (8)
 Ou donde o cizirão tenue colherdes, (9)
 E do amargo tremoço frageis vagens,
 Que, em se roçando, dão som crepitante:
 Linho, aveia, narcóticas papoulas
 105 O solo queimam, tisnam, infecundam;
 Mas, alternando-se a cultura, facil
 Trabalho custa o restaurar-lhe a vida:
 De pingue estrume o árido terreno
 Basta com profusão ser saturado,
 110 Ou sôbre o campo desparzir, exhausto
 Com longas producções, impuras cinzas:
 Dá pois descanso aos campos a mudança
 De searas, mas é favor sem termo
 O deixar de os lavrar um anno inteiro.
 115 De proveito é tambem não poucas vezes
 Sobre esteril terreno acender fogos,
 (63 até 81.)

Onde ardam crepitando as leves palhas :
 Ou provenha d'aqui occulta força ,
 Que ao solo outorgue fertil alimento :
 120 Ou que algum encoberto vício o fôgo
 Lhe corrija, expellindo inuteis sucos :
 Ou seja que o calôr lhe alargue os póros ,
 Por onde a seiva ás novas plantas chegue :
 Ou seja em fim , que mais o endureça ,
 125 E as veias lhe restrinja boquiabertas ;
 Para que o não ensopem tenues chuvas ;
 E do rapido sol a força ardente ,
 Ou frio Bóreas penetrante o queime.

Lavrador, que os terrões inuteis quebra
 130 C'o ensinho, ou co'a grade, assás proveito
 Ao seu terreno dá, e a loura Ceres
 Do alto do Olympo seu trabalho approva ;
 Bem como o que a travez c'o arado corta
 De nôvo as leivas sobre o chão já rôto ,
 135 E frequente revolve a terra ; imperio
 Assim obtendo sobre os proprios campos.

Sêccos Invernos, humidos Estios,
 Lavradores, ao Céu pedí ; mais ferteis
 Cereaes obtereis c'o pó do Inverno ,
 140 Elle as campinas fertiliza, mésses
 Então é que abundantes Mysia ostenta,
 Gárgara então das suas mais se admira.

Que direi do que após a sementeira
 Vai os seus campos observar de perto ,
 145 E esbrôa os montes da infecunda areia ;
 Depois sobre a seara aguas correntes
 Faz conduzir, d'um rio derivadas
 Em miudos canaes ; e, quando as plantas
 Moribundas o campo adusto queima ,

(85 até 107.)

- 150 Faz correr de elevado outeiro a lympha?
 Ella, cahindo, um rouco murmurio
 Vai fazendo por entre os lizos seixos,
 E tempéra do solo a viva ardencia.
 Que direi do que, ao vêr cobrindo os sulcos
- 155 Já a sua seara, introduz nella
 Um rebanho, que o nimio luxo tóse
 Da herva inda tenra; a fim de obstar que as hastes
 Co' as grávidas espigas não acãmem?
 E do que da lagôa a agua estagnada
- 160 Por entre a areia faz sumir, que a bébe,
 Mormente quando em mezes duvidosos (10)
 Cobrio o campo um rio extravasado,
 E tudo encheo de lodo, donde exhalam
 Um tépido vapor cavados charcos?
- 165 Dos homens e dos bôis trabalhos tantos
 Em cultivar a terra estragam, damnam
 Grous do Strymonio rio, e improbos gansos,
 O amargôso almeirão, ou sombras densas.
 Da terra tornar facil a cultura
- 170 Não quiz o proprio Pai de homens e Numes;
 Nos peitos despertando mil cuidados,
 Elle o primeiro foi, que fêz com arte
 Os campos revolver, não consentindo
 Nos seus reinos preguiça entorpecida.
- 175 Ninguem antes de Jove arava os campos,
 Sem marcos, sem balizas indivisos;
 Era a Terra commum; ella espontanea
 As suas producções franqueava a todos:
 Foi elle quem ás serpes dêo o veneno,
- 180 Quem fêz ladrões os lôbos, tempestades
 Nos mares levantou, do mel as folhas
 Despojou, escondeo o fôgo, e os vinhos
 (108 até 131.)

Estancou, que frequentes sôbre a terra
Se viam em regatos ir correndo ;

185 Tudo porque o mortal ás artes dêsse
Origem, meditando, e d'entre os sulcos
Extrahisse o seu pão, da pederneira
Fizesse rebentar occulto fôgo :
Pela primeira vêz então os rios

190 Sentiram dos baixéis o peso ; e o náuta
Contou então, e dêo nome ás estrellas,
Pleyadas, Hyadas, Lyaconia Ursa :
Feras prender no laço, em visco as aves ;
Com adestrados cães caçar nos bosques ;

195 Ou já no alto mar, ou só nos rios
O peixê ir apanhar co' anzol e redes,
Dessas eras invento e astucia fôram :
Ná bigorna cedêo o ferro ao malho,
A madeira cortou sonante serra,

200 Antes fendida por agudas cunhas ;
E após estas, as mais artes vieram.
Tudo vence o trabalho improbo, e a urgente
Precisão, das desgraças companheira.

Foi Ceres quem primeiro a terra aos homens

205 Ensinou a lavrar, já quando os fructos
D'azinho e medronheiro os sacros bosques
Dodonêos, e o sustento escasseáram.

A's mêsses accresceo nova fadiga,
Ruim ferrugem as espigas dâmina,

210 Os campos cobrem espinhosos cardos,
As searas perecem, duro mato,
As bardanas e abrolhos se apoderam
Espontaneas do solo ; entremeado
C'o trigo alli domina a aveia, o jôio :

215 Se assiduos pois não revolveis a terra,

(132 até 155.)

- E com clamor não enxotais as aves,
 Nem decotais com a fouce umbrosos ramos,
 Com promessas ao Ceo pedindo a chuva;
 Ai de vós! que os celleiros do visinho
 220 Vereis prenhes de grãos, vazio o vosso;
 E, para a fome repellir, ás selvas
 Dura bolota ireis buscar de nôvo.
 Cumpre agora indicar, quaes instrumentos
 Ao duro camponez servem das mésse
- 225 Na sementeira e trato : aguda relha,
 De carvalho applicada a um rijo tronco,
 E' delles o primeiro; e eis curvo arado :
 De Ceres Eleusina os tardos carros,
 Trilhos, carrêtas, e o pesado ensinho,
 230 Vimineos cestos, séves (vis alfaias),
 De medronheiro as grades, e de Baccho
 A mistica joeira = estes os moveis, (11)
 Que convêm d'antemão tenha arrumados,
 Quem d'agricola aspira á nobre gloria.
- 235 Ide ás selvas buscar d'ulmeiró um tronco,
 E vergai-o com força, eis logo prompta
 A fórma tomará do curvo arado :
 Duas orelhas, adaptai-lhe dentes (12)
 Com duplicado dórso; a leve tilia,
 240 Ou alta faia d'antemão cortadas,
 São aptas para o jugo; e para a esteva,
 Que as baixas rodas por detrás governa;
 Taes madeiras porêm no lar suspensas
 Primeiro as séque, e as endureça o fumo.
- 245 Dos avós nossos posso apresentar-vos
 Preceitos mil, embora minuciosos,
 Se de os saber vos não molesta o pejo :
 Antes de tudo cumpre, que um pesado
 (156 até 178.)

Cilindro a eira aplane, e á mão coberta,
 250 Com tenaz greda, solidêz adquira;
 D' hervas assim se evita o nascimento,
 Ou que, em pó convertida, se abra em fendas:
 Pestes varias então lhe armam ciladas;
 O ratinho do campo em subterraneos
 255 Sua morada põe, faz seus celleiros;
 Cega toupeira a terra mina, e escava;
 O sapo immundo, e reptis sem conto
 Em covas apparecem; grandes montes
 O gorgulho de grãos consome, e a cauta
 260 Formiga, do futuro receosa.

Nos bosques contemplai a amendoeira,
 Quando os ramos lhe curvam odorosos
 As flores, que os revestem; se em seus fructos
 Largamente prolifica se ostenta,
 Signal é que no Estio ardente os trigos
 265 Com abundancia igual darão colheita;
 Mas se o troneo abundar somente em fôlhas,
 Não mais, que palha, tirareis das eiras.

Vi na verdade a muitos lavradores,
 Antes de irem á terra confial-as,
 270 Mediar as sementes, borrifando-as
 Com albufeira negra e com salitre;
 Dos fallazes cazulos esperando
 Assim fructos mais grados, e mais promptos
 A um fôgo, inda que brando, em se cozerem:
 275 Degenerar porêm vi sempre os fructos,
 Com grande e longo afan ambicionados;
 Salvo quando annual euidado assiduo
 Vi applicado á escôlha das sementes:
 Tal é da sorte a lei irresistivel,
 280 Triste declinação abrange a tudo:

(179 até 200.)

- Succede o mesmo ao nauta, que a corrente
 Vencer pretende com o remo em punho;
 Se afrouxa os braços, subito é levado
 Das aguas pela fôrça a rumo opposto.
- 285 Ao lavrador converte tanto do Arcturo
 Os astros observar, e dos Cabritos
 Os dias, e o Dragão resplandecente;
 Como ao piloto, que, voltando á patria,
 Por mares verdes, tem de entrar do Abydo
- 290 Ostrifero no estreito borrascôso.
 Apenas a Balança iguale as horas
 Do somno e da vigilia, dividindo
 Do Orbe pelo meio a luz e as trevas,
 Ponde em acção os touros; pelos campos
- 295 Semeai a cevada até do Inverno
 Intractavel a chuva derradeira: (13)
 Tempo é tambem de soterrar do linho
 A semente, e de Ceres a papoula, (14)
 Das mãos o arado não largando, em quanto
- 300 As nuvens sôbre a sêca terra pendem.
 As favas semeai na Primavera; (15)
 E, quando co' as douradas pontas abre
 O anno o candido Touro, e Sirio foge, (16)
 Cedendo o seu logar ao astro opposto,
- 305 O' trêvo, os pôdres sulcos bem te acolhem,
 E é chegado do milho o annual cuidado:
 Mas se de trigo, e de robusta escândea,
 Para as mêsses colhêr, o chão lavrardes,
 E aos de pragâna cereaes somente
- 310 O trabalho applicais; deixai se occultem
 Primeiro as Pleyadas, e do Ceo se ausente (17)
 A Cretense Corôa luminosa;
 E, sem do anno a esperança antecipardes,
 (201 até 223.)

- A terra violentando, então aos sulcos
 315 Confiai a semente. = Antes do occaso
 De Maia a semear muitos começam, (18)
 Mas espigas sem grão por fim recolhem :
 Porém se o cizirão vós semeardes, (19)
 E o mui vulgar feijão, nem da lentilha
 320 Pelusia desprezardes a cultura, (20)
 Não obscuros signaes de um tal trabalho
 Começar vos dará cahindo o Boótes, (21)
 E até dos gêlos o meado ature.
- Em partes fixas o Orbe dividido,
 325 Por signos doze o Sol dourado rége
 Todo o espaço mundano : Zônas cinco
 O Ceo occupam todo; uma abrazada,
 Do Sol sempre debaixo, o fogo a torra :
 Dos dous extremos da direita e esquerda
 330 A's duas glaciaes dão triste nome
 Ceruleo gèlo, densos nevoeiros :
 Entre estas e a do meio os Deoses deram
 Aos miseros mortaes por dom sem prego
 Outras duas, que Phebo apenas toca
 335 Dos signos dôze na obliqua estrada.
- Na Scythia e Ripheos montes levantado,
 Para a Lybia descáhe, se abate o Globo :
 Do Norte o pólo sempre se sublima
 Sobre a nossa cabeça, e aos pés nos ficam
 340 A negra Styge e o Tártaro profundo :
 Bem como um rio em sinuosas voltas,
 Corre o Dragão polar por entre as duas
 Ursas, receosas das equoreas ondas :
 No polo do Austro ou silenciosa a noute
 345 Se mostra envôlta sempre em trevas densas,
 Ou leva a aurora alli, de nós fugindo,
 (224 até 249.)

A luz e o claro dia; e quando Phebo
C'os Ethontes nos vem tocar no oriente,
Para elles então Véspero surge.

350 Assim a Esphera conhecida, é facil
Prevêr das Estações o curso, e o tempo
Da sementeira, e os dias da colheita:
Bem como quando o infido mar convenha
C'os remos dividir, e armadas frotas
355 Fazer sahir do pôrto, ou ir aos bosques
O pinheiro cortar em sazão propria.
Não é pois vã sciencia e estudo inutil
Dos Signos conhecer o Oriente, e o Occaso,
Que em tempos quatro o anno inteiro partem.

360 Quando ao agricultor em casa prende
A fria chuva, empregue-se aguçoso
Nas obras, que em sereno tempo á pressa
Precisavã fazer: da gastã rêlha

O duro dente desengrosse, e amole,
365 Gamellas forme de cavados troncos,
Marque o seu gado, as tulhas enumere;
Vão outros aguçar páos e forquilhas,
Da vinha para a êmpa aprestem vimes,
Ou cabazes com rubra vêrga teçam,

370 Torrem ao fôgo o grão, ou do moinho
Vão co' a pedra em farinha convertel-o.

Os proprios dias festivaes não vedam
Certas occupações, nem algum culto
Dos prados prohibio a réga, e as mésse

375 Com séves circumdar, armar ciladas
A's aves, e queimar inuteis sargas,
E nas dos rios saudaveis aguas
Refrigerar lanigeros rebanhos:
Do ronceiro jumento ás costas leva

(250 até 273.)

- 380 O rustico aldeão não poucas vezes
 Em taes dias o azeite e humildes fructas
 A' vizinha cidade, e em seu retôrno
 Traz para casa a já picada pedra,
 Ou traz tambem de pèz a negra massa
- 385 A mesma Lua em seu variado curso
 Dias felizes de trabalho marca,
 Outros marca aziagos: Quinto dia
 Apòs a Lua nova é desastroso;
 O pállido Plutão e as negras Furias
- 390 Nelle fôram gerados — parto horrendo!
 Produzio em tal dia a Terra os impios
 Céu, Japeto, e Typhêo diro, inhumano,
 E os irmãos, que escalar o Ceo tentaram;
 Commetteram por vezes tres ao Pélion
- 395 O monte sobrepôr Ossa, e o frondoso
 Olympo em cima erguer; mas por tres vezes
 Fulminou Jove tão immensa móle:
 E' venturoso o dia dezesete
 Para vinhas plantar, domar novilhos,
- 400 E para urdir as teias; melhor inda
 E' para o fugitivo o dezenove, (22)
 A ladrões é porêm tal dia adverso.
 Muitas obras melhor na fria noute
 Podem effectuar-se, ou quando as terras
- 405 De fresco orvalho o nôvo sol inunda;
 De noute os prados áridos entregam
 A' mão do ceifador leves espigas
 Melhôr, do que de dia; o lento orvalho
 Sempre das trevas acompanha as horas.
- 410 Algum junto ao fogão nas longas noutes
 Do Inverno se entretêm co' afiado feiro
 Páos em fórmula de espigas aguçando;
- (274 até 292.)

- Em quanto d'elle a par a fida esposa
 Cantando adoça o longo seu trabalho
- 415 Da teia co' a sonora lançadeira (23)
 O lavôr percorrendo, ou já cozendo
 Do dôce môsto o liquido, e com ramos
 Espumando a caldeira trepidante.
 Mas das mèses ceifar, trilhar nas eiras
- 420 Só no meio do Estio é proprio o ensejo.
 Despido o agricultor lavre, e semeie,
 Reserve o Inverno para o ocio brando :
 Dos frios na Estação dos fructos goze
 Das suas annuaes, longas fadigas,
- 425 E em mutua convivencia alegre folgue
 Com banquetes frugaes; convida o Inverno
 A entregar ao prazer, depondo as lidas :
 Assim, voltando ao porto, alegre o nauta
 Adorna as pôpas com festões de flores.
- 430 Mas quando a neve cobre a terra e os rios,
 Ainda assim do Inverno é proprio o tempo
 Das landes varejar, do louro as bagas,
 Negra azeitona, rubidos mortinhos;
 De armar laços aos greus, colhêr nas redes
- 435 Os gâmos, e das lebres orelhudas
 Correr em seguimento, e imbelles cõrças
 Co' a pedra derrubar, que a funda arroja.
 Dos temporaes do Outouo, e dos seus astros
 Agora que direi? quando é mais curto
- 440 O dia, e do calôr tambem a ardencia,
 Quaes vigilancias empregar não deve
 Dos campos o cultor? Ou dos chuveiros
 Quando a quadra vernal do anno assôma,
 E o campo cobrem já em spiga as messes,
- 445 E no cazulo o trigo em leite medra?

(293 até 317.)

Muitas vezes eu vi, quando o ceifeiro
 Nos louros campos derribava a seara,
 E cottando hia já as frageis canas
 Da cevada, borrasca furiosa
 450 Romper dos ventos em cruel batalha,
 Do chão desarraigar grávida espiga,
 E em negros turbilhões a palha e o côlmo
 Levar voando pelos turvos ares.

Muitas vezes-tambem o Ceo despeja
 455 Immenso peso d'agua, que átras nùvens,
 Amontoadas no ar, borrasca horrenda
 Armam de chuvas, que do seio arrojam :
 Desfaz-se em agua a abobada celeste,
 Dos bôis destroe trabalhos, sementeiras;
 460 Della se enchem as covas, com bramido
 Crescem, transbordam os profundos rios,
 Referve o mar em ondas levantadas.
 O proprio Jove, envôlto em nevoeiros,
 Co' a coruscante mão raios despede ;
 465 A Terra treme, as feras fogem, prostra
 O peito dos mortaes pavôr humilde :
 Elle porêm c'os dardos flammejantes
 Os Athos, Rhólope, elevados montes,
 Ou Ceraunios derriba; os Austros gemem,
 470 E' densissima a chuva, um vento horrivel
 Os bosques faz bramir, e as êrmas praias.

Deste mal receosos, mezes, astros
 Lêde, estudai na abobada celeste :
 De Saturno observai a fria estrella
 475 Qual toma direcção, e quaes os giros,
 Que faz no Ceo o lucido Mercurio.
 Os Deoses sobre tudo honrai sagrados ;
 A' grande Céres tributai offrendas,

(318 até 339.)

- Sobre as hervagens operando lidas,
 480 Quando ao findar do Inverno a Primavera
 Já serena se ostenta; os cordcirinhos
 São mais nediós então, são mais macios
 Os vinhos, mais suaves são os somnos,
 E já os montes cobrem sombras densas :
 485 A campesina mocidade em massa
 Então em favor vosso adore a Céres :
 Em brando vinho e leite diluidos
 De mel os favos lhe offertai devoto ;
 A victima feliz aos novos trigos
 490 Por vezes tres dê volta, e o Côro intciro
 E os socios a acompanhem jubilosos,
 Bradando a Céres, que os celleiros encha :
 Antes que a fouce applique aos pães maduros
 O lavrador, a fronte coroadá
 495 Com grinaldas de ramos de carvalho,
 Desenvôlto bailando invoque a Céres,
 E o seu louvor com hymnos apregõe.
 Em seu giro mensal nos mostra a Lua
 Por quaes certos signaes prevêr podemos
 500 Os calôres, e chuva, e frios ventos ;
 Assim Jove o statuiu : ella annuncia
 Quando acalmam tambem do Austro as furias ;
 Assim de que, isto vendo os lavradores
 Vezes muitas, prudentes conservassem
 505 Vizinhos aos curraes seus armentios.
 Subito os ventos tempestuosos rompem,
 Ou no agitado mar as vagas surgem
 Em altos escarcéos, e nas montanhas
 Um árido fragor entra a sentir-se,
 510 Ou resoar ao longe as praias se ouvem,
 E crescer o rumor grande das selvas :

(340 até 359.)

- Mal podem supportar as curvas barcas
 O impeto das ondas, quando fogem
 Os mergulhões do alto mar ligeiros,
 515 E vem clamando agazalhar-se ás praias;
 Ou quando em sêco brincam as gaiyotas;
 Ou desampara os conhecidos bréjos
 A garça, e sobre as nuvens se remonta.
 Muitas vezes tambem do vento o assalto
 520 Imminente annunciam as estrellas
 Como do Ceo cahindo, e em noute umbrosa
 Longos traços de chammas alvacentos,
 Folhas e leves palhas no ar voando,
 Ou pennas volteando á tônia d'agua :
 525 Mas quando do sanhudo Norte os rumos
 Relampago sulphureo acende, e cresta,
 Ou do Zephiro e do Euro o Ceo troveja,
 Do campo inteiro os sulcos d'agua se enchem,
 No mar alto recolhe o nauta as velas.
 530 Nunca aos proprios incautos acommettem
 D' improvizo os chuveiros borrascosos;
 Agora os groues dos fundos valles fogem;
 Agora para o Ceo voltada, os ares
 A novilha co' as ventas largas sorve;
 535 Agora em tórno aos lagos faz mil giros
 A chilreira andorinha, e as rãas no charco
 Entoam com a voz antigas queixas;
 E a formiga, trilhando a estreita via,
 Conduz seus ovos a seguro pouso;
 540 O grande arco celeste as aguas bebe;
 E em cerrado esquadrão, largando o pasto,
 De córvos grande multidão os ares
 Açouta, e faz soar co' as azas densas.
 Já se mostram do mar as várias aves,

545. E as que da Asia nos dôces lagos pascem,
 Que circumdam os prados do Caystro,
 A' porfia nos hombros infundindo
 Copioso orvalho, ou já dentro das onças
 Escondendo a cabeça, ou já nadando,
 550 E de lavar-se no baldado intento
 Mostrando com mil gestos a alegria.
 Com cheia voz no em tanto a gralha infesta
 A chuva está chamando, e solitaria
 Lenta divaga pela sêca areia :
- 555 Té a môça, que fiando as noutes passa,
 A borrasca presente, ao vêr que a chamma,
 Que da candêa na torcida brilha,
 Em morrões convertida a miudo espirra.
 Finda a chuva, tambem dias serenos;
- 560 E a tornada de um Sol e claro e puro
 Por signaes certos conhicer podemos :
 Nada então faz obtusa a luz dos astros,
 Nem se vê levantar sôbre o horizonte
 Ao resplandor do Irmão obnoxia a Lua ; (24)
- 565 Nem de lãã tenues flocos o ar percorrem ;
 Nem os alciões de Tethis tão prezados
 Abrem na praia ao Sol tépido as pennas ;
 Nem co' a tromba o suino immundo gado
 Espalha aqui e alli sôltas pavêas :
- 570 Mas as mais baixas regiões buscando,
 Vem as nevoas pousar sobre as campinas ;
 E do alto do espigão do Sol o occaso
 A coruja espreitando, em vão repete
 Seus vagarosos, agoureiros cantos. (25)
- 575 Sôbre os liquidos ares apparece
 Niso para punir na filha o ultrage
 Do cabello purpúreo ; ella fugindo

(384 até 406.)

- Corta co' as azas os ethereos plainos ;
 580 Inimigo cruel , Niso a persegue ,
 Das pennas c'õo zunido o ar atrõa ;
 Niso aos ares se eleva , e ella ligeira
 Prompta se escapa , remontando ás nuvens.
 Tres quatro vezes da garganta soltam
 585 Então os córvos as argutas vozes ,
 E nas altas moradas vezes muitas ,
 Com regozijo insolito contentes ,
 Entre a folhagem , já volvido o Inverno ,
 Uns com outros folgando estrepitosos ,
 590 Tornam a vêr a prole , e doces ninhos :
 Que um ingênito dom , do alto inspirado ,
 Nelles haja não creio , e ao seu destino
 Superior , ou racional prudencia ;
 Mas se a tempérie e humor movel dos ares
 595 Tomou direcção nova , e humidos Austros
 Condensam o que é raro , e o duro afrouxam ;
 Tambem as varias d'animaes especies
 Sentem mudança em si , e experimentam
 Movimentos diversos em seus peitos
 600 A sabôr das que os ventos nuvens movem :
 D'aqui procede a musica das aves ,
 Que , em vindo a Primavera , os campos enche ;
 D'aqui dos gados o prazer festivo ,
 E até dos Córvos o cantar ovante.
 605 Se porêm do Sol rapido , e das Luas ,
 Que vem depois , na marcha repararmos ,
 Nunca nos burlará crástino dia ;
 Nem as insidias da serena noute
 Nos colherão de subito em seus laços :
 610 Se após a Lua nova as do Crescente
 Duas pontas um Ceo negro abarcarem ,

- Grande chuva ameaça o mar e a Terra :
 Se virginio pudor lhe cobre a face ,
 E' de vento signal ; sempre a aurea Lua ,
 615 Quando vento ameaça , se avermelha :
 Se o quarto dia (tal signal não falha)
 Pura e brilhante o Céu n'ôl-a apresenta ,
 Neste dia não só , um mêz inteiro
 Chuva não cabirá , nem rijos ventos
 620 Os ares turvarão ; e os marinheiros
 A salvo cumprirão na praia os votos
 Do mar feitos aos Numes , d'Ino ao filho
 Melicerta , e ao deus Glauco , e a Panopêa.
 Signaes dará tambem o Sol ou nasça ,
 625 Ou nas ondas mergulhe o disco ardente ,
 Certissimos , já quando a Aurora segue ,
 Já quando dá logar da noute aos Astros :
 Se ao nascer vem de manchas salpicado ,
 Meio rosto escondido em nuvens densas ,
 630 Receai-vos de chuva ; humidos ventos ,
 A's árvores , searas e rebanhos
 Adversos , descerão do Ceo neb'lôso :
 Ou se apenas de luz mui tenues raios
 Por entre densas nuvens apparecem ;
 635 Ou se pállida surge , e deixa a Aurora
 Do seu Titão o leito purpurino ,
 Ai ! das uvas , que teuras inda as parrás
 Mal podem defender do crepitante
 Sôbre os tectos horrisono pedrisco.
 640 Quando a diurna carreira o Sol completa ,
 Depois de haver medido a Olympia estrada ,
 Tambem cumpre observal-o ; o seu semblante
 Varias côres off'rece , a azul de chuva ,
 De ventos é signal a côr purpurea :

(429 até 453.)

- 645 Se o brilhante fulgôr manchas lhe encobrem,
 Chuva e vento haverá em copia immensa,
 E em tal noute ninguem dos altos mares
 Me verá confiar, deixando as praias:
 Mas se do dia no começo, e têrmo
- 650 Mostrar luzente disco, é susto inutil
 Chuveiros recear, antes as selvas
 Agitadas vereis por limpo Norte.
 Signaes do que trará consigo a estrella
 Vespertina da tarde, qual dos ventos
- 655 Nuvens serenas soprará, ou quando
 O humido Austro arrojará chuveiros,
 O Sol em fim dará: Que o Sol nos minta
 Quem audaz a affirmar pode atrever-se?
 Muitas vezes até motins occultos
- 660 Nos chega a annunciar, e fraudes, guerras.
 De Roma condoido, elle na morte
 De Cesar occultou nitida a fronte
 Em ferrugineo véo caliginoso,
 E noute fêz temer eterna aos impios
- 665 Humanos deste seculo perverso:
 Disso deram signaes a Terra, os mares,
 E cães immundos, aves importunas.
 Quantas vezes não vimos as campinas
 Dos Cyclopes ferver; e o Etna, as fornalhas
- 670 Rôtas, tudo inundar, globos de chammas
 E derretidos seixos revolvendo!
 Estampido guerreiro da Germania
 Por todo o Ceo se ouviu; com abalo os Alpes
 Insólito tremêram; vozaria
- 675 Ingente se escutou soar nos bosques
 Até alli silenciosos; e fantasmas
 Amarellas da noute pelo escuro

(451 até 478.)

- Viram-se em fôrma horrenda : (caso infando !)
 Té os brutos faláram ; na corrente
- 680 Os rios páram , abrem-se as entranhas
 Da Terra ; do marfim lagrimas tristes
 Se vêm correr nos templos , bronzes suam :
 Dos rios o Eridano monarcha
 Com furioso inundou vórtice as selvas ,
- 685 E envolvêo , alagando os campos todos ,
 Nas vagas ondas os curraes e armentos :
 As entranhas das victimas mostraram
 Ameaçadores , horridos agouros :
 Vio-se o sangue manar dos fundos póços ,
- 690 E pelas sombras da caladã noute
 Lôbos uivarem dentro das cidades.
 Nunca em sereno Ceo coriscos tantos
 Cahiram sobre a Terra , e igneos Comêtas
 Tantos crestaram do horizonte os campos :
- 695 Viram-se em fim lutar Romanas hostes
 Segunda vêz nos campos de Philippes :
 E consentio o Ceo , que o sangue nosso
 Por vezes duas engrossasse Iimathia , (26)
 E os largamente extensos campos do Hemo !
- 700 Um dia o lavrador , que áquellas plagas,
 Dêr cultura , co'arado abrindo a terra ,
 Lanças encontrará enferrujadas ,
 Ou dará nos vazios capacêtes
 C'os pesados ensinhs , admirando
- 705 Os , alli sepultados , grandes ossos.
 Da patria , ó Deoses , Romulo e mãi Vesta ,
 Do Tibre Êtrusco e alcáceres sublimes
 De Roma protectôra , ah ! dai , que ao menos
 A um seculo em ruinas possa o apôio
- 710 Este Joven prestar ; penas sobejas (27)
 (479 até 501.)

- Apagado já tem c'o sangue nosso
De Troia Laumendôntea os perjurios :
Ha muito já que o Ceo a posse tua,
O' Cesar, nos inveja, descontente
715 De que humanos triumphos solicites ;
Pois n'um só confundido o justo e o injusto,
Em guerras tantas envolvido o Globo,
E de torpezas mil todo inundado,
Honra já se não presta digna ao arado,
720 Jazem tôrpes os campos sem colônos ,
Curva fouce se funde em dura espada ;
Move a guerra a Germania, move-a o Euphrates ;
Té as visinhas cidades armas tomam ,
As leis quebrando, que as ligavam , mutuas ;
725 No Orbe todo o impio Marte se embravece ,
Bem como quando, sôltas das barreiras
Pelo estádio as carroças abrem campo,
E em vão tirando as redeas o cocheiro,
Pelos cavallos é levado á força,
730 Sem ouvirem das redeas o governo.

(502 até o fim.)

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.

NOTAS

AO LIVRO PRIMEIRO.

- (1) Verso 5. — Dando-se, conforme varios interpretes, outra intelligencia á frase — *apibus quanta experientia parcis* —, pode traduzir-se assim :

Quanta experiencia a das frugaes abelhas.

- (2) Verso 17. — Este *cultor dos bosques* é Aristêo, cuja fabula occupa uma bôa parte do Livro 4.^o das Georgicas desde o Verso 508. desta minha traducção até proximamente ao fim.

- (3) Verso 25. — *O joven Inventor do curvo arado* é, no sentir de quasi todos os Commentadores, *Triptolemo d' Eleusis*, a quem, segundo a fabula, Ceres ensinou a arte de lavrar a terra. Querem outros, que seja o *Egyptio Osiris*; ainda outros, que seja um *Briges Atheniense*.

- (4) Verso 41. — Muitas são as opiniões, que ácerca da *Thule extrema* tem corrido entre os antigos e modernos Geographos : mencionaremos as principaes. — O viajante Pytheas, Grego da Colonia Phocense de Marselha, e que se julga ter vivido no seculo de Alexandre Magno, foi o primeiro, que deo noticia da *Thule extrema*, parecendo designar por ella, conforme alguns Geographos, a ilha boreal, conhecida pelo nome de *Islandia*. — Pretendem outros, que aquella denominação deve competir ao archipelago de *Schettland*, situado ao Nordeste da Escocia, da qual é uma dependencia. — Outros, que a *Thule* de Pytheas nenhũa outra cousa é, senão a costa occidental da península da *Jutlandia*, a que elle abordára em uma das suas viagens. — Outros finalmente, que por tal denominação é designada uma parte da *Noruega meridional*. — Todavia o que parece mais provavel é, que pelo vocabullo *Thule* quizeram entender Pytheas, assim como os mais Geographos da antiguidade, e bem assim designar

a terra mais ao Norte da Europa, de quantas lhes foram conhecidas; pois que o nome *Thyl*, ou *Thul*, ou *Tell* era uma especie de appellativo na linguagem dos povos Septentrionaes, o qual no Saxonio antigo significava o mesmo, que *limite*. (Vid. sobre este problema geographico Mr. Gosselin — *Recherches sur la Géographie systematique et positive des anciens* . . . Tom. 4.º pag. 170. até 180; e Mr. Malte-Brun — *Précis de Géographie Universelle*, Tom. 1.º Liv. 6. &c. &c. &c.)

- (5) Verso 43. — Canões (*Lusiadas* Cantº 1.º est. 16.) imitou este logar de Virgilio nos seguintes versos:

Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote apparellado,
Que, affeiçãoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

Dei a Tethys o epitheto de *formosa*, fundado nos dous logares do mesmo Poema, 1.º (Cant. 6.º est. 21.) :

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha.

- 2.º (Cant. 9.º est. 85.)

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o Côro das Nymphas, e obedece,
Que dizem ser de Cælo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha.

- (6) Versos 44 até 49. — O logar do Ceo, assignado aqui por Virgilio para Augusto, convertido em astro, é no Zodiaeo entre o Signo de *Virgo* (Erigone), e o de *Scorpio*, onde presentemente se acha collocado o Signo de *Libra* (a Balança), o qual os Astronomos antigos não contavam em o numero dos outros Signos: logar que era occupado pelos braços e pela cauda do *Escorpião*, ao que allude o Poeta Ovidio nas *Metamorphoses* Liv. 2.º Vers. 195. até 197, dizendo:

*Est locus in geminos ubi brachia concavat arcus
Scorpius, et cauda flexisque utrinque lacertis
Porrigit in spatium signorum membra duorum:*

Designa por tanto o Poeta este logar para Augusto, alludindo ao seu character de justiça e de equidade, do qual é symbolo a *Balança*. (Vid. Heyne em a Nota a estes versos das *Georgicas*).

- (7) Verso 91. — *O Arcturo* ou *Bootes* (o *Boieiro*) é uma constellação de setenta estrellas, visinha á *Ursa-maior*, a qual, conforme *Plinio*, nasce ouze dias antes do *Equinoxio* do *Outono*, tempo em que, diz o *Poeta*, se hão de lavrar as terras magras com um só régo ou arado pelas razões, que aponta.
- (8) Verso 100. — E' do feijão, que fala provavelmente *Virgilio* neste verso; ou talvez do grão de bico, a qualquer dos quaes pode applicar-se a expressão de folhêlho quebradiço (*siliqua quassante*), com que designa este legume.
- (9) Verso 101. — Ao vocabulo Latino *viciæ*, empregado por *Virgilio* no verso 75, que corresponde ao 101 desta minha traducção, dão os differentes traductores Portuguezes significações diversas: *Leonel da Costa*, e o *Dr. Lima Leitão* dão-lhe a significação de *ervilhas*; *Osorio de Pina* a de *lentilhas*; o *Padre Francisco Furta-do*, *Jesuita*, na sua traducção inédita, a de *cizirão*, especie de ervilhaca de vagem cylindrica, a qual, diz em Nota a este logar, se semeia (julgo que em *Italia*, onde elle escrevia) para verde, que dá muito grande substancia para bestas, principalmente bovinas; e a semente serve para alimento de aves domesticas, e em particular para pombas. — O *Allemão Heyne* em annotação a este verso de *Virgilio* escreve o seguinte: *tenuis vicia, quia tenui semine, si cum faba compares: nam tenuem culmum cum ceteris communem habet*. Neste modo de expressar-se não parece propender *Heyne* para dar ao vocabulo a significação de *ervilha*? Sendo esta a sua verdadeira significação, pode o verso traduzir-se: Ou d'onde se collêram tenra *ervilha*. E' para se notar, que dando *Osorio de Pina* neste verso a significação de *lentilhas* ao vocabulo *viciæ*, adiante, traduzindo o mesmo vocabulo no verso 227. do *Original Latino* lhe dá a significação de *ervilhas*!!!
- (10) Verso 161. — *Os mezes incertos ou duvidosos*, a que o *Poeta* se refere neste logar, são, segundo *Servio*, os tres mezes do *Verão*, e os tres do *Outono*: porque nos tres do *Inverno* o frio é certo, e nos do *Estio* é certa a calma: mas nos tres do *Verão*, e nos tres do *Outono* ora ha calmas, ora ha frios, e por isso incertos. (Nota de *Leonel da Costa*).

(11) Verso 232. — Nos mysterios de Eleusis figurava emblematicamente uma *jocira*, a qual era conduzida com grande pompa; porque assim como ella serve para separar o bom do máo grão, do mesmo modo o iniciado naquelles mysterios devia ter uma vida pura e limpa de toda a mancha.

(12) Versos 238, e 239. — Este logar das Georgicas tem sido entendido de muitos e varios modos pelos traductores e interpretes de Virgilio: apontaremos alguns. — Leonel da Costa véte o verso —

Binæ aures, duplici optantur dentalia dorso

. duas orelhas,
E com dobrado lombo os seus dentaes:

Mas que quererá dizer isto? A explicação, que dá em a Nota, é igualmente inintelligivel. —

Osorio de Pina paraphrasêa o verso Latino do modo seguinte: —

. um par d'orelhas,
Que tem por fim regêr do rêgo as bordas,
Ambas iguaes, discreto lhe apropriã,
Daquelle ferro o calça, que implacavel
Com seu dente mordaz lacera o campo.

Quem chantará a isto traducção do verso de Virgilio? —
O Dr. Lima Leitão: —

Dois dentaes se lhe põe, duas aivecas:

Que *dentaes* duplos serão os, que manda pôr no arado
o Dr. Lima Leitão? Nos Diccionarios não se encontra a
palavra *dental* com applicação algũa ao arado. —

Mr. Delille, traduzido, ou sequer imitado por Osorio de Pina (confronte-se um com outro assim neste, como em mil outros logares) paraphrasêa tambem o verso latino de Virgilio, como se vai lèr: —

Le fer dont le tranchant dans la terre se plonge,
S'enchâsse entre deux coins d'où sa pointe s'alonge:
Aux deux cotés du soc de larges orillons,
En écartant la terre, exhausent les sillons. —

O moderno traductor Francêz, Mr. Ferdinand Collet, mais conciso, limita-se a traduzir assim: — puis on enclave dans le cep deux oreillons et un double soc. —
Esta traducção está mui distante da letra do original: E eis aqui como correin por esse mundo litterario muitas das chamadas traducções dos autores classicos!!! —

Heyne, em a Nota a este logar, tendo entendido primeiramente o vocabulo *dentalia* como significando a ponta do arado, onde se embebe a *relha*, decide-se a final, que por elle quiz Virgilio significar a propria *relha* do arado: Em Calepino, é certo, o vocabulo *dentale* serve para significar um e outro objecto, como o mostram as suas palavras seguintes: — *Lignum, cui vomer arandi causa inducitur: sed pro vomere poni solet.* — Tomado o vocabulo nesta ultima accepção, pode o verso traduzir-se:

Duas aivecas, adaptai-lhe relhas

Ao duplicado dorso:

ou antes:

Duas aivecas, e com duplo dorso

Lhe accommodai a rellia:

Tudo isto porém são meras conjecturas; pois como é que pode saber-se a verdadeira construcção do arado Romano antigo? Comtudo o Jesuita Português Padre Francisco Furtado em uma Nota á sua traducção inedita das Georgicas de Virgilio, a qual Nota se encontra no Appendice ás mencionadas Georgicas, feito por J. J. Roquette á edição das obras do Poeta Latino, interpretadas e illustradas por Carlos de La Rue, Paris 1846, a pag. 428, e Nota *H*, pretende dar uma noção exacta do arado, cuja descripção se acha em Virgilio no verso, a que nos referimos, ajuntando-lhe uma estampa, que diz encontrára riscada em um tijôlo, por elle visto em Roma &c. — A explicação, dada naquella Nota pelo Jesuita, é ainda assim mesmo bem pouco intelligivel; mas ella deita por terra todas as explicações ou intelligencias, que a este logar difficil tem dado todos os traductores e interpretes, de que temos conhecimento. Cumpre de mais notar-se, que a sobredita estampa é inteiramente differente da que se encontra no volume de estampas da Encyclopædia methodica, Parte *Antiguidades*, estampa 333, dizendo-se aliás no texto — *Charrue composée d'après les Géorgiques de Virgile* — (I. 160. &c.) — Sem entrarmos pois aqui nas razões, por que temos por pouco intelligivel, e talvez por pouco segura a noção, que do arado de Virgilio pretende dar o Jesuita Padre Furtado, o que alargaria em demasia esta nossa Nota, que talvez vá já longa de mais; reme-

- temos os leitores curiosos desta antigualha para a lição do Livro e logar por nos apontado; e folgaremos, que com ella mais se satsifação, do que a nós nos satsifcz.
- (13) Verso 296. — Este logar de Virgilio tem parecido eseu-ro a muitos Commentadores, e a alguns traductores, taes como Mr. Delille: Por quanto diz este: » Plinio expliea fundamentalmente esta passagem, escrevendo, *Virgilius seri jubet hordeum inter æquinoxium autumnii et brumam*; mas a palavra *extremam* é obscura em Virgilio. Se o Inverno é intractavel para o lavrador, como pode semear-se a cevada até as ultimas borrascas desta Estação? Não poderia dizer-se, que *extremus* significa a extremidade de uma cousa, ou seja de um, ou de outro lado; e por isso que *extremam imbrem* pode significar tanto as primeiras, como as ultimas chuvas? Isto não passa (continua Mr. Delille) de uma simples conjectura; mas ella concorda com tudo, quanto tem escripto Varrão, Cação e Columella, os quaes asseguram, que os lavradores peritos se abstem escrupulosamente de agricultar a terra durante o tempo chamado *bruma*; e o proprio Virgilio o dá a entender com a palavra *intractabilis*. Alem de que, trata-se aqui da cevada, a qual Columella assevera nunca deve ser semeada senão em terra sêca. » — Entretanto Heyne é de opinião, que por *bruma intractabilis* não quer dizer o Poeta, que por causa do rigor do frio se não possa fazer cousa alguma; porém somente, que é um tempo duro, áspero e quasi indomito, e que mal pode veneer-se, e tolerar-se: Isto em quanto ao vocabulo *intractabilis*, sobre que Mr. Delille apôia a intelligencia, que pretende se dê a este logar: E acrescenta Heyne que por *usque ad extremam imbrem* quer Virgilio entender até o *Solsticio brumal*, podendo por *bruma* entender-se todo o Inverno, cuja primeira parte é chuvosa, e a outra nivosa e gelada; e por isso, que a cevada deve ser semeada até as derradeiras chuvas, e antes que o frio principie.
- (14) Verso 298. — *De Ceres a papoula*, assim denominada (segundo Leonel da Costa); ou porque antigamente se comia, como qualquer outro pão; ou porque Ceres a comêo para remedio da sua dôr. — Heyne porém diz, que foi assim chamada, por costumar ser o ornato symbolico de Ceres nas medalhas, e entre os Poetas.
- (15) Verso 301. — As *favas*, de que Virgilio aqui fala, são um

legume differente do que é entre nós conhecido por esse nome : e redondo e pequeno, (Nota de Heyue) : Pois bem sabido é pelos lavradores actuaes, que a sementeira da nossa fava deve ser feita nos fins do Outono, ou já no Inverno.

(16) Verso 303. — Os antigos contavam na abobada celeste duas Constellações denominadas *Sirius* ou *Cão*, uma grande composta de cincoenta e quatro estrellas; e outra pequena composta de dezeseite : dellas a primeira nasce em Maio, que é aquella, a que o Poeta aqui se refere; e a segunda, chamada vulgarmente *Canicula*, nasce pelos fins de Julho.

(17) Verso 311. — As *Pleiadas* e as *Hyadas*, denominadas pelos poetas *Atlantides*, por serem, segundo a Mythologia, filhas de Atlânté, são tambem duas Constellações, das quaes a primeira nasce no Verão, e a segunda desaparece do horizonte nos fins de Outubro, isto é, na Estação, em que tem já começado a cahir sôbre a Terra as chuvas do proximo Inverno. Toma-se muitas vezes uma pela outra. — A *Corôa-lumiosa* é ainda outra Constellação, a qual, diz Columella Liv. 12. Cap. 2., nasce aos nove de Outubro; e põe-se, na opinião de Virgilio, pelos fins de Novembro, que é quando manda fazer a sementeira dos trigos.

(18) Verso 316. — *Antes do occaso de Maia*. Esta Maia é uma das Pleiadas, que o Poeta aqui toma pela Constellação inteira. — É notavel, relativamente ás sementeiras, a seguinte passagem de Columella : *Vetus est agriculturalium proverbium : Maturam sationem sæpe decipere solere ; seram nunquam, quia mala sit.* — Deste mesmo proverbio faz commemoração Plinio no Livro 18. Cap. 56.

(19) Verso 318. — Verti por *cizirão* tambem aqui o vocabulo *viciam*, como no verso 101, ao qual Leonel da Costa, Osorio de Pina e o Dr. Lima Leitão dão a significação de *ervilha* : Se alguem entender porém, que esta é que deve ter preferencia, para esse traduzimos assim :

Se ao mui vulgar feijão, á terra ervilha,
Ou á Egepcia lentilha em vossos prados
Derdes a preferencia, a sementeira
Do Arcturo junto ao occaso principie,
E até dos gelos o meado ature.

- (20) Verso 320. — Pela palavra *Pelusina* allude Virgilio á antiga cidade de *Pelusium* no Baixo-Egypto, situada junto á foz do braço mais oriental do Delta, que o Nilo forma ao desaguar no Mediterraneo, e do nome daquella cidade denominado *braço Pelusiaco*: Era povoação respeitavel por sua fortaleza, e bavida por uma das chaves do Egypto. Nella teve o seu berço o celebre astronomo e geographo Ptolomeu, o qual floreceo em Alexandria pelo meado do segundo Seculo da Era vulgar.
- (21) Verso 322. — Do *Bootes* ou *Arcturo* ficou já tratado em a Nota (7), quando se disse, que a lavoura das terras fracias deve ser feita, segundn Virgilio, quando nasce esta constellação, onze dias antes do Equinoxio do Outôno. Neste lugar porém, diz agora o Poeta, que a sementeira do cizirão, de feijão e da lentilha se faça junto ao oecaso desta Constellação, o qual Columella assigna no dia 21 d'Outubro.
- (22) Verso 401. — Ambos os traductores, Osorio de Pina e o Dr. Lima Leitão, guiando-se pela versão de Mr. Delille, entendêram neste verso, o 287. do original Latino, a palavra *fugæ* por *viagem*, contra a opinião dos melhores interpretes das Georgieas. (Vid. Heyne em a Nota a este verso &c.)
- (23) Verso 415. — Na traducção do verso 294 do Original Latino,
- Arguto conjux percurrit pectine telas,*
- seguimos a Heyne, quanto ás significações, que julga devem dar-se aos vocabulos *arguto* e *pectine*: aos leitores porém, a quem não agradar aquella traducção, offerecemos a seguinte mais litteral, e talvez mais apropriada; a começar desde o verso 293 até 295 do citado original:
- No emtanto o seu trabalho longo a espôsa
Adoçando com o Canto, os tenues fios
Da teia no subtil pente percorre;
Ou dôce môtto ao fôgo coze e espuma
Com folhas a caldeira trepidante.
- (24) Verso 564. — Este lugar do texto, pelo consenso de todos os Commentadores, é um dos de mais difficil intelligencia do Poema: seguimos a interpretação do Allemão Heyne assim em a Nota correspondente, como na luminosa dissertação, feita por elle a este mesmo lugar, a qual se encontra no fim do livro 1.º da sua edição das Georgieas

debaixo do titulo — *Excursus II. ad locum de prognosticis serenæ tempestatis ex pluviali.*

- (25) Verso 575. — Differentes interpretes dão ao verso de Virgilio, correspondente á nossa traducção :

Nequidquam seros exercet noctua, cantus

intelligencias diversas : procede isto de darem ao adverbio *nequidquam* (como Servius, e grande numero de interpretes) a significação de *não*, outros a de *em vão*. Segui-mos no texto a segunda das duas intelligencias, apoiados, no que parece mais conforme á letra do original, que é a mesma abraçada por Heyne assim nas variantes, como em a Nota respectiva. Sem embargo disto, para os, que preferirem a primeira das duas significações do adverbio *nequidquam*, apresentâmos a traducção seguinte :

A coruja, espreitando, não perturba

Já co' a agoureira sua voz as noutes.

Tambem ao adjectivo *seros* dão differentes traductores nacionaes e estrangeiros, uns a significação de *nocturnos*, outros a de *vagarosos* : aquelles, a quem mais agrada a primeira, podem lêr o verso 575. da seguinte maneira :

Os seus nocturnos, agoureiros cantos.

- (26) Verso 693. — *Emothia*, primeiramente denominada *Peonia*, era uma parte do paiz, que, mais estenso em territorio, foi depois conhecido pelo nome de *Macedonia* : alli fôram dadas pelos Romanos duas celebres batalhas junto a duas cidades, chamadas tambem ambas *Philippes*, a primeira na guerra civil entre Cesar e Pompêo; e a segunda entre os Triunviros, Octavio e Antonio de uma parte, e Bruto e Cassio da outra : estavam situadas estas duas cidades junto ao monte *Hemus*.

- (27) Verso 710. — O *Joven*, de quem aqui falla Virgilio, é o Imperador Octavio ou Octaviano Cesar Augusto, a quem se dirigio no principio deste Livro desde o verso 33 até 59.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO PRIMEIRO.

... of the ...

(1) ...

(2) ...

(3) ...

(4) ...

(5) ...

(6) ...

(7) ...

(8) ...

(9) ...

(10) ...

(11) ...

(12) ...

(13) ...

(14) ...

(15) ...

(16) ...

(17) ...

(18) ...

(19) ...

(20) ...

(21) ...

(22) ...

(23) ...

(24) ...

(25) ...

(26) ...

(27) ...

(28) ...

(29) ...

(30) ...

(31) ...

(32) ...

(33) ...

(34) ...

(35) ...

(36) ...

(37) ...

(38) ...

(39) ...

(40) ...

(41) ...

(42) ...

(43) ...

(44) ...

(45) ...

(46) ...

(47) ...

(48) ...

(49) ...

(50) ...

(51) ...

(52) ...

(53) ...

(54) ...

(55) ...

(56) ...

(57) ...

(58) ...

(59) ...

(60) ...

(61) ...

(62) ...

(63) ...

(64) ...

(65) ...

(66) ...

(67) ...

(68) ...

(69) ...

(70) ...

(71) ...

(72) ...

(73) ...

(74) ...

(75) ...

(76) ...

(77) ...

(78) ...

(79) ...

(80) ...

(81) ...

(82) ...

(83) ...

(84) ...

(85) ...

(86) ...

(87) ...

(88) ...

(89) ...

(90) ...

(91) ...

(92) ...

(93) ...

(94) ...

(95) ...

(96) ...

(97) ...

(98) ...

(99) ...

(100) ...

AS GEORGICAS

DE P. VIRGILIO MARÃO.

L I V R O II.

Dos campos a cultura, e astros celestes
Eu cantei até aqui : agora, ó Baccho,
Vou cantar-te, e os silvestres arvoredos,
E da azeitona a prole, vagarosa
5 No crescimento seu : Vem a meu canto,
Vem, ó Padre Liêo (tudo está cheio
Aqui das tuas dádivas, florecem
Por ti no Outono pampinôso os campos,
E da dórna já cheia o vinho espuma) :
10 Vem pois, Padre Liêo, e descalçados
Os cothurnos, as nuas pernas tinge
Comigo no recente, rubro môtto.
Na producção das arvores é vária
Da Natureza a operação primeira :
15 Espontaneas e sem trabalho humano
Algumas nascem, largamente os campos
E os tortuosos rios enchem, cobrem ;

- Taes o molle amieiro e as dobradiças
 Giestas, o álamo, e o verde-brancas fôlhas
 20 Salgueiro fluvial : Outras germinam
 Da semente, que a terra em si recebe;
 Crescem assim os altos castanheiros,
 A azinheira, a mór arvore, que a Jove
 E' consagrada, e o rigido carvalho,
 25 Que oraculos aos Gregos aclarava :
 Arvoredo densissimo pullûla
 Plantado de raiz; assim vegetam
 A cerejeira, o ulmeiro e do Parnaso
 O loureiro, que cresce, quando é nôvo,
 30 Da grande mãi á sombra. Estes primeiros
 Tres modos de existir lhes dêo Natura;
 Com elles reverdecem quantas castas
 D'arvores, que dão fructo, de silvestres,
 E de bosques sagrados, gera a terra.
 35 Outros ha, que inventou a experiência :
 Alguem cortou da mãi tenra vergontea,
 E em sulcos a enterrou : com raiz outra,
 Ou em partes fendida quatro a estaca,
 Ou somente aguçada, ao campo a entrega :
 40 Este curva de um tronco ramos tenros,
 E vivos na natal terra os sepulta :
 De raiz não carecem outras; basta
 Que o podadôr confie ao solo as pontas,
 Para alli vegetarem : Da oliveira
 45 (Cousa admiranda!) um rude páo cortado,
 Se no chão o enterraes, raizes cria;
 E alheios ramos impunidos vemos
 Converterem-se em outros, gerar pêras
 A macieira, troçada a natureza;
 50 E as lapideas, agrestes cerejeiras

(13 até 34.)

Co'as ameixas tornarem-se vermelhas.

Ora pois aprendei, ó lavradores,
De cada um dos generos qual seja
Apropriada a cultura, e os montesinhos
55 Fructos com ella melhorai : as terras
Em ocio não deixeis; de verdes parrás
Cobri o Ismaro monte, e o grão Taburno
De oliveiras se ostente revestido.

Neste já começado meu trabalho (1)
60 Corre a ajudar-me, ó tu, que és o ornamento,
E a parte e a maior da gloria minha,
Claro Mecenas, vòa, e as velas sólta
Ao meu baixel no pelago patente :
Meu intento não é tão vasto assumpto
65 Em poucos versos comprehender; cem linguas,
Cem bôccas, que eu tivesse, e voz de ferro,
Não, para o exhaurir, fôram bastantes :
Vem pois comigo da primeira praia
Correr as costas; jaz á mão a terra;
70 Não me verás prender a attenção tua
Com poeticas ficções, nem com rodícios,
Ou com longos exordios importunos.

As arvores, que aos ares se remontam
Por espontanea força, não fecundas
75 São na verdade, mas vegetam fortes,
Por natural vigor lhes vir da terra :
Mas, enxertadas, e a diff'rente solo
Transplantadas d'alli, cultura assidua
Lhes tira o que é silvestre, e não serôdias
80 Para as artes quaesquer habeis se tornam.
A's vergonteas, que estereis vão brotando
Das de um tronco raizes mais profundas,
Outro tanto acontece, se plantadas

(35 até 53.)

- Fôrem em campo aberto; antes a sombra
 85 Da ramagem frondosa, opaca e densa
 Da excelsa mãe os fructos lhes tollia,
 Ou lhos queimava, quando produzidos.
 A de semente oriunda, vagarosa
 Medra, e sombra dará somente aos netos;
 90 Seus fructos, dos primeiros esquecidos
 Succos, mudam sabor; e se é videira,
 Cachos produz azedos, para as aves
 Só azado alimento; De cultura
 Todas ellas carecem; collocadas
 95 Em rêgos devem ser, e com trabalho
 Tambem domadas incessante e ingente.
 De bacêllos melhor propaga a vide,
 De tanchões a oliveira, e de um grossciro
 Ramo a murta, a Cyprina consagrada:
 100 As duras avelleciras, grandes freixos,
 O álamo sombrio, herculea c'rôa,
 E de Jove a glandifera azinheira,
 Todas melhor vegetam transplantadas:
 Propaga assim tambem a palma altiva,
 105 E a faia, destinada a affrontar mares.
 Outras se enxértam, o asp'ro medronheiro
 Em si perfilha da nogueira o garfo,
 Bôas maçãs já deo plátano esteril,
 E castanhas a faia, co' a flor branca
 110 Da pereira alvejou rijo carvalho;
 E debaixo do ulmeiro, alli creadas,
 Landés já mastigou cerdosa raça.
 Ha de enxertar dous methodos diff'rentes;
 Ou no meio da casca, d'onde os gômos
 115 Rebentam, e as delgadas tônas rompem,
 Se abre no mesmo nó um seio estreito,

(54 até 75.)

- E neste um gérmen de arvore diversa
 Se introduz, e no liber d'humor cheio
 A vegetar se ensina o germen nôvo :
- 120 Ou n'um tronco co' a dura eunha se abre,
 Onde não haja nós, rasgada fenda,
 Que possa receber fecundos garfos;
 Não tarda, que dalli aos Ceos se elevem
 Novos, felizes ramos; pasma o tronco,
- 125 Vendo em si novas folhas, e outros fructos.
 São no genero as arvores diversas;
 O salgueiro varia, o ulmo robusto,
 O Idêo cypreste, o lóto : uma só fórma
 Não tem da oliveira pingue o fructo ;
- 130 Este é globôso, a lançadeira imita
 Na fórma aquelle, ao gosto é outro amargo.
 Variedade se observa igual nos pômos,
 E nos bosques d'Alcinôo; irmãs nos ramos
 Não são as pêras Syrias, as Crustumias,
- 135 E as volêmas, que em pezo ás mais excedem :
 Uvas das nossas arvores não pendem
 Taes, como as que a Methymnia Lesbos colhe :
 De Thaso, e Mariótidés o solo
 Uvas brancas produz, terreno forte
- 140 Estas requerem, mais ligeiro aquellas.
 Para o vinho de passas é mais util
 A Lagêa delgada, e Psytia uva,
 Que os pés fará dançar, prender a lingua :
 Mais cedo a uva purpûrea amadurece :
- 145 Nestes meus versos que direi da Rhetia?
 Mas nem por isso emûlas co' o l'alerno.
 São mais valentes de Aminêa os vinhos,
 No Timólo o oriundo a elles se submette,
 E o proprio rei Phanêo, e a uva Argitis; (2)

(76 até 93.)

- 150 Que, com quanto menor seja em grandeza,
 Na abundancia do succo excede a todas,
 E na dos annos duração longeva.
 Nem te preterirei, ó Rhodio nectar,
 Que á sobremesa dás prazer aos Deoses;
- 155 Nem os Bumastes tumidos racimos,
 A quem as grandes têtas nome deram : (3)
 Mas das muitas especies copia e nome
 Quem ha, que possa numeral-as todas?
 Seria o mesmo, que intentar do Oceano
- 160 As areias contar, que a Lybia assolam,
 Quando o Zephiro aos ares as levanta;
 Ou as ondas contar, que arroja ás praias
 Do mar Jonio aos baixéis o Euro violento.
 Nem tudo produzir as terras podem
- 165 Todas; nos rios os salgueiros nascem,
 Os álamos nas crassas alagoas,
 Os estereis carvalhos nas montanhas
 Fragosas; nas ámenas, ledas praias
 Folga de vegetar Cyprina murta;
- 170 Ama em fim Baccho outeiros descobertos,
 O frio e os Aquilões prefere o teixo.
 A Terra pelos ultimos cultôres
 Domada contemplai, e olhai no Oriente
 Dos A'rabes as casas, n'outro rumo (4)
- 175 Os pintados Sarmáticos Gelônos;
 Cada arvore vereis ter patria propria :
 Só a India produz ébano escuro,
 Do incenso a vara só Sabêo terreno :
 Das arvores cheirosas, que distillam
- 180 Balsamo que direi? e longas bagas
 Do sempre verde acantho? dos da Ethiopia
 Co' a lãa macia bosques alvejantes?

- E como os ténues véllos vão das folhas
 Os Séres penteando? ou quaes os bosques,
 185 Que a India junto ao seio derradeiro (5)
 Do Mundo alli produz, onde se elevam
 As arvores tão altas, que ao seu cume
 Chegar não podem despedidas settas,
 E vive um pôvo em arrojál-as déstro.
 190 Os tristes sumos, vagaroso gôsto
 De um pômo tão feliz produz a Media, (6)
 Que outro qualquer antidoto o não vence
 Em dos venenos desterrar o effeito,
 Que pode propiñar crúel madrasta
 195 Com palavras nocivas misturando
 De lethaes hervas venenosos succos :
 E' corpulenta a arvore, e ao loureiro
 Tão similhante, que differe apenas
 Delle pelo, que exhala, alheio arôma :
 200 Em vão ousa roubar-lhe o vento as fôlhas,
 Tenazmente se prende a flôr aos ramos,
 Máo halito com ella os Medos curam,
 Curam tambem com ella d'asma os velhos.
 Mas nem da Media uberrimos os bosques,
 205 Nem o Ganges formoso, ou do Hermo turvo
 As auríferas aguas tem co' a Italia
 Direito a contendêr na fama e gloria,
 Nem Báctra, ou India, nem Panchaia fertil
 Em thuríferos grãos de puro incenso :
 210 Da Italia os campos não lavráram touros,
 Que pelas ventas respirassem fôgo,
 Dos dentes do Dragão semeada a terra;
 Nem a seara se encrespou co' as densas
 Lanças e capacêtes d'impia prole :
 215 Pelo contrario aqui os campos cobrem

(120 até 142.)

- De louro trigo copiosas méeses,
 E as plantas, que o licôr Mássico geram;
 E a oleosa oliveira, e nédios gados:
 Aqui nos prados audacioso pula
 220 O marcial ginête; alem pastando
 D' alvas novillias, de soberbos touros
 Sobre as márgens do Clitomno os rebanhos
 Grandes se observam, que, de sacra limpha
 Rociada a fronte, victimas nos templos
 225 Romano triumphador não poucas vezes
 Aos Deoses offertou. Da Primavera
 Sempre aqui reina tépida bafagem;
 Té nos mezes do gêlo ha sempre Estio:
 Duas vezes fecundas em cada anno,
 230 Dão as ovelhas mansos cordeirinhos;
 E outras tantas as arvores dão fructos:
 Mas sanhudos leões, barbaros tigres
 Não tem morada aqui; nem venenosas
 Plantas enganam aos, que as hervas colhem;
 235 Nem com rôscas immensas serpeando,
 Ou volvida em spiral cobra escamosa
 Peja d'Italia o solo afortunado.
 A isto accrescentai cidades tantas,
 E tão illustres, no trabalho egregias;
 240 Tantas marmoreas Villas construidas,
 Cujos muros de annosa antiguidade
 De rios são banhados. Por ventura
 Poderei descrever os longos mares,
 Que della as praias por dous lados banham?
 245 E lagos tantos, qual o Laro immenso,
 E a ti, Benaco, ao mar assimilhado
 Das levantadas ondas no branido?
 Recordarei teus portos, e as muralhas

(143 até 160.)

- Oppostas ao Lucrino, onde indignadas
 250 Com medonho fragôr as vagas quebram,
 Obra de Julio, que do mar sonante
 As furias reprimio, franqueando livre
 Passagem ás marés do lago Averno?
 De abertas veias de metaes diversos
 255 Correm em profusão a prata, o ouro:
 D'aqui sahio a geração valente
 Dos Marsos, e manccbos Sabellinos,
 Os Ligures, soffridos no trabalho,
 E os Volscos, dos seus chuços sempre armados,
 260 Décios, Marios, Camillos generosos;
 Guerreiros Scipiões aqui nascêram,
 E mais, que todos, grande a Ti, ó Cesar,
 Esta terra servio de berço illustre,
 A Ti, que, vencedor té da Asia extrema,
 265 Longe de Roma afastas o Indo imbelle.
 De fructos fertil mãi, e d'homens grandes,
 O' terra de Saturno, eu te saudo:
 De uma arte antiga para ti coméço
 Louvores a entoar, e abrindo ousado
 270 Do bifido Parnaso as sacras fontes,
 Do Vate Ascrêo em Roma os versos canto. (7)
 Agora indicarei, qual dos terrenos
 Em fôrça, em côr, em natureza seja,
 Para dar producções, apropriado:
 275 Por vós comccarci, Palladios bosques
 Da oliveira vivaz; esteril solo,
 Infecundos outeiros argilláceos,
 Campos, que só tojaes e pedras nutrem,
 Mais, do que outros, a esta arvore comprazem;
 280 Vêde o exemplo no agreste zambujeiro
 Como abunda em tal solo, e o chão coalha
 (161 até 182.)

De selvaticas bagas : Fertil humus,
 De brando e natural humor banhado,
 Emervas abundante, em fructos pingue,
 285 Qual nas faldas d'um monte vezès tantas
 A' vista se offerecem fundos valles,
 Por onde, despenhados das alturas,
 Os rios correm, fecundando a terra
 Co' o limoso nateiro, e ao Austro expostos,
 290 E onde vegeta o aborrecido féto,
 Ao arado molesto; este robustas
 Vides produzirá, que em vinho abundem;
 Este em uvas será fertil, e um dia
 O licôr nos dará, qual o esparzimos
 295 Das taças d'ouro, quando junto ás aras
 Gôrdo Tyritheno sópra eburneas trompas, (8)
 E aos Deoses offertâmos as entranhas
 Sobre as largas patéras fumegando.

Se porêm mais prezaes bovino gado,
 300 Ou cordeiros, ou cabras, cujo dente
 Queima, qual fôgo, os cultivados campos;
 Da longinqua Tarento aos bosques ide
 Fructiferos guiar vossos rebanhos,
 E aos campos, que perdêo a infeliz Mantua,
 305 Do seu rio onde sobre a hervosa margem
 Bandos de niveos cysnes pascem, criam;
 Grâmas alli tereis e puras aguas
 Para o vosso armentio; e quanto as rêzes
 Tózam nos longos dias, vindo a noute,
 310 Promptamente o renova o fresco orvalho.

Para os pães é bonissimo o terreno
 Por cima quasi negro, e pingue e grôssô
 No fundo, pelo arado remexido
 (Lavrando isto se observa); nenhum campo,

(183 até 203.)

- 315 Como este, vos dará mais farta copia
De cereal producção, que os vagarosos
Bôis vos tragam nos carros ao celleiro.
Bom terreno é tambem o, que indignado
Cultôr desprio de bosques, longos annos
320 Privados de cultivo, e antigas casas
Das aves, té á raiz desfêz de todo;
Ellas vôm d'alli, deixando os ninhos,
E co' a rêlha o infecundo campo brilha:
Mas é de ladeirento campo esteril
325 O terrão, que ás abelhas subministra
Apenas alecrim, e humildes cássias;
Tal de tufo escabroso o que é formado,
E de grêda tambem, onde em cavernas (9)
As negras bichas escondidas moram;
330 Mais dôce pasto ás cobras nenhum presta,
Nem mais curvo escondrijo, que este encontram.
O, que nevoeiros ténues exhala,
Ou uns fumos velozes, e a agua bébe,
Ou, quando assim lhe apráz, de si a sólta,
335 Sempre de verde relva revestido,
Nem o ferro consome co' a ferrugem
Salgada, e môfo; aos ulmos ledas vides
Com gôsto prenderá, nelle a oliveira
A seu dôno dará larga colheita:
340 Fazei nelle exp'riencias, cultivando-o,
É apto o encontrareis para os rebanhos,
E soffredôr da cortadôra rêlha:
Lavra um tal solo Cápua a dinheirosa,
E Auxerres, do Vesuvio não distante,
345 Cidade que do Clânio infesto as aguas,
Inundando-a, despejam de habitantes.
Direi agora, como conhecer-se

(204 até 225.)

- Possa, quando o queiras saber, se a terra
 E' sôlta, ou mais, do que o ordinario, densa
 350 (Uma aos pães mais convêm, aos vinhos outra,
 A Ceres mais a densa, a sôlta a Baccho) :
 Um solo escolhei duro, onde profunda
 Cova abrir mandareis, e nella a terra
 Extrahida fareis lançar de nôvo,
 355 Aplanando com os pés a superficie :
 Se acaso ella abatêr, terreno é sôlto,
 Mais apto para gados, e vinhedos;
 Mas, se, em vêz de abatêr, antes sobeja
 Se elevar sôbre a cova, é signal certo
 360 De ser denso o terreno; terrões fortes
 Esperai encontrar, e grossas leivas,
 Que abrir só poderão bôis mui valentes.
 Mas a terra salgada, e que amargosa
 Se chama, a produzir fructos contraria,
 365 (Não conteis, que a amacie o curvo arado,
 Nella as videiras degeneram sempre,
 E os fructos perdem seu bom nome todos)
 Disso indicios dará, se do fumeiro
 Tirardes os, que o môsto nos lagares
 370 Servem para coar, vimineos cestos,
 E, cheios da má terra e doces aguas,
 Os calcardes depois; a agua escoada
 Pelas fendas sahirá em grossas gôttas;
 E da terra o sabôr então patente
 375 Ao padar se fará; pois della o amargo
 Ha de a bôcca offender dos, que a provarem.
 Conhece-se tambem em fim, que é pingue
 A terra; se nas mãos tomada, nunca
 D'ellas cahir se deixa, antes se péga
 380 Aos dêdos, como pêz embrandecido.

(226 até 249.)

- A, que é humida, cria hervas mais altas,
 E é mais, do que convêm, fertil : embora
 Um terreno se ostente vigoroso
 Em primeiro amostrar, que outros, a relva,
 385 Ah ! nunca eu o terci por mais fecundo.
 Terra leve, ou pesada per si mesma
 Dá mostras do que é, nas mãos tomando-a.
 Da prêta, ou de outra côr decide a vista :
 Difficil é porêm saber, se é fria ;
 390 Só disso dão signal nocivos teixos
 A's vezes, e os pinheiros e heras negras.
 Sondada assim do solo a natureza,
 Muito antes de entregar á terra as vides,
 Fazei, que o Sol a côza, abrindo fundas
 395 Vallas na encosta dos erguidos montes,
 Mostrando aos Aquilões volvidas leivas :
 Optimos torna os campos um terreno,
 A pó bem reduzido, e que as geadas
 E ventos hibernaes assazonaram,
 400 Cujos terrões depois já desmanchados
 Robusto cavador movêo de nôvo.
 Mas cultores em tudo vigilantes
 Iguaes logares para seus viveiros
 Das novas vides buscam : transplantadas
 405 D'aqui depois, sem extranheza abraçam
 Da mãi desconhecida o nôvo scio :
 Té do Ceo as regiões nas varas marcam,
 A fim de que, mudadas, exp'rimntem
 Temperatura tal, qual d'antes tinham
 410 Do Norte derivada, ou Meiodia :
 Tamanho imperio tem nas tenras plantas
 O, que a principio habito seguiram !
 Examinar convem primeiro agora

(250 até 272.)

- Para vinhas plantar qual é mais apto,
 415 Se o terreno, que é plano, ou se o inclinado.
 Se o campo pingue fôr, plantai-as bastas,
 E copiosos dará tal solo os fructos :
 Mas se escolherdes terra ladeirenta,
 E elevados outeiros, mais largura
 420 Os rênques tenham; e o inteiro espago.
 Onde as vides plantardes, seja em quadro,
 Por linhas bem direitas dividido.
 Bem como em guerra brava abre as cohortes
 Extensa Legião em longas filas,
 425 E em campo aberto o exercito formado,
 E as esquadras em linha, o campo inteiro
 Fulge com o aço esplendente, e ainda o combate
 Se não travou horrendo; porque incerta
 Fluctûa a decisão dos dous contrarios :
 430 Assim linhas iguaes forme o vinhedo,
 Não para pasto dar somente aos olhos
 C'uma vãa symetria assim disposto;
 Mas porque igual vigor a terra ás vides
 Todas não dá, se assim as não collocam,
 435 Nem pelo ar dilatar-se os ramos podem.
 Saber talvez queiraes, que altura ás covas
 Convêm dar dos plantios? Por meu voto
 Deve a das vides ser pouco profunda;
 Mais profunda a das arvores, que o centro
 440 Vão buscar do terreno co' as raizes;
 Sobre tudo a azinheira, que ergue os ramos
 Tanto mais para o Ceo, quanto mais desce
 Co' a raiz té tocar quasi no Averno;
 Por isso do seu solo a não arrancam
 445 Nem Invernos, nem ventos, nem chuveiros;
 Antes immovel permanece, e vive

(273 até 293)

Muitos annos e seculos durando,
 E fortes ramos estendendo em vólta
 De si mesma, e d'aqui, d'alli seus braços,
 450 Fórma co' a larga eopa ingente sombra.
 Não planteis vinhas em terreno exposto
 Aos raios do Occidente; e entre os bacellos
 Não semeeis a avelleira: as tenras pontas
 Das vides desprezai, para as plantardes,
 455 Nem as varas mais altas, do chão longe,
 Que eortardes da cêpa (amor tamanho
 Tem ellas ao terreno, em que naseêram!):
 Não empregueis no eórte um ferro bôto;
 Nem entre as vinhas consenti se plante
 460 Silvestre zambujeiro; incautos jovens
 Vezes não poueas, pastoreando o gado,
 Junto de troncos taes accendem lume;
 Debaixo da oleosa easea oeculta
 A principio a faisea, depois lavra
 465 Por todo o lenho o fogo, até que ás folhas
 Communicado, com fragôr ingente
 Em rubra labareda ao Ceo se eleva:
 Daqui, já veneedor, nos ramos prende
 Té o pincarô mais alto, e o bosque inteiro
 470 Envolve em suas ehammas; nuvem grossa
 De negra escuridão ao Ceo se arroja,
 Mormente se borrasca lá das selvas
 Accrescêo ao incendio, e o vento o ateia.
 Onde isto aeontecer, desde as raizes
 475 Estereis ficarão erestadas vides,
 E assim feridas, nunea mais se espere
 Que outras iguaes na terra reverdeçam;
 Entretanto o infeundo zambujeiro
 Com sua amarga fôlha alli campêa.

- 480 Ninguém, por mais prudente que se inculque,
 Vos chegue a persuadir, que á dura terra
 As vides confieis, soprando o Norte;
 Então fria geada os campos fêcha,
 E o plantado bacêllo em vão se esforça
- 485 Em ao solo prender suas raizes :
 A melhor plantação é quando assôma
 Da Primavera c'os purpureos dias
 Candida ave, ás cobras sempre infesta;
 Ou tambem, quando após o Estio ardente,
- 490 Do Outôno os frios entram a sentir-se,
 Mas antes que o Sol rápido em seu carro
 Conduza o carrancudo e frio Inverno.
 E' aos bosques frondosos, é ás selvas
 Mui util e mui grata a Primavera;
- 495 As terras entumecem nella, pedem
 Sementes genitæes, fecundas chuvas
 O Ether omnipotente então derrama
 Sôbre o seio da espôsa satisfeita;
 E, grande em seu poder, as crias todas,
- 500 Ao grande corpo unido, anima, e nutre :
 Das vergôntes das arvores, remotas
 Do bolicio inquieto dos caminhos,
 Sóltam lédas canções sonoras aves :
 De Venus o prazer o armento busca
- 505 Em opportunos dias : fertil campo
 Deixa brotar de si viçosas relvas,
 E do Zéphiro ás tépidas bafagens
 Abre a terra o seu seio; o humido succo
 E' já sobejo em tudo, as plantas ousam
- 510 Dos novos sóes sem medo confiar-se;
 A videira não teme do Austro a vinda,
 Nem do impetuoso Norte as chuvas teme,

(314 até 333.)

- Mas abre os gômos seus, e desabrocha
Do seio maternal as fôlhas todas.
- 515 Certo ao nascer do Mundo luz não deram
Outros dias, nem ordem differente
De Estações começou : a Primavera,
A grande Primavera então reinava
Em toda a Redondeza : do Euro os sôpros
- 520 Invernosos á Terra deram treguas,
Quando a primeira luz raiou aos gados,
E dos homens a férrea prole a fronte
Levantou sôbre os inda incultos campos,
E quando os bosques povoáram feras,
- 525 E luziram no Ceo brilhantes astros :
Tenros entes de dôr acabariam,
Se entre o frio e o calor paz não houvesse,
E um ar macio não banhasse a Terra.
- Plantados os bacêllos, pingue estrume
- 530 Pelo solo espalhai ; nem vos esqueça
De os cobrirdes de terra em larga copia :
Bibulas pedras, ou immundas conchas
Nas covas soterrai ; insinuadas
Por entre elles as aguas escorregam,
- 535 E os fluidos subtis, que alli penetram,
A's plantações darão uma alma nova :
Até ha quem com pedras os bacêllos,
E com vasos ingentes cobre, opprime ;
Defendendo-os assim das grandes chuvas,
- 540 E dos de Sîrio asperos calores :
Postas as plantas, resta amontoar-lhes
A miudo a terra junto das cabeças ;
E co' as duras enxadas, ou co' a relha,
Que os pugnaces novilhos vão puxando,
- 545 O solo revolver entre as videiras :

- Leves canas depois, macias varas,
 Ou de freixo tanchões, curvas forquilhas
 Applicareis ás vides, que dos ventos
 As possam defender, ou nos ulmeiros
 550 Apoiadas, té o alto os acompanhem.
 Mas não as despojeis das tenras parras
 Na sua adolescencia: em quanto aos ares
 Ramos vigorosos lançam, livres subam,
 Nem lhe appliqueis ainda o duro ferro;
 555 Porêem co' a mão somente ide limpando-as
 Das folhas, que no meio rebentarem:
 Só quando já crescidas aos ulmeiros
 Se abraçarem com hasteas rijas, fortes,
 Podeis então colhêr sem medo as folhas,
 560 E c'o podão certar-lhe os longos braços;
 Que o ferro já não temem: duro imperio
 Então podeis tomar sôbre as videiras,
 E da nimia ramagem despojal-as.
 Sébes deveis tambem tecer-lhe em roda,
 565 E dellas desyiar quaesquer rebanhos,
 Mormente em quanto tenras e imprudentes
 Erguerem sua fronte. Alem dos frios,
 E dos ardentes sóes, fazem-lhe guerra
 Silvestres bôis, e cabras petulantes,
 570 Ovelhas, e novilhas cubiçosas:
 Da alva geada os frios não lhe empecem,
 Nem do abrazado Estio o fôgo acêso,
 Té aos proprios penhascos oppressivo,
 Tanto como os rebanhos, cujo dente
 575 Veneno lhe introduz, e cicatrizes
 Deixa no páo roido assignaladas.
 Não é por outras culpas, que nas aras
 Todas o capro victima immolada

(357 até 379.)

- Vemos a Baccho : da vetusta scena
 580 Os recreios d'aqui se deriváram ;
 D'aqui tambem os premios, que aos ingenhos
 A A'ttica off'recia, se, contentes
 De Bromio c'o licor, pelas aldêas,
 E pelas áreas dos macios prados
 585 Saltavam, sem cahir, untados ôdres.
 Da Ausonia assim tambem, Troyana prole,
 Folga o pôvo com versos mal compostos;
 E com grandes risadas, disfargado
 De cortiça com máscaras horrendas;
 590 E invocando-te, ó Baccho, com alegres
 Canções em teu louvor, d'alto pinheiro
 Movediças imagens dependura :
 A presença do Deos as vinhas todas
 Com fructos abundantes fertiliza :
 595 Delles tudo se atulha, quanto a imagem
 Do Deos formosa circumdou em volta,
 Bosques profundos, e cavados valles :
 Delle em honra cantemos pois solemnes
 Versos, quaes os pais nossos já cantáram,
 600 Offertas nas patéras presentando;
 E para as aras o sagrado bode
 Pelos cornos levado, de avelleira
 As entranhas no espêto lhe torremos.
 Outro trabalho ainda as vinhas pedem,
 605 Nunca sobejo : vezes tres e quatro
 Em cada anno o terreno deve abrir-se,
 E co' a bidente enxada bem desfeitos
 Serem os duros terrões : Todo o vinhêdo
 Deve tambem das folhas ser despido.
 610 Para o agricultor sempre o trabalho
 Marcha em roda incessante; é como o anno,
 (380 até 400.)

Que em vólta de si sempre anda girando.

Já quando a vinha as fôlhas derradeiras
Tem despido, e do seu honrado enfeite

615 O Aquilão frio despojou os bosques;
Pelo anno adiante o camponêz activo
Seus cuidados então estende, e alarga;
C'o arqueado podão, saturnea alfaia,
A vide abandonada vai cortando,

620 E na póda a feição lhe dá, qual cumpre. (10)

Em a terra cavar, queimar as vides,
Que houverdes recolhido; e em pôr a salvo
De humidades no alpendre os páos das vinhas,
A todos precedei; mas na vendima

625 Não tenhaes préssa, sêde os derradeiros.

Vezez duas se enramam as videiras,
E outras tantas o chão tambem se cobre
D'hervas densas, de rispidos abrolhos,
Trabalhos ambos d'aspera dureza!

630 Louvai embora os campos dilatados,
Porêm cultivai bem um pouco extenso.

Solicito cultôr tambem se occupa
Da gilbardeira os vimes espinhosos
Em cortar pelo bosque, e as verdes canas

635 Nas ribas fluviaes, até o inculto
Salgueiral lhe entretêm os seus desvelos.

Da poda concluido, e êmpa o trabalho,
Junto aos renques extremos já cançado
O vinhateiro canta; mas não cêsse

640 De remexer a terra: o pó mover-lhe
Convêm inda outra vêz; recear deve,
Que borrasca, dos ares despedida,

Venha estragar-lhe as uvas já maduras.

A contrario das vinhas, de cultura

(401 até 419.)

- 645 Nenhuma as oliveiras necessitam ;
 Uma vêz prezas ao terreno , e expostas
 A' influencia dos ares , curvas fouces ,
 Nem tenazes ensinços já demandam :
 Pelo do arado curvo dente aberta ,
- 650 Ministra a propria terra ás sementeiras
 Humôr sufficiente , e grados trigos
 Nella faz produzir ; e a oliveira ,
 Nutridôra da paz assim se ostenta
 Arvore pingue , e dos mortaes hemquista.
- 655 Assim tambem as arvores de fructa ,
 Logo que os troncos seus sentiram fortes ,
 Por seu proprio vigor eis de repente
 Espontaneas aos astros se levantam ,
 Sem d'alheio soccôrro carecerem.
- 660 Com força não menor inteiros bosques
 Crescem , dão fructo ; com sanguineas bagas
 Das aves se avermelham as silvestres
 Moradas ; os codêços dão , cortados ,
 Pasto abundante ; subministram áchas
- 665 As altas selvas , que os nocturnos fogos
 Alimentam , e luz em tórno espalham.
 E plantar estas arvores duvidam ,
 E nellas empregar os seus cuidados
 Ainda os homens ! Que maiores cousas
- 670 Seguirei a dizer ? Humildes giestas ,
 E salgueiros ou dão sustento aos gados ,
 Ou aos pastores sombra , e ás sementeiras
 Sébes , pasto ás mellificas abelhas.
 Apraz vêr ondeante o verde buxo .
- 675 No monte de Cytóro , e de Narycia (11)
 Os bosques , que dão pês , e vêr os campos ,
 Onde a mão não entrou da humana industria.
 (420 até 438.)

- Os proprios bosques do Caucásco monte
 Na esteril cumeada, onde os fogosos
 680 Euros os quebram, levam incessantes,
 Os productos dão uns, outros diversos;
 Dão o pinheiro, á nautica tão util,
 Cedros, ciprestes, que palacios formam :
 Já para as rodas raios, para os carros
 685 Do agricultor apropriados leitos,
 Já para as grandes náos extensas quilhas :
 São em vimes fecundos os salgueiros,
 Os ulmeiros em fôlhas : fortes hasteas
 E boas para a guerra a ccrejcira
 690 Brava produz, e a murta de Cyprina :
 Nos arcos Iturêos curvam-se os teixos :
 As lizas tilias, e o que ao tórño é facil
 Em se deixar obrar, sólido buxo,
 Varias fórmãs recebem, se do agudo
 695 E bem afiado ferro são cavados :
 Do Pado sôbre as aguas vai nadando
 Tambem álamo leve; e das abelhas
 Os enxames se escondem nos cortiços
 Côncavos da azinheira carcomida.
 700 Quaes bens, que estes iguaem, produz Baccho,
 Elle, que tantas dêo causas á culpa?
 Foi elle, que aos Centauros furiosos
 Fêz a vida perder, e a Rheto, e a Pholo,
 E ao embriagado Hylêo, que ameaçava
 705 Os Lapithas, co' a grande taça armado.
 O' muito afortunados lavradores,
 Se os seus bens conhecessem ! das discordias
 Bêllicas longe, facil alimento
 A justissima terra lhês outorga :
 710 Se multidão em ondas não vomita

(439 até 460.)

- D'alto palacio pórtico soberbo,
 Para os vir saudar, quando amanhece;
 Se não desejam pulchras tartarugas,
 Que os umbraes variegados lhes enfeitem,
 715 Nem cosidas em ouro ricas véstes,
 Nem bronzes de Corintho; nem lhes tinge
 As brancas lãas a purpura de Tyro;
 Ou óleos aromaticos corrompem
 Os, de que usam, liquidos azeites;
 720 Em troca destes bens, lédos desfructam
 Segura quietação, limpa de enganos
 Uma vida, em riquezas variada:
 Suas grandes herdades lhes off'recem
 As doçuras do ócio; grutas, lagos,
 725 De bôis mugidos, frescas alamêdas,
 Debaixo de arvoredos sômnos brandos,
 Nada disto alli falta: alli ha bosques,
 Covis de feras, léda mocidade,
 Costumada ao trabalho, e á mediania:
 730 Culto sagrado aos Deoses, e aos Maiores
 Justa veneração nelles se rende:
 Da Terra ao retirar-se a sacra Astrêa,
 Pousada derradeira fêz nos campos.
 Mas, antes de ir gozar delicias tantas,
 735 Em vósso gremio recebei-me, ó dôces
 Musas, cujos mysterios venerandos,
 De grande amor por vós tocado, eu sigo:
 Dos astros, e do Ceo mostrai-me a marcha;
 Dos eclipses do Sol, da Lua as causas;
 740 D'onde nasça o tremôr, que abala a Terra;
 Qual fôrça os fundos mares entumêça,
 Rôtos todos os diques, e em si mesmos
 Os faz depois voltar: porque se apressam
 (461 até 480.)

A mergulhar no Oceano os Sóes do Inverno,
745 E tão tardas no Estio as noutes voltam.

Mas se o sangue, que as visceras me cerca,
Por frio impede, que eu da Natureza
Possa os segredos penetrar occultos;
Irei então buscar gostoso os campos,
750 E as aguas, que cortando os valles regam;
E um adeos dando á gloria, rios, bosques
Meu unico serão dôce deleite.

O' quem me irá levar aos verdes campos,
Que do Sperchius a clara limpha banha; (12)
755 Ou do Taygete ao monte, onde as donzellas
Laconias de Lyêo orgias celebram!

O' quem nos do Hemo erguido frios valles
Morada me dará, onde dos ramos
A grande sombra me defenda, e cubra!
760 Ditoso o que saber de tudo as causas
Poude; e aos pés calcou os mêdos todos,
E do Fado inflexivel os decretos,
E os sons ruidosos do Acheronte avaro!
Venturoso tambem o, que dos campos
765 Os Deoses conhecêo, a Pan, e ao velho
Sylvano, co' as irmãas, Nymphas dos bosques!
A um tal nem dignidades populares,
Nem purpuras de reis dobral-o podem:
A discordia, que agita irmãos infidos,
770 Dácias hostes descendo do Istro inquieto,
Os negocios de Roma, os reinos quasi
A cahir em ruina, não perturbam
A paz tranquilla, que em sua alma habita:
Pobreza alli não vê, de quem se dôa,
775 Nem do mais opulento inveja as posses:
Por sua mão dos ramos colhe as fructas,

(481 até 499.)

- E os grãos apanha, que espontanea a terra
 Por seu muito querer lhe ha produzido :
 A's trapaçãs do Fôro extranho sempre
 780 Não vio promulgar nunca as leis severas,
 Nem do pôvo sondou nunca os archivos.
 Homens ha, que com o rêmo o mar açoutam,
 Ou seguem férreo Marte, ou nos palacios
 Se introduzem dos reis : este as cidades
 785 Faz assolar, e os miseros penates,
 Para dormir em leitos purpurinos,
 Ou em taças bebêr de finas gêmimas :
 Sobre o escondido, subterrado ouro
 A cama estende o sórdido avarento :
 790 Pasma algum admirado junto aos róstros;
 De bôcca aberta theatraes applausos
 Estôutro escuta, quando repetidos
 Pelas vozes da plébe, ou do Senado :
 No sangue dos irmãos em fim banhar-se
 795 Até vemos alguns, e pelo exilio
 Domicilios trocaram, e umbraes charos,
 E irem patria buscar em clima extranho.
 O lavrador c'o arado curvo a terra
 Move, d'aqui seu annual trabalho :
 800 Alimenta com elle a patria, os netos;
 Ella lhe dá dos bôis o armentio,
 E a dos novilhos merecida prole;
 Nem tem de-canço, em quanto annual colheita
 Com exub'rante profusão de fructos,
 805 De creação de gados, de pavêas
 De grãos de Ceres lhe não pêja os sulcos,
 Lhe enche os celleiros, e os curraes lhe atulha.
 Quando o Inverno é chegado, nos lagares
 Móc-se a azeitona; voltam para casa
 (500 até 519.)

- 810 Já nédios, gôrdos co' a bolota os porcos;
 Os hosques dão medrônhos rubicundos,
 E os varios fructos, que produz o Outôno;
 E nos seixosos altos abrigados (13)
 A uva branda vai-se assazonando :
- 815 Do lavrador no em tanto em tórno pendem
 Seus dôces filhos, beijos lhes reparte;
 No casto lar a pudicicia móra;
 As vacas dão, e estendem lácteas têtas;
 E os gôrdos cabritinhos sôbre a relva
- 820 Entre si lutam co' as oppostas pontas.
 Desta familia o proprio pai celébra
 Os dias festivaes; e recostado
 Sôbre a relva, e no meio o sacro fôgo,
 Juntamente c'os sócios enche as taças,
- 825 E, libando-as, te invoca, ó almo Baccho :
 Dos seus rebanhos aos maioraes assigna
 O alvo no alto ulmeiro, aonde, despidos
 Té á cintura os seus robustos corpos,
 O dardo arrojem no áspero certame.
- 830 Viveram vida igual na prisca idade
 Os antigos Sabinos, e os dous gémeos
 Rômulo e Rémo; e assim tambem a Etruria
 Forte crescêo, e Roma a mais formosa
 Por ella das nações se fêz senhora,
- 835 E de muros cingio seus montes séte :
 Antes que Jove de monarcha o sceptro
 Empunhase, e que a impia humaná gente,
 Para os comêr, matasse os seus novilhos;
 O dourado Saturno sôbre a Terra
- 840 Assim passava os dias; bellicosa
 Trompa não atroava ainda os ares
 Com seu rouco clangôr, nem sôbre as duras
 (520 até 539.)

Bigornas ainda a espada retinha.

Porém do immenso Oceano espaços longos

845 Temos té aqui vogado; é pois já tempo

De soltar aos corcéis fumantes cóllos.

(540 até o fim.)

FIM DO LIVRO SEGUNDO.

NOTAS

AO LIVRO SEGUNDO.

- (1) Verso 59. — Todas as melhores edições das Georgicas collocam a invocação a Mecenas, que Virgilio faz neste Livro, após o verso 38, e a começar no seguinte; e não, como fez Mr. Delille, logo depois do verso 8.^o do Original Latino. Osorio de Pina na sua traducção, ou antes imitação, seguiu a Mr. Delille, conforme deixámos dito na Prefação. É muito judiciosa a observação de Heine a este respeito: « Proposto o argumento do Livro, diz elle, invoca Virgilio a Mecenas em um logar mais apropriado, do que o faria, se em seguimento ao verso 8.^o, e logo immediatamente á invocação a Baccho collocasse a sua invocação, feita a Mecenas, homem particular; pois vimos, que no principio do Livro 1.^o se dirigio em ultimo logar a Cesar, depois de haver invocado os Deoses »
- (2) Verso 149. — *È o proprio rei Phanéo.* Não falla aqui Virgilio de algum rei, assim chamado; porém sim de uma casta de uvas excellentes, que eram produzidas junto ao pôrto e promontorio Phanéo na ilha de Chio, e cujo viinho, dellas extrahido, tinha grande reputação entre os antigos. Diz-se, que de um rei, chamado Phanéo, houvera o seu nome aquelle pôrto e promontorio. — Tanto neste verso, como nos antecedentes, desde 136 até 156, enumera o Poeta differentes especies de uvas, que na Italia e em outros territorios tinham fama no seu tempo de produzirem vinhos generosos.
- (3) Verso 156. — Este verso é acrescentado ás palavras do Original Latino, bem como alguns outros o são para maior clareza, sem offensa dos pensamentos do Poeta: Foi-nos suggerido pela lição da Nota de Leonel da Costa a este logar, a qual é como se vai lêr: « Plinio no livro 14.^o Cap. 2.^o diz das uvas *bumastes* estas palavras, *tument verò mammarum modo bumasti*, as uvas

bumastes incham a modo de têtas, e por isso se ehamárão assim de *debu* e *mastos*, *quasi magna mamma*, grande têta. » — Mr. Delille diz, que uma uva tal, como esta, é conhecida aiuda hoje em Italia, sobre tudo em Florença.

- (4) Verso 174. — Com as palavras, *n'outro rumo*, que fecham este verso, desviámos do Poeta o erro, que alguém poderia talvez imputar-lhe, mas sem razão, de collocar ao Oriente os povos *Gelônos*, cuja morada era na Sarmacia, ao Norte da *Palus Mæotis* (Mar d'Asoph), e alem do Boristenes (Dnieper).
- (5) Verso 185. — *O scio derradeiro da India*, assim por Virgilio denominado, é o golfo oriental do Ganges, ou de Bengala, extremidade oriental do Mundo conhecido no seu tempo; é o *terreno scio* do verso 6.^o estancia 21. canto 9. dos *Lusiadas* (Vid. Not 5.^a ao Canto 9.^o em a nossa edição deste formoso Poema). — Plinio pôz em prosa este logar das Georgicas, escrevendo, como observa Mr. Delille, *Arbores quidem tantæ proceritatis traduntur, ut sagittis superiori nequeant*.
- (6) Verso 191. — *Um pômo tão feliz produz a Media*. Que pômo será este? Dos nossos tres traductores das Georgicas, Leonel da Costa, e Osorio de Pina querem, que seja o fructo da *cidreira*; e o Dr. Lima Leitão quer, que seja o *limão*: Desta ultima opinião é tambem Mr. Delille, dizendo: « A arvore, aqui descripta por Virgilio, não é outra, senão o limoeiro, a que os Gregos chamavam *medicum*, e os Latinos *citrium*: Virgilio falla do seu fructo como de um contraveneno efficaz: Athenêo, que lhe attribue o mesmo effeito, cita, para o comprovar, um exemplo notavel (o qual o mesmo Mr. Delille expende, mas que lhe parece fabuloso), e continua dizendo « Virgilio attribue ao fructo desta arvore um gôsto désagradavel: porém elle pode ter sido melhorado pela cultura » — Heyne segue, que o Poeta falla aqui de uma especie de limoeiros: No mesmo concordam outros Annotadores, como Mr. De la Rue &c. — O novo traductor Francêz, Mr. Ferdinand Collet, diz em Nota a este logar: « Quasi todos os Commentadores concordam em reconhecer nesta arvore o *limoeiro*; porém o seu fructo, que nada deve á cultura, é de um sabôr fresco, ácido e puro; e não deve por isso merecer o epitheto de *tristes* e de *tardum*, que Virgi-

lio lhe dá : além disto o *limociro* não tem semelhança alguma com o *loureiro*, e Virgílio diz positivamente, que, exceptuado o cheiro, seria a mesma arvore, *laurus erat*. Eu penso, que aqui trata-se de uma especie de *loureiro*, cujo nome não podia entrar em um hexametro. » — Leonel da Costa, conformando-se com Servio, que julga ser esta arvore a *cidreira*, acerescenta : « Chama-lhe o Poeta *felice*, ou porque sempre tem fructo, ou maduro, ou verde, ou em flôr ; ou lhe chama *felice*, porque é efficacissimo remedio naquellas partes contra a peçonha, como diz o Poeta. »

- (7) Verso 271. — *O Vale Ascréo* é o Poeta Hesíodo, o qual foi chamado *Ascréo*, por ser natural de uma aldeia da Beocia, junto ao monte Hélicon, denominada *Ascrea*, cujo Poema *Dos Trabalhos e dos Dias* Virgílio imitou nas suas Georgicas ; e por isso diz, que canta o verso *Ascréo*.
- (8) Verso 297. — *Gôrdo Tyrrheno*. Nos sacrificios eram os Tyrrhenos, quem ordinariamente tocava flauta, e tinham-se feito famosos por sua gulodice, o que fez dizer a Virgílio *pinguis Tyrrhenus*, como Catullo já havia dito *obesus Etruscus*. Deixaram uma vez Roma, ignoro as circumstancias, (diz Mr. Delille) por serem impedidos de satisfazer a sua propensão para comere a regalada ; e só consentiram em voltar para a Cidade, debaixo da condição de lhes ser permittido o comere nos sacrificios. « Era na qualidade de Toscanos, (continua Mr. Delille) que elles eram bêbados e glutões, ou na qualidade de musicos ? Eis o que eu ignoro. »
- (9) Verso 329. — Segui neste logar a Heyne em a significação, que dá ao vocabulo *exesa*, id est, *cavernosa*, contra o commun dos Traductores, quaes Leonel da Costa, e o Dr. Lima Leitão, que lhe dão a significação de *comida*. Osorio de Pina saltou a difficuldade, como frequentes vezes costuma. — A quem mais agradar a significação de comida, dada a *exesa*, offerecemos a traducção seguinte :
É de grêda, que as negras bichas comem
- (10) Verso 621. — Pareceo nos de difficil intelligencia este logar do Poema, e para sua perleita intelligencia débalde recorremos aos Commentadores : Nelle, depois de dizer Virgílio « que o camponéz activo corta com o podão a vide abandonada » *curvo Saturni dente relictam persequitur vitem attondens*, accrescenta *singitque putando*, vo

que parece tornar a falar na *póda*, o que seria uma redundancia, impropria do Poeta. Não falando elle até aqui claramente em parte alguma da *êmpa*, operação aliás importantissima na cultura das vinhas, chegámos a per-soadir-nos, de que o verbo *fingit* se refere a esta operação; e por isso vertemos este logar da maneira seguinte :

As vides corta, e a seu sabôr podando-as,
Lhes dá a forma, que requiere a êmpa.

Muito mais propendemos para esta intelligeneia, notando logo nove versos abaixo, que o Poeta se refere á operação da *êmpa*, que deve seguir-se á da *póda*, dizendo no verso 416 do Original Latino, *Jam vincetæ vites, jam falcem arbusta reponunt* : Todavia não nos atrevemos a introduzir no texto da nossa tradueção este modo de entender aqui o verbo *fingit*, reservando-o para esta annotação, onde o expômos ao criterio dos melhor entendidos na materia.

- (11) Verso 676. — O monte *Cytoro* era na Paphlagonia, e nas visinhanças do mar, onde o *buxo* crescia em grande abundancia e tão alto, que, movido pelo vento, parecia um mar agitado em ondas. — *Narycia* era uma cidade dos Locrios, patria do famoso Ajax, abundantissima em arvores, donde se extrahе o pês.
- (12) Verso 755. — *Os campos banhados pelo Sperchius* eram na Thessalia, em cojos confins, e jonto ás faldas do monte Oéta corre o rio *Sperchius*, até ir desaguar no seio Maliaeo (Golfo de Zeiton ou de Zeitun.)
- (13) Versos 824 e 825. — O verso 522. juntamente com o final do verso antecedente do Original Latino,

. et alte
Mitis in apricis coquitur vindemia saxis,

offerece varia interpretação : isto não obstante o Allemão Heyne passa-o em claro, sem o mais ligeiro commento, elle tão miudo em outros logares, aliás menos escuros! — Mr. Delille, e os dous Traductores Portuguezes, Osorio de Pina, e o Dr. Lima Leitão, destacam o verso do logar, onde Virgilio entendeu devia collocar-o, para o traduzirem onde melhor geito lhes faz, como vai vêr-se, transcrevendo-o aqui com os seis versos antecedentes, e juntamente com as versões dos tres Traductores, o Francêz, e os dous Portuguezes :

Nee requies, quin aut pomis exhuberet annus,
 Aut fœtu pecorum, aut cerealis mergite culmi,
 Proventuque oneret sulcos, atque horrea vincat:
 Venit hiems, teritur Sicyonia bacca trapetis,
 Glande sues læti redeunt, dant arbuta silvæ,
 Et varios ponit fœtus autumnus, *et alle*
Mitis in apricis coquitur vindemia saxis.

Ainsi que les saisons sa richesse varie:
 Ses agneaux au printemps peuplent sa bergerie;
 L'été remplit sa grange, assaisse ses greniers,
 L'automne d'un doux poids fait gémir ses paniers;
 N } *Et les derniers soleils sur les côtes vineuses*
Achevent de mûrir les grappes paresseuses.

L'hiver vient; mais pour lui l'automne durc encor;
 Les bois donnent leurs fruits, l'huile coule à flots d'or.

(Traducção de Mr. Delille.)

Não decorre-estação, que bonançosa
 Com seus jucundos dons o não convide;
 De cordeiros a doce Primavera
 Lhe povôa os curraes; o seceo Estio
 De louro trigo lhe enche as amplas tulhas;
 De seus pômos o prodigo Outôno

N } *Mimoso o faz; e sobre os altos montes*
Ao Sol sazona os cachos preguiçosos.

Vem o frigido Inverno: então seus fructos
 As florestas presentão; cáe a glande
 Das copadas azinhas, e a azeitona
 Nos lagares distilla aureas ondas.

(Traducção de Osorio de Pina, não de Virgílio,
 mas de Mr. Delille).

. Não falha
 Jamais sua riqueza; agora os pômos,
 Já crias tem na grei; já mèsse a montes,
 Vinda dos sulcos, no celleiro peza:
 Varios o Outôno dá fructos ovante,

N — *Amadurece o Sol no monte as uvas;*
 No hynverno se desfaz Sycionia oliva.
 Vem o medrônho, vem Dodónea lande:

(Traducção do Dr. Lima Leitão).

Deixâmos ao juizo dos, que bem entendem, o decidí-
 rem, se os versos dos tres Traductores, o Francêz, e
 os dous Portuguezes, são verdadeiras traducções dos

versos do Poeta Latino. — Todavia vê-se, que todos tres entenderam da mesma maneira o verso 522. do Original, isto é, que o Sol amadurece as uvas *nas encostas vinhaticiras*, como diz Mr. Delille; ou *nos altos montes*, como Osorio de Pina; ou *no monte*, como o Dr. Lima Leitão. — A mesma intelligencia lhe dá o nôvo Traductor Francéz em prosa, Mr. Ferdinand Collet, dizendo, *et la douce vendange acheve de mûrir sur les coteaux pierreux*. — Differente é porém a intelligencia, que a este logar dá Leonel da Costa, traduzindo,

E coze-se nas casas abrigadas

O brando môsto da uva vendimada.

Da-lhe igual intelligencia João Minellio em uma curta Nota a este logar, cujas palavras são as seguintes: *vinum maturescit in amphoris igni aut soli expositis*. — Esta mesma intelligencia, considerada a collocação, que Virgilio dêo ao verso em questão, e ao verbo *coquitur* do texto Latino, pareceo-nos, que não merecia ser desprezada; e por isso traduzimos tambem o verso em conformidade a ella pelos dous seguintes:

E nas adegas côze-se abrigadas

Da vindima o licôr brando e suave:

entendendo pelo *apricis saxis* de Virgilio as adegas, talvez subterraneas, para melhor conservação do vinho, ainda hoje usadas em differentes paizes da Europa, quaes a França, a Allemanha, &c.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO SEGUNDO.

AS GEORGICAS

DE P. VIRGILIO MARÃO.

L I V R O III.

Cantar-te vou também, ó grande Palles, (1)
E a ti, Pastor do Amphryso memorando,
E do Lycêo ó vós rios e bosques :
Assás na voz das Musas divulgados
5 Todos os mais assumptos correm, pasto,
De que se nutrem ociosas almas :
Quem do duro Eurystêo a historia ignora?
Ou de Busiris infamado as aras?
Quem falar não ouviu do joven Hyllas,
10 E de Hypodâmia, da Latonia Delos,
De Pelops pelo eburneo hõmbro famoso,
E dos cavallos na carreira insigne?
Via nova vou pois trilhar, por ella
Da baixa terra levantar-me intento;
15 E, se alcançar victoria, irá meu nome
Pelas bõccas dos homens revoando.
Se antes a Parca não cortar meus dias,
(1 até 10.)

- Primeiro, que outrem, levarei á Patria
 Comigo Aonias Musas, e Idumêas
 20 Para ti palmas colherei, ó Mantua;
 E de marmore um templo junto ás aguas
 Irei edificar nos verdes campos,
 Que o Mincio ingente sinuoso banha,
 De tenros canaviaes ao longo orlado :
 25 No meio assentarei do templo a imagem
 De Cesar, será seu o templo inteiro :
 Para elle eu vencedor, de purpurinas
 Vestes ornado, sôbre cem carroças
 De quatro velocipedes ginêtes,
 30 As margens correrei do patrio rio :
 Deixando o Alphêo, aos bosques de Molorcho,
 Perante mim a Grecia os jogos todos,
 Ou já do Césto crû, ou da carreira,
 Virá aqui celebrar; e eu, coroado
 35 De ramos de oliveira, os dons a Augusto
 Eu mesmo os levarei : solemnes pompas
 Me apraz de conduzir junto aos altares,
 E vêr sacrificar pingues novilhos;
 Ou vêr da Scêna as variadas frentes,
 40 E os Britanos, em purpura bordados,
 Os panos theatraes levando ás costas :
 Em Indiano marfim e ouro embutidas
 As batalhas, e as armas vencedoras
 Do Quirino Imperial vêr-se-hão nas portas :
 45 O Nilo alli porei, ingente ondeando
 C'os embates da guerra; e éneas columnas
 Dos esporões das náos subindo aos ares :
 Ver-se-hão da Asia as cidades subjugas,
 O Niphates expulso, e o fugitivo,
 50 Em settas despedir confiado Partho;

(11 até 31.)

- E os dous trophieos das mãos a inimigos
 Diversos arrancados, e o triumpho
 Nas praias ambas ganho vezes duas :
 Ver-se-hão no templo em mármore de Paros
 55 Estatuas, que pareça que respiram,
 Quaes d'Assáraco a prole, e os nomes claros
 Da gente, que de Jove traz a origem,
 E o avoengo Tros, e Cynthio, autor de Troia :
 Logar alli terá também a Inveja
 60 Infeliz, que das Furias se recêa,
 E das aguas severas do Cocyto ;
 As cobras, que a Ixion se entrosam, prendem
 Na truculenta roda ; e de Sisyphe
 O penêdo, que em vão o opprime, e cança.
 65 A teu arduo mandado obedecendo,
 Em as selvas cantar, e intactos bosques
 Vamos pois proseguir, claro Mecenas ;
 Sem ti nada de grande a mente emprehende :
 Eia pois não, não tardes, vem comigo ;
 70 Que em voz alta o Cythéron já nos chama,
 E da Laconia os cães, e a dos cavallos
 Domadôra Epidauro, e nas florestas
 Com applauso o dobrado échio resôa :
 Tempo virá depois em que eu me ensaie
 75 Para as ardentes celebrar de Cesar
 Batalhas, e fazer soar seu nome
 Por annos tantos, quantos d'elle a vida
 Dista da de Tithão longinqua origem.
 Se alguem, admirador de Olympias palmas,
 80 Para os premios ganhar cavallos nutre ;
 Ou se para a lavoura bôis valentes
 Deseja possuir ; das mãos se esmere,
 Sobre tudo, na escôlha : óptima forma

(32 até 51.)

- A novillia apresenta carrancuda,
 85 A de feia cabeça, e cerviz grossa,
 E de papadas longas, e pendentes
 Té o meio das mãos, de immensas nalgas,
 Grande tambem de pés, e grande em tudo,
 E na base das reviradas pontas
 90 Bem felpudas orelhas; nem réprovo
 A, que malhas salpicam negras, brancas,
 A, que o jugo recusa, em marrar prompta,
 A, que a um touro na face se assemelha,
 E a, que altiva marchando, sôbre o sólo
 95 Varre as pizadas com a propria cauda.
 Finda antes de annos dez, começa aos quatro
 A idade para o cóito apropriada,
 Nem antes, nem depois habil contemplo
 A vaca para mãi, nem apta e forte
 100 Para do arado supportar o peso.
 Em quanto pois a alegre mócidade
 Nos rebanhos reluz, largai-lhe os machos,
 O tempo aproveitando, e os gados grossos
 A Venus entregai; e nova prole,
 105 Assim gerada, a velha substitua.
 Da idade juvenil dourados dias
 Vê o triste mortal fugir ligeiros;
 Vem logo após doenças, e a velhice
 Melancólica os segue não tardia;
 110 Com ella vem trabalhos, e a inclemente
 Dura morte arrebatada, e leva tudo.
 Sempre que melhorar tereis nos corpos
 Do gado vosso; renovaí-os sempre,
 Prevenindo o futuro, antes que o tempo
 115 De o fazerdes se perca; e os annos todos
 Dai ao vosso armentio raças novas.

(52 até 71.)

- A' dos gados igual, escôlha attenta
 Na raça cavallar prestar-se deve.
 Quem quer bons garanhões, futura esp'rança
 120 Da equina progenie, desde a infancia
 Delles em os formar trabalho empregue :
 O pôtro generoso audaz aos campos
 Se arremessa veloz, e as pernas move
 Com airosa presteza; a dianteira
 125 Sempre aos mais toma, ou corra pela estrada,
 Ou já quando atravessa caudaes rios,
 Ou tenha a transitar por ponte ignota :
 Vãos estrondos não teme, e erguido o cóllo
 Sempre ostenta, a cabeça tem-esguia,
 130 O ventre curto, e a anca bem carnuda,
 E em pôlpas o animoso peito abunda
 (São mais formosos os de côr castanha,
 E d'olhos vêrde-mar; menos prezados
 Os amellados são, e os alvacentos);
 135 Se ao longe ouve soar guerreiros échos,
 No seu logar quieto estar não pode
 O brioso ginête, a attenta orelha
 Move incessante, os membros todos trémem-lhe,
 Denso fôgo nas ventas se agglomera,
 140 Sôbre o quarto direito a clina espêssa
 Estendida lhe pouza, e larga espinha
 Pelo meio dos hõmbros se lhe estende;
 A terra excava, e com robustos cascos
 Pesada o solo fere a unha inquieta.
 145 Tal o Cyllaro foi, que o Amicleo Póllux
 C'o as rédeas amansou; e os tão cantados
 Na Grega poesia, dous ginêtes
 Do Deos da guerra; taes os que do grande
 Achilles a carroça conduziam;

(72 até 91.)

- 150 E tal em fim na juba, e collo equino,
 Em cavallo Saturno transmudado,
 Ante a Consorte accclerado foge,
 Enchendo de um rinchar agudo o Pélion. (2)
 Já quando, pela idade, ou doença oppresso,
- 155 O cavallo afrouxar, a casa o abrigue,
 Sua honrada velhice apadrinhai-lhe.
 Para Venus é frio o, que é longevo,
 Trabalho ingrato em vão d'elle se exige;
 Ou, se acaso a taes lidas se arremessa,
- 160 O mesmo lhe succede, que á fogueira,
 Embora grande, em palhas ateadas,
 E que baldadas furias alardêa:
 O animo pois, e sobretudo a idade
 Observai-lhe, e outras partes, e a ascendencia;
- 165 E se, quando é vencido, a dôr o opprime,
 Ou se as palmas da gloria o estimulam:
 Não vedes, quando em rapida carreira
 Pela arêna deslizam, correm, vôam
 As carroças, do tronco despedidas;
- 170 Quando aos mancebos a esperança anima,
 Ou quando os corações dentro dos peitos
 De susto lhes palpitam? c'o azorrhague
 O ar açoutandò, os palafrens incitam;
 Curvos, as redeas soltam; ferve o eixo
- 175 Do carro, que não corre só, mas vôa:
 Já cosidos co' a terra, ou já parece,
 Que sublimados cortam o ar vazio,
 E que ás regiões dos ventos se levantam:
 Detença alli não ha, não ha descanso;
- 180 Nuvens de loura areia o Ceo já toldam;
 Dos, que atrás vão ficando, o bafo, a espuma
 Humedece aos, que a palma em correr levam:

(92 até 111.)

- Tamanho de louvor desejo ardente,
 E de ganhar victoria os estimula!!!
- 185 Eritónio o primeiro foi, que aos carros
 Se atreveo a jungir cavallos quatro,
 E sôbre as rodas rápidas sentar-se,
 Da sua vencedor feroz braveza :
 Do Pelethronio bosque habitadores,
- 190 Os Lapithas os freios inventaram,
 E, cavalgando audazes sôbre o dorso
 De indomitos corceis, deram-lhe ensino
 Para girar, correr com marcha firme :
 Aprendeo delles a pisar armado
- 195 O cavalleiro a terra, e nas batalhas
 A comedir, regrar soberbos passos.
 Para o esquestre trabalho, e para os tiros
 Dos carros, os peritos dão aos novos
 E briosos cavallos preferencia,
- 200 Velozes na carreira; embora ostentem
 Ter muitos inimigos posto em fuga
 Em cruenta batalha, ou vir das raças
 Da valente Mycênas, e do Epiro,
 E até do que a Neptuno origem deve.
- 205 Com estas precauções em quadra propria
 Não se descuidam de empregar desvelos
 Para dar nutrição sólida ao chefe,
 Do seu rebanho para pai eleito :
 Novas hervas lhe ceifam, copia d'aguas
- 210 Lhe ministram, e grão; porque assim possa
 Na fadiga amorosa ser valente,
 E filhos procrear, que não accussem,
 Por enfezados, paternal fraqueza :
 As femeas ao contrario attenuadas
- 215 Pela magreza querem; o alimento,
 (112 até 129.)

- E até a agua lhes negam, mal que observam
 Nellas para o concûbito desejos;
 Ao mais ardente Sol não poucas vezes
 As trabalham, fatigam com carreiras,
 220 Quando a eira geme co' as batidas mêsseas,
 E ao Zéphiro as vazias palhas se erguem;
 Tudo isto a fim de que nimia a gordura
 O campo genital lhes não embote,
 E os sulcos torne inertes; mas sequioso
 225 A semente receba, e dentro a guarde.
 Cessa dos pais o trato, e principia
 A seguir-se o das mãis: findos os mezes
 Da gravidêz, ao jugo subtrahi-as,
 Com que usavam puxar pesados carros;
 230 Impedi-lhes que saltem, e com fuga
 Veloz aos prados corram, e nadando
 Os rios caudalosos atravessem:
 Pasto lhe off'reçam espaçosos bosques,
 Orlados de correntes abundantes,
 235 Cujas margens revista o musgo, a relva
 A mais vigorosa; e quando o Sol a prumo
 As terras escaldar, seixosas grutas
 Tenham, onde se abriguem, e repousem.
 Os bosques pelo Silaro regados,
 240 E o Alburno em azinhas abundante,
 Iracundo, e de som acerbo ao ouvido
 Um moscardo frequenta, a que os Romanos
 Nome de *asilo* dão, de *oestro* os Gregos:
 Delle aterrada, das florestas foge
 245 Toda a especie de armento, e os seus mugidos,
 Vibrados no ar, nas selvas, e ribeiras
 Do Tânaegro, que o Estio deixa em sêcco,
 Annunciam furor: outrora Juno,

(130 até 153.)

- Contra a Ináchia novilha em odio accêsa,
 250 Com tal monstro exerceo iras terriveis; (3)
 (E pois mais importuno o ardôr da calma
 O torna) cumpre subtrahir-lhe as rêzes,
 Que em breve hão de ser mãis, apascentando-as
 Ou do Sol ao nascer, ou vindo a noute.
- 255 Chegado o parto ao fim, todo o cuidado
 A's crias se devôlva: ardente ferro
 Sem demora lhes marque as notas várias
 Da familia, e destinos, que as aguardam
 No progresso da idade; ou do rebanho
- 260 Tenham de vir a ser futura esp'rança,
 Ou ser votadas para as sacras aras,
 Ou para abrir a terra, e arar os campos,
 Revolvendo as quebradas, rudes leivas:
 As mais se nutram por viçosas relvas. (4)
- 265 Os bezerros, que agraria lida espera,
 Preparai, adestrai desde annos verdes,
 E quando juvenil, flexivel genio
 Mais facil de os domar ázo offerece:
 A principio a cerviz livre lhes cinjam
- 270 De ténue vime circulos folgados;
 E, afeitos a serviço tal apenas
 Dóccis os virdes, dous a dous jungi-os
 Por seus mesmos collares, obrigando-os
 A marchar par a par: vezes não poucas
- 275 Vão tirando tambem vazios carros,
 Que apenas sôbre o pó vestigios deixem;
 Forte pêsso a final o eixo opprima,
 E, opprimido, ranger se ouça, arrastando
 Ao bronzeado timão unidas rodas.
- 280 A's novas, inda não domadas crias
 Para alimento não dareis somente

(151 até 174.)

- As fôlhas de salgueiro, e a herva espontânea,
 Que pelos prados nasce; antes nutri-as
 Co' a semeada ferrãa : nem niveos tarros
 285 Das mãis com o leite enchereis, usança
 Dos avoengos nossos; mas das têtas
 Todas o succo os charos filhos céve.
 Se para a guerra, e exercitos ferozes,
 Ou para arrebatat ligeiros carros
 290 Sobre as margens do Alphêo, junto ao de Jove
 Pisâno bosque, o pôtro é destinado;
 Seu primeiro trabalho seja as armas,
 E o ardôr contemplar dos combatentes,
 Ao clangôr das trombetas afazer-se,
 295 E vêr tirar carroças gemedôras,
 No estábulo o tinido ouvir dos freios,
 Do picadôr c'os gabos, c'os afagos
 Mais e mais deleitar-se, e sôbre o cóllo
 Sentindo-se ameigar, folgar com isso.
 300 Nestes trabalhos occupar-se deve
 Depois de desmamado; e fraco ainda,
 Todo em tremuras, do futuro ignaro,
 Vá dando aos brandos cabeções a fronte :
 Mas chegado que seja á quarta idade,
 305 Volvidos annos tres, logo coméce
 O ensino de voltar-se, e andar a passo,
 E as pernas alternando, curveteie,
 Como quem se afadiga trabalhando; (5)
 Desafie depois, correndo, os ventos,
 310 E, como a rédea sôlta, pelos campos
 Vôe, tocando mal c'os pés a terra :
 Vôa assim o Aquilão impetuoso,
 Quando das plagas Hyperbóreas desce,
 E arroja para longe áridas nuvens,

(175 até 198.)

- 315 E os Invernos da Scythia : então as méescs
 Já crecidas, e os campos, que parece
 Que nadam, co' as bafagens leves tremem,
 Os altos bosques sôam; grandes ondas
 Nas praias vem bater, e elle voando,
 320 E fugindo, o Oceano e os campos varre.
 Este pôtro vereis, suando, um dia
 Do estadiõ Elêo correr o longo espaço,
 E as méatas ir tocar, e ensanguentadas
 Da enfreada bôcca sacudir espumas;
 325 Ou antes ao pescôço atadas tenro
 Vêl-o-heis tirando Bêlgicas carroças.
 Mais sólido alimento aos já domados
 De permittir-lhe é tempo; antes, sobejos
 Brios lhe excitaria, e do azorrague
 330 Mal soffreriam os pesados golpes,
 Ao duro freio indoceis, reluctantes.
 Dos cavallo porêm, dos bôis as forças
 Nada melhor conserva, e robustece,
 Como o arredal-os do prazer venéreo,
 335 E da do cégo amor paixão ardente;
 Convêm por isso remover os touros
 Para pastos longinquos, solitarios,
 Com montes de permeio, e largos rios,
 Ou em curraes reclusos sustental-os:
 340 Da femca o aspecto as forças pouco a pouco
 Consumindo lhes vai, queima-os, devora-os;
 Faz-lhe esquecer os bosques, as pastagens:
 Ella os attráhe com meiguices brandas,
 E de vêr peleijar mil vezes folga
 345 Os soberbos amantes ás marradas;
 E em quanto de formosa gentileza (6)
 Novilha vai pastando em selva extensa,
 (199 até 219.)

- Elles fortes combates alternando ,
 Com golpes amiudados se espedaçam ,
 350 Dos corpos negro sangue se lhe escôa ,
 E co' as pontas oppostas emperrados
 Se apertam , com gemidos tudo atrôam ,
 Os bosques reboando , e o grande Olympo.
 Em o mesmo curral os dous contrarios
 355 Não usam de acoutar-se ; o que é vencido ,
 Sua desgraça vai sumir ao longe
 Em ignotas regiões ; alli gemendo
 Altamente do opprobrio seu , dos golpes ,
 Que nelle abriira o vencedor soberbo ,
 360 Da perda dos amores não vingados ;
 Ao retirar-se dos paternos réinos
 Para o estábulo antigo ainda ergue os olhos.
 Então as forças cuidadoso exerce ,
 Jaz em vigilia sôbre as duras penhas ;
 365 D'asperas fôlhas , e d'agudos juncos
 Apenas se alimenta : eis logo os brios
 Começa a exp'imentar , e a irar-se aprende ,
 Contra os troncos vibrando agudas pontas ;
 Com golpes vãos os ventos desafia ,
 370 Novos combates preludia ; erguendo
 Aos ares com os pés sôlta poeira.
 Depois de refazer vigôr e forças ,
 Arranca das bandeiras , e arrojado
 Sôbre o inimigo deslembado corre :
 375 Tal do meio do mar se observa ao longe
 Branca vaga elevar-se , e vir correndo
 Para a praia , veloz ; e alli tocando ,
 Pelos cachópos com bramido sôa ,
 E , qual erguido monte , se despenha ;
 380 Do mar profundo as aguas sobem , fervem ,
 (220 até 210.)

- Para cima arrojando a negra areia.
 Do amor as furias, e accendidas chammas
 Sente todo o mortal, homens, e feras,
 Equoreos peixes, gados, lindas aves;
 385 Desta paixão o effeito é o mesmo em todos :
 Della agitada, esquêce-se dos filhos
 A parida leôa, os campos corre
 Com braveza sem par : nunca maiores
 Causam estragos os disformes ursos,
 390. O javali cruel, péssimo tigre,
 A's sôltas pelas selvas derramados :
 Infeliz do que d' Africa as campinas
 Então percorre solitario, e incauto!
 Não vedes o tremôr, que dos cavallos
 395 O corpo todo agita, quando o vento
 O cheiro lhes levou, que bem conhecem?
 Nada os retarda já, freios, açoutes,
 Rochedos, ou penhascos cavernosos,
 Rios caudaes, que os montes vão roendo :
 400 O proprio javali, que nos Sabinos
 Cêrros habita, cégo se arremessa,
 Afia os dentes, o terreno escava,
 O costado nas arvores esfrega,
 D'ambos os lados endurece os hombros
 405 Contra os do seu rival sangrentos golpes.
 Qual do severo amor ardente fôgo (7)
 Do Mancebo não lavra pelos ossos?
 Dos mares verdes a travez se arroja
 Em noute opaca, noute borrascosa;
 410 Sôbre elle o Ceo troveja forte e horrendo,
 E o mar quebrado em flôr sôbre os cachopos
 Roucos bramidos sólta; em balde as vozes
 De seus miseros pais por elle chamam,

F

(241 até 262.)

- Chama por elle em vão a desgraçada
 415 Virgem, que sôbre o Amante em breve a vida
 Vai tambem exhalar com cruel morte.
 Que direi das batalhas, que os de Baccho
 Malhados lincês, e a dos cães, dos lóbos
 Azêda geração entre si travam?
 420 E até os fracos, timidos veados?
 Das éguas o furor excede a todos,
 Na mente lh'ó imprimio a propria Venus,
 Quando de Glaúco os membros desfizeram
 C'os dentes as Potniadas quadrigas : (8)
 425 Do Gárgaro a travez, e do ruidoso
 Ascanio o amor as leva, os montes galgam, (9)
 Rios passam a nado; a flamma ardente,
 Mal lhe as medúllas ávidas penetra,
 (Na Primavera sobretudo aos ossos
 430 Lhes retorna o calor) todas, voltadas
 As bôccas para o Zéphiro, as alturas
 Buscam, e alli a leve aura recolhem;
 E, sem preceder cóito, vezes muitas
 Prenhes do vento (rara maravilha!)
 435 Fugindo vão por seixos, e penhascos,
 E pelos valles fundos, não teu rumo
 Seguindo, ó Euro, nem do Sol o oriente;
 Mas do Bóreas, do Cauro, ou d'onde o Austro
 Negrissimo soprando, o Ceo enluta,
 440 Frias chuvas das azas sacudindo :
 E' então finalmente que das partes
 Genitæes escorrêr lenta peçonha
 Se lhes observa, hypómenes chamada
 Com proprio nome pelos pegureiros :
 445 Deste veneno as péssimas madrastas,
 Com hervas misturado, uso tem feito
 (263 até 282.)

- Muitas vezes, palavras repetindo
 Nos seus conjuros magicas, nocivas.
 Mas foge o tempo, foge irreparavel,
 450 Do amor em volta os casos esmiuçando.
 Assás tratámos já dos armentios;
 Resta outra parte, que os cuidados nossos
 Deve occupar tambem, a dos rebanhos
 Lanigeros, cabrinhas sedeudas :
 455 Este o grande trabalho, altos louvores
 Delle esperai tirar, fortes colônos;
 Nem duvido, quão grande empreza seja
 Tão tenue assumpto honrar co' a voz das Musas;
 Mas do Parnaso pelos árduos ermos
 460 Leva-me doce amor: apraz-me os cêrros
 Ir da Castalia devassando, atalho
 Onde ninguem abrio algum primeiro,
 Nem rasto encontro, que a subir me ajude :
 Agora, Pales veneranda, agora
 465 Os meus sons soltarei com voz subida.
 Começando direi : em molle aprisco
 Com herva alimentai vossas ovelhas,
 O' pastores, até que á terra volte
 O frondôso Verão; e o duro solo
 470 De palhas lhe alastrai, de fêno brando;
 Afim de que o regêlo frio o gado
 Tenro não damnifique, e o ataque a sarna,
 Ou da podagra tôrpe o mal o invista.
 Passando alem : ordeno-vos, que ás cabras
 475 Fôlhas de médronheirô deis, e frescas
 Correntes aguas, e curraes oppostos
 Aos ventos, recebendo o Sol no Inverno,
 Para o Austro voltados, quando o frio
 Já começa a reinar, e o humido Aquario,

- 480 Do anno ao findar, com chuva orvalha as terras.
 Nem com desvelo inferior tratadas
 As cabras devem ser; embora os véllos
 De Mileto, na purpura de Tyro
 Tintos, rendam, vendidos, lucros grandes :
- 485 Mais crias dão as cabras; dão mais leite;
 Quanto, ordenhando-as, mais o leite espuma,
 Tanto das têtas mais lhes corre em ondas :
 Té do Cyniphio bode as brancas barbas, (10)
 E as abundantes e compridas sedas
- 490 Uso nos arraiaes tem para tendas,
 E servem de cobrir miseros nautas.
 Ellas pascem nos bosques, nos cabeços
 Mais elevados de Lycêo; as plantas
 Espinhosas e ásperas preferem :
- 495 Lembradas, a seu tempo a casa voltam,
 Ellas mesmas guiando o seu rebanho,
 E a porta do redil co' as cheias têtas
 Mal lhes custa a cruzar : Todo o cuidado
 Por tanto despendei em defendel-as
- 500 Do frio gêlo, dos nivosos ventos,
 Quanto menos do emprego ellas carecem
 Dos humanos desvelôs; sustentai-as
 Alegre com tamosos, verdes pastos,
 Nem os palheiros lhes fecheis no Inverno.
- 505 Quando o Estio porêm alegre assôma,
 E o Zephiro convida os dous rebanhos
 Para o pasto nos bosques; ao primeiro
 Alvôr da madrugada eia saiãos
 Com elles para os frescos, verdes e campos,
- 510 Em quanto da manhã nova a luz pura
 Aos prados não roubou o branco orvalho,
 Que as terras hervas cobre; elle é o mais grato,
 (304 até 326.)

- Que aos gados offerece a Natureza :
 Depois, quando á hora quarta a abrazadôra
 515 Sède do Ceo já reina, e com seu canto
 As arvores desfaz agra cigarra,
 Para os póços guiai vossos rebanhos,
 Ou para os fundos pégos; alli bebam,
 Até se saciarem, puras aguas,
 520 Que por canaes de anzinha vão correndo :
 Buscai no ardor da calma umbrôsos valles,
 Onde de Jove algum carvalho annoso
 Os grandes ramos seus ao longe estenda,
 Ou onde em negro bosque a sacra sombra
 525 De bastas azinheiras cubra o solo :
 Outra vez lhes dareis pura agua e pasto
 Proximo ao pôr do Sol, quando tempéra
 Fresco Véspero os ares encalınados,
 E os bosques refrigera a humida Lua ;
 530 Então dos alciões a voz nas praias
 Resôa, e o pintasilgo no espinheiro
 Cantos modula ternos, sonoros.

- Para que hei de narrar nestes meus versos
 Dos pastores da Lybia usos seguidos
 535 Em seus rebanhos conduzir ao pasto?
 E as, que os abrigam, mal vedadas choças?
 Por dias, noutes, por inteiros mezes
 Apascentando-os andam, gira o gado
 Sem aprisco nenhum longos desertos :
 540 Tãmanha é a vastidão dessas campinas!
 O Africano pastor consigo leva
 Tudo, quanto possui, a casa, os lares,
 Armas, cão Amyclêo, Cretense aljava :
 Assim debaixo de pesada carga
 545 O Romano soldado, audaz, valente,

(327 até 346.)

Coberto co' as da patria honrosas armas
 Marcha, e insperado em frente do inimigo,
 Postos os arraiaes, firme apparece.

Os moradores não assim da Scythia,
 550 Os, que ás Meóticas águas se avisinham,
 Os, que junto ás do Istro margens vivem,
 Turvo rio, que arêas aureas volve,
 E os, que o Rhódope habitam, cordilheira,
 Que, após longo rodeio, ao Polo finda :
 555 Vive alli no redil fechado sempre
 Toda a casta de armento, herva nenhuma
 Reveste o campo, as arvores despidas
 De fôlhas se apresentam; vê-se a terra
 Informe, com montões de neve oppressa,
 560 E eleva-se o regêlo em vasto espaço
 Por cima do terreno braças sete :
 Mora lá sempre o Inverno, e sempre os ventos
 Do Noroeste soprando, o frio espalham :
 Jamais o Sol desfaz pállidas sombras,
 565 Ou já quando os corceis ao pino o erguem,
 Ou quando vai lavar no rubro Oceano
 A rapida carroça : amontoadas
 De subito dos rios nas correntes
 Crustas de caramellos se endurecem :
 570 Sustentam sôbre si ferradas rodas
 As aguas, que inda ha pouco divididas
 Eram por curvas prôas, logo aos carros
 Franca hospedagem dão : de instante a instante
 Ouvem-se os bronzes estalar, as roupas
 575 No corpo se inteiriçam, a machado
 Cortam-se humidos vinhos, duro gêlo
 Os lagos todos são; na inculta barba
 D'agua as góttas se gelam, se endurecem ;

(347 até 366.)

- Subito o ar inteiro é fria neve :
- 580 Morre o gado miudo, rodeados
De gêlo os grandes corpos dos bôis, hirtos
Ficam de pé; em bando estreito unidos,
C'o pêso nôvo os gâmos entorpecem,
Deixando apenas vêr extremos galhos;
- 585 De rêdes, nem de cães já se carece
Para serem colhidos, nem já temem
Rubras, oppostas pennas; mas debalde (11)
Pretendendo romper montes de neve,
De perto o caçador a ferro os mata,
- 590 Graves, ao espirarem, urros dando;
E em tanto o Scytha com clamôr ruidoso
Para a chioça conduz alegre a prêsa.
Este seguro vive ociosa vida
No subterraneo lar, alta fogueira
- 595 D'ulmos, carvalhos queima inteiros troncos;
Passa folgando as noutes, e contente
Com fermentados grãos, e ácidas sôrvas
Um licôr fóрма, que arremeda os vinhos.
Tal modo de viver occupa a gente
- 600 Selvagem, que debaixo da carroça
Hyperbórea de estrellas sete habita,
Gente, que o Riphêo Euro açouta, e os membros
Co' as louras pëlles dos seus gados cobre.
Se as lâas vosso cuidado occupam todo,
- 605 D'asperos bosques d'espinhosas plantas
Os gados desviai, pastos amenos
Tambem lhes não convêm; e entre os rebanhos
De côr branca escolhei os mais macios
No vêllo; rejeitai, seja alvo embora,
- 610 O carneiro, que negra lingua mostra
Debaixo do padar humedecido;

(367 até 388.)

- Não vá elle imprimir escuras manchas
 Na, que tem de nascer, futura prole,
 E outro escolhei por todo o vasto campo :
 615 Assim da nivea lãa c'o dom precioso,
 Se crédito merece antiga fama,
 O' Lua, te enganou Pan, Deos da Arcadia,
 E te attrahio, chamou aos altos bosques,
 E ao chamamento seu não te negaste.
 620 Se o leite preferis, sêde frequentes
 Co' a propria mão em ministrar-lhe o lothos
 Nos curraes, e o codêço, e hervas salinas;
 Bebem depois mais agua ovelhas, cabras,
 E mais com o leite as têtas se lhe engrossam,
 625 E ao leite dá o sal sabôr occulto.
 Os cabritos das mãis separam muitos,
 Quando crescidos são, e as tenras bôccas
 Lhes ligam com prizões férreas, e o leite,
 Que ao rompêr da manhã fôra ordenhado,
 630 E no correr do dia, á noute o coalham :
 Já quando a Terra cobrem densas trevas,
 Ou junta ao pôr do Sol o, que é mugido,
 Em éneos vasos o pastor o leva (12)
 A' villa, apenas luz no Ceo a aurora;
 635 Ou, coberto de sal em tenue copia,
 Para alimento, em vindo o Inverno, o guarda.
 Nem empregueis nos cães os derradeiros
 Cuidados vossos; dai porêm d'Esparta
 Aos velozes cachôrros, aos Molosos
 640 Fortes de pingues sôros o alimento :
 Com taes guardas jamais ladrão nocturno
 Receeis, que os curraes venha assaltar-vos,
 Ou o encontro dos lôbos, ou do Ibéro
 Indomito as ciladas traigoeiras.

(389. até 408.)

645 Os cães também os ónagros medrosos
 Servem de perseguir, caçar nos bosques
 Ligeiras lebres, fugitivas côrças;
 Dos lodagaes silvestres sacudidos,
 Latindo, os javalis ao longe expulsam,
 650 E com seus brados pelos altos montes
 Os veados cahir fazem nas rêdes.

Dos curraes desviai chelydros torpes, (13)
 Queimando o cédro, e o gálbano odorosos,
 Nelles não poucas vezes se acantôa

655 A peçonhenta vibora, fugindo
 Do resplendor do Sol amedrontada:
 Introduz-se também, e allí se acouta
 A cobra, costumada á casa e á sombra,
 Para os bôis péste acerba, e que a peçonha

660 Asperge sôbre o gado; a ella te arroja,
 O' pastor, páos e pedras lhe arreméssa
 Sôbre o cóllo elevado e entumecido,
 Ameaços e silvos exhalando:
 Já fugitiva, a tímida cabeça

665 Profundamente esconde, e espedaçados
 Do meio corpo os nós, perdida a cauda,
 Arrasta vagarosa extremas rôscas.

Tambem nos bosques da Calabria existe
 Aquella má serpente, que escamosas
 670 Costas revolve, o collo levantando,
 De grandes manchas pelo ventre longo
 Salpicada; e em quanto os rios correm
 Das suas fontes, e humedece a terra
 Aquosa Primavera, e Austros chuvosos,

675 Nas ribeiras morando, allí sacia
 Com peixes, com loquazes rãas a negra
 Fome voraz; mas quando o ardente Estio

(409 até 432.)

Os lagos faz seccar, abrir as terras;
 Sôbre o sêcco terreno se arremessa,
 680 Improba os campos áridos assalta,
 E chammejantes olhos revolvendo,
 (Dobra-lhe a sêde a raiva) atordoada
 Pelo intenso calor, mais se embravece.

Nunca ao sereno então tranquillos somnos
 685 Na vontade me dê dormir nos bosques,
 De costas sôbre a relva reclinado,
 Mormente quando a péelle antiga despe,
 E, remoçada já, nitida e joven,
 Pelo solo serpêa; ou quando os filhos,
 690 Ou no covil os ovos seus deixando,
 Levanta para o Sol trisulca lingua.

Das doenças as causas, os symptomas
 Agora ensinarei: A rônha torpe
 As ovelhas ataca, quando a chuva
 695 Fria, e o hórrido Inverno co' as geadas
 Mais ao vivo as penetram; ou o inmundo
 Suór das tosquiadas se une á péelle;
 Ou quando espinhos ásperos os corpos
 Arranhado lhes tem: Todo o rebanho
 700 Por isso os maioraes em dôces aguas
 Costumam de ir banhar; e, humido o vélllo,
 De mergulho o carneiro aos pégos lançam,
 E, assim lançado, rio abaixo corre;
 Ou lhe esfregam o tosquiado corpo
 705 Co' a do azeite agua ruça, misturada
 Com espumas de prata, e vivo enxôfre,
 Pêz, cebôla alvarrãa, unctuosa cêra,
 Negro betume, helléboro pesado.
 Para vencer o mal porêm mais prompto
 710 A fortuna nenhum melhor off'rece

(133 até 452.)

- Remedio, do que o ferro : eia, podendo
 Da pústula cortai com elle a bôcca ;
 Alimenta-se, e vive á sombra o vicio,
 Em quanto mézinheira mão recusa
- 715 O pastor applicar, e descansado
 Se confia em pedir soccôrro aos Deoses :
 No em tanto a dôr no intimo dos ossos
 Das balantes penetra, e se enfurece,
 Pelos membros se espalha a árida febre :
- 720 Para abrandar então della os ardores
 Uma veia lhe abri, que no mais baixo
 Dos pés virdes com sangue entumccida :
 Os Bisaltas assim, assim o Gelôno
 Asperrimo praticam, quando fogem
- 725 Para o Rhódope, ou Géthicos desertos,
 E o leite bebem, antes coagulado
 Com sangue de cavallo. — Mas se a sombra
 Virdes, que a miudo buscam, ou que as cimas
 Frouxamente das hervas vão tosando,
- 730 Sempre as outras seguindo derradeiras,
 Ou que pastam deitadas sôbre o campo,
 E sós para o redil á noute voltam ;
 Do ferro lançai mão, e em continente
 A vida lhes tirai, antes que o incauto
- 735 Rebanho inteiro o mal vos contagie.
 Subito pé de vento, que dos mares
 A tempestade arroja sôbre a terra,
 Estrages tantos não produz, derrama ;
 Quantas as, que os rebanhos acommettem,
- 740 Variadas pestes : victima do morbo
 Um individuo só não morre, inteiros
 Pegulhaes, pais, e mãis, e filhos, tudo
 O contagio lethal devora, e a esp'rança
 (453 até 473.)

- Da nova geração, que a grei renove.
 745 Quem os aereos Alpes visse outrora,
 Da Noricia os castellos nos outeiros,
 Do Japigio Timavo os campos visse,
 E após compridos annos os vir hoje;
 Reinos, onde pastores domináram,
 750 Encontrará desertos, e vazios
 Por toda a parte bosques e campinas.
 Do ar a corrupção em tempo antigo
 Alli gerou miserriima tormenta,
 Que os do Estio ardores mais intensos
 755 Fêz no Outôno accender; os gados todos,
 Todas as feras fêz morrer; as aguas
 Dos lagos corrompêo, té ás pastagens
 A podridão se diffunnio: a morte
 Nem era a usual, sem dôr, sem ancias;
 760 Coando as veias todas sêde ardente
 Os membros contrahia, humores pôdres
 Abundavam depois, e já desfeitos,
 Os ossos todos nelles fluctuavam.
 Muitas vezes a victima oft'recida
 765 Aos Numes, e ante as aras collocada,
 Ao passo que a lanosa, nivea fita
 Lhe vai cingindo a fronte, se os Ministros
 Um pouco se demoram, cahe sem vida;
 Ou, se immolada já c'o sacro ferro,
 770 Della não ousa o Sacerdote as fibras
 Sôbre as aras queimar, nem pode o Vate
 Resposta alguma dar aos, que o consultam;
 A ponta do cutello, apenas tinta
 Da victimia no sangue, o sólo mancha
 775 Com tenues gôttas de materia immunda,
 Pelos prados vigosos os novillos

(474 até 494.)

Morrem a cada passo, ou junto aos cieios
Curraes vão exhalando as dôces almas.

Aos cães fagueiros acommette a raiva,
780 E tósse aos porcos anhelante ataca,
Que as infartadas fauces lhes erucia.

Victorioso cavallo, deslembrado
Das applicações suas, das pastagens,
Cahe por terra infeliz, nem busca as fontes,
785 E com frequente pé a terra bate :

Orelhas baixas, um suor incerto
E frio, tal, qual vem aos moribundos,
Os membros lhe humedece; áspera a pélle,
Dura ao tacto resiste, quando a tocam.

790 Taes nos dias primeiros antecedem
Signaes o mortal golpe : Se a aggravar-se
Depois o mal começa, afogueados
Mostram-se os olhos, com gemidos fundos,
E com respiração anciada ás vezes,

795 As intimas entranhas lhes dilatam
Longos e penosissimos soluços :
Das ventas negro sangue corre, e a lingua
Sêcca as obstruidas fauces lhes opprime.

Para salvar as rêzes moribundas,
800 Um só meio occorrêo, dar-lhe em bebida
Vinho lançado por funis nas bôccas;
Mas não tardou em vêr-se, que o remedio
O mal hia aggravar; assim refeitas,
Ardiam com furor, quasi expirando

805 (De tal raiva salvai os bons, ó Deoses,
Da patria aos inimigos só mandai-a),
Ellas mesmas c'os dentes laceravam
Os proprios membros seus, e os desfaziam.

Co' a dura rêlha, o touro fumegando,
(495 até 515.)

- 810 Sôbre a terra lá cáhe, da bôcca expelle
 Sangue, d'alvas espumas misturado,
 Della exhalando os ultimos gemidos :
 O triste lavrador d'alli se aparta,
 Só comsigo levando o saudoso
- 815 Novilho, que do irmão lamenta a perda ;
 Deixa o trabalho em meio, o arado deixa :
 Nem os bosques sombrios, molles prados
 Lhe podem o animo alegrar, nem busca
 Mais puras, que o cristal, aguas, que manam
- 820 Dos penhascos, e os campos vão regando :
 Enruga-lhe a magreza intima os lados,
 Tem nos olhos impresso espanto inerte,
 Curva a cerviz lhe pende sôbre a terra :
 Que proveito lhe dão hoje os trabalhos,
- 825 E os beneficios seus? o ter aberto
 Co' a rêtha luzidia as duras terras?
 Não lhes proveio o mal de se enfrascarem
 No Mássico licôr, mimo de Baccho ;
 Nem variados, opíparos manjares
- 830 De tão funesto mal origem fôram ;
 Dão-lhes simples sustento hervas e fôlhas,
 Bebida as fontes limpidas, e os rios,
 Cujas aguas, correndo, mais se apuram ;
 Nem cuidados lhes cortam brando o somno.
- 835 N'aquellas regiões então, é fama,
 Um jugo em vão de bôis foi procurado,
 Para de Júnô ao templo conduzirem
 Os offertados dons; e dous apenas
 Bâfalos, não iguaes, os transportaram :
- 840 Abrem a terra pois (lida penosa!)
 Os homens com ensinhs, e sepultam
 Co' as proprias mãos os trigos; e ás alturas
 (516 até 535.)

Dos montes, estirados os peseços,
Vão arrastando os estridentes carros.

845 Em volta dos curraes não arma o lobo

Costumadas traições, nem vai de noute

Por perto dos rebanhos dar seus giros;

Mais áspero cuidado o domestica :

Timidas côrças, gâmos fugitivos

850 Misturados c'os cães andam vagando

Agora em tórno dos humanos tectos.

Do mar immenso a prole, e a especie inteira

Dos mudos nadadores vem ás praias,

Ou no meio das ondas fluctuando

855 Seus náufragos cadaveres se encontram :

Insolito refugio as focas buscam

Dentro dos rios : nos covis profundos

Em vão se esconde a vibora, alli morre ;

Morrem as cobras, crespas as eseâmas,

860 Assombradas do mal, que as dilacera :

Nem ás aves do ar poupa o contagio,

Que arrojadas do alto a vida perdem.

Mudar de pastos foi baldado intento ;

E, em vêz de aproveitar a medicina,

865 Antes lhe é mais nociva : os dous peritos,

O Phyliro Chiron, e o de Amithonio (14)

Filho, Melampo, fraquearam ambos.

A pállida Thisiphone, sahindo

Da tenebrosa Estyge, se embravece ;

870 O Mêdo e Enfermidades a precedem,

E cada vêz mais alta ergue a cabeça

Ávida dos mortaes, frios despojos.

C'ò balido dos gados, c'os frequentes

Mugidos sôam rios, ribanceiras

875 Áridas, e os outeiros empinados :

(536 até 555.)

Por grandes multidões já se derrama
O destrôço fatal, nos curraes mesmos
Amontôa cadaveres a peste.

- Julgou-se em fim prudente o enterral-os,
880 Removendo-os da vista, em fundas covas;
Pois nem préstimo algum as péllles tinham,
Nem com agua, ou com fogo alguém podia
De rêzes tantas consumir as carnes;
Nem podiam as lãas ser tosquiadas,
885 Por comidas do mórbo, e da immundicia;
Ou dellas os tecidos sem perigo
Pôdres tocados ser; e se de pãnos
Tão nocivos alguém vestir-se ousava,
Suor immundo, pústulas ardentes
890 Os mal cheirosos membros lhe cobriam,
E logo após, se as vestes não depunha,
Fôgo maldito lhe tragava os membros.

(556 até o fim.)

FIM DO LIVRO TERCEIRO.

NOTAS

AO LIVRO TERCEIRO.

- (1) Verso 1. — O Poeta, propondo-se a tratar das sementeiras no Livro 1.^o deste seu Poema, invoca a Ceres : No Livro 2.^o, tratando com especialidade da cultura da vinha, invocou a Baccho : agora, que vai tratar dos pastos e dos rebanhos, invoca a Pales, Deosa dos pastores.
- (2) Verso 153. — Saturno, segundo a mythologia foi surpreendido nos seus tratos amorosos com Phillyra, filha do Oceano, por sua mulher Rhêa : para escapar ás suas justas queixas, evadio-se, tomando a figura de um cavallo.
- (3) Verso 250. — A *Inachia novilha* é Io, filha do rio Inachio, a qual, sendo amásia de Jupiter, foi por elle convertida em novilha, a fim de não ser conhecida por sua esposa Juno na occasião, em que esta os surprehendeo nos seus amorosos brincos : mas Juno, suspeitando a transformação, pediu ao marido lhe dêsse aquella novilha, o que elle não ousou recusar-lhe, por não incorrer nas suspeitas do que era verdade. Juno, apenas a teve em seu poder, fez-lhe padecer toda a qualidade de máos tratos, sendo um delles o mandar ao moscardo, chamado em Português *lavão*, ou *tabão*, o mesmo, de que Virgilio aqui falla, que incessantemente a perseguisse : por elle agitada, fugio para o Egypto, unde, restituída á sua primeira forma, se casou com o rei Osiris, e depois de morta ficou sendo venerada como Deosa debaixo do nôme de Isis.
- (4) Verso 264. — Mr. Delille faz sobre este lugar das Georgicas huma observação mui judieiosa, que passámos a transcrever : « Segui, diz elle, na minha traducção a multidão dos traductores : eis vou propôr outra intelligencia. Virgilio divide as rézes recém-nascidas em tres classes, 1.^a a das que devem servir para a reproducção do rebanho : 2.^a a das que hão de ser reservadas para os sacrificios : 3.^a das que são destinadas para a lavoura : As duas primeiras classes, diz o Poeta, podem pastar, e engordar em liberdade ;

quanto porêm aos individuos da terceira, esses devem desde logo ser educados para a lavoura. Esta intelligencia é que me parece a verdadeira. » — O Commentador Heyne é do mesmo parecer; por quanto em a Nota correspondente assim se expressa : *cetera armenta*, todos os novillos restantes pastam em um só rebanho, exceptuados os, que são destinados para os trabalhos do campo.

- (5) Verso 308. — Declarâmos, que nos não satisfaz cabalmente a interpretação, que no texto demos a este verso, o qual seria talvez melhor traduzido da maneira seguinte, e mais á letra :

E assemelhe-se assim ao que trabalha.

Para bem o entendermos, de balde consultâmos os Commentadores : a sua mudêz neste logar difficil fez-uos conhecer, que ignorâram, como nós, a sua genuina intelligencia : apenas encontrâmos uma pequena annotação a este logar na edição das Obras do Poeta, acompanhada de notas de Servio, de Donato, de Pontano &c., impressa em Leyden no anno de 1652, cujas palavras são como se seguem : (*Sitque laboranti similis.*) *Præparetur ad futurum laborem. Hoc est, non vere laboret, ne tedium capiat.* Não nos contentando esta interpretação, consultâmos os traductores; mas dos tres Portuguezes cada um desvaira para seu ruuo :

E seja similliante a quem trabalha. (Leonel da Costa).

A girar e a dobrar as curvas côxas

Labore, galopêe á redea solta. (Osorio de Pina).

Dobre as pernas alterno, e imite os mestres. (Dr. Lima Leitão).

O novo traductor Francêz, Mr. Ferdinand Collet, na sua versão em prosa entende o verso assim : « bien que cet exercice lui paraisse pénible. » — Com igual intelligencia parece haver-se conformado Mr. Delille, traduzindo o verso :

Pour la rendre plus libre, on gêne son allure.

Qual destas será a verdadeira intelligencia da oração de Virgilio : *Sitque laboranti similis?*... A variedade das interpretações, que apresentâmos, deve desculpar a extensão desta Nota.

- (6) Verso 346. — A edição das Georgicas, feita pelo Alle-

mão Heyne, lê no verso 219 do Original Latino, que corresponde ao 346 da nossa traducção, em vez de *Sylva* da totalidade das edições, a palavra *Sila*, (montanha selvosa da cordilheira dos Apenninos nas regiões extremas do paiz dos Brutios, ou dos Abruzos), fundado no testemunho de Servio, e na sua propria critica. Seguindo-se esta lição, pode traduzir-se o verso Latino da maneira seguinte :

Novilha em quanto de formoso talhe
Do grande Sila pasce nas montanhas.

- (7) Verso 406 até 416. — Allude sem duvida Virgilio nestes versos ao fim desastrado, e hem conhecido dos dous amantes Hellesponticos, Leandro e Hero.
- (8) Verso 424. — Estrabo no livro 9.^o escreve, que não longe de Thebas na Beocia está a fonte *Potnia*, e que d'aqui eram as eguas, que despedaçaram a Glauco; e por isso o Poeta lhes dá o nome de *Potniades*. (Nota de Leonel da Costa).
- (9) Verso 424. — *Ascanio* não é somente nome do filho de Eneas; tambem o é de um rio, e de um lago, donde este sahe na Mysia superior, ou na Bithynia. — O *Gargaro* é o cume do monte Ida.
- (10) Verso 488. — *Cinyphio bode*. *Cinypho* é um rio da Lybia, que corre por campos fertilissimos, como escreve Mella; e desta parte são, ou eram os bodes, a que o Poeta chama *Cinyphios*, os quaes se tosquiavam, e das suas guedelhas se faziam muitas obras accommodadas ao uso humano. (Nota de Leonel da Costa).
- (11) Verso 587. — Era costume dos caçadores, quando não queriam, que os veados passassem por alguma parte, pôr-lhes estas pennas vermelhas penduradas de cordas; para que, fazendo-lhes medo, se desviassem, e fossem cabir nas rêdes: donde tambem Ovidio disse no livro 15.^o das *Metamorphoses*: *Nec formidatis cervos includite pennis*. (Leonel da Costa).
- (12) Verso 633. — Este logar, correspondente ao verso 402 do Poeta Latino, offerece alguma difficuldade, por causa do substantivo *calathis*, que alguns traductores, com Servio, interpretam *vasos de metal*; outros entendem, que elle significa neste logar *vasos ou cestos feitos de vimes*. Hesitamos sobre qual das duas significações deveriamos dar-lhe: Diz Virgilio, que o leite ordenhado

junto ao pôr do Sol, ou depois de anoitecer, é levado na madrugada seguinte pelo pastor á Villa, ou é guardado para servir de alimentò no Inverno : se é levado pelo pastor em estado de liquido, clara está, que o substantivo *calathis* deve entender-se *vasos de metal, de barro &c.*; se porêm o mesmo substantivo significa neste lugar *vasos ou cestos de vime*, eutão o leite é conduzido no estado de coalhada, ou de requeijão. Qual destas intelligencias será a verdadeira? Nos commentadores não encontrámos explicação sufficiente; e os traductores ou sahem da difficuldade, deixando de traduzir o substantivo *calathis*, como fizeram Osorio de Pina, e o Dr. Lima Leitão; ou dão ao vocabulo a primeira significação, tal foi o Francêz Ferdinand Collet; outros a segunda, como fêz Mr. Delille, e Leonel da Costa. No texto desta nòssa traducção demos ao vocabulo *calathis* a primeira das duas significações; seguindo-se porêm a segunda, pode o verso traduzir-se:

De vime em cestos o pastor o leva.

- (13) Verso 652. — *Chelydros*, diz Leonel da Costa, são cértas serpentes ou cohras, que vivem na agua, e na terra, quasi *chersydri*; porque os Gregos chamam á terra *cherson*, e á agua *hydor*.
- (14) Verso 866. — Os dous peritos, de que Virgilio aqui falla, fôram dous medicos insignes na antiguidade, a saber, o *Centaurio Chiron*, filho de Saturno e da Nympha Phillyra, mestre do celebre Esculapio; e *Melampo*, filho de Amythonio ou Amython Argivo, e de Dorypne, segundo Homero no Livro 15.º da Odissèa.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO TERCEIRO.

AS GEORGICAS

DE P. VIRGILIO MARÃO.



L I V R O IV.



Do aereo mel agora os dons celestes (1)
Vão dar fim a meu canto; eia a esta parte
Delle attende tambem, claro Mecenas:
Admirando espectaculo te off'recem
5 Cousas embora ténues: — Os cabeças
Magnanimos de um povo inteiro, e em ordem
Seus modos de viver, costumes, guerras,
Tudo te contarei — : trabalho immenso
Em tão pequeno assumpto; mas não leve
10 Minha gloria será, se adversos Numes
Assim o consentirem, se o meu canto
Apollo bafejar c'os seus influxos.
Apropriadas posição, morada
Cumpre para as abelhas procurar-se
15 Antes de tudo o mais: aos ventos nunca
Exposta a entrada seja (elles lhe impedem
O pasto conduzir para os seus lares):

(1 até 10.)

- Nem as flôres lhe esmaguem, lhes destruem
 Ovelhas, e cabritos petulantes ;
- 20 Ou, vagueando nos campos a novilha,
 Sacuda o orvalho, as hervas lhes amasse :
 Das colmeas distantes vivam, morem
 Os pintados lagartos, os alrutes, (2)
 E semelhantes aves, qual no peito
- 25 Progne manchada co' a cruenta dextra ; (3)
 Porque tudo devastam, e nos bicos
 Levam, voando, para os diros ninhos
 As abelhas, sustento dôce aos filhos :
 Mas junto aos colmeaes limpidas fontes
- 30 Haja, e musgosos, verdejantes lagos ;
 Ténue regato pelas hervas fuja,
 E o vestibulo a palma, ou o zambujeiro
 De grande dimensão lhes cubra, e assombre ;
 Para que, ao vir da sua Primavera,
- 35 Quando os novos enxames conduzirem
 Seus novos reis, dos favos despedida (4)
 A joven prole, tenha onde brincando
 A ribanceira proxima os convide
 Do calôr a abrigar-se, e nos seus ramos
- 40 A arvore brando hospicio lhes ministre.
 Das pedras, dos salgueiros, que ás correntes,
 Ou aguas estagnadas se avisinham,
 Uma ponte formai, onde pousar-se
 Possam, e alli ao estivo Sol as azas
- 45 Abrir, ou espalhado as tenha o vento,
 Ou violento nas aguas submergido.
 Verdes cacias em volta aqui floream,
 O cheiroso serpão, e em larga copia
 A segurelha de possante arôma,
- 50 E as violêtas da fonte as aguas bebam.

(11 até 32.)

- Ou de arqueada cortiça bem unida
 Com cavilhas se formem as colméas,
 Ou de vimes tecidos dobradiços :
 Estreita entrada tenham ; pois no Inverno
 55 O frio faz gelar o mel, no Estio
 O calor o liquescé, extremos ambos
 Por igual das abelhas receados :
 Assim, notando apenas ténue fenda
 Na sua habitação, logo á porfia
 60 Com branda cêra correm a entupil-a,
 E acabam de a cobrir de fuco e flôres ;
 E' para o mesmó fim que ajuntam, guardam
 Um gluten mais, que o visco lento e brando,
 E que o pêz no Ida Phrygio produzido.
 65 Muitas vezes tambem em covas fundas
 (Se é certo o que se diz) morada assentam
 Debaixo do terreno, e em ôcas pedras,
 Ou de uma arvore velha nas cavernas :
 Mas ás, que nos cortiços abrigardes,
 70 Barrai-lhe bem da casa abertas fendas
 Toda em volta com grêda amollecida,
 E depois lh'a cobri com verdes fôlhas.
 Não consintais, que o teixo alli vegete,
 Nem que se torrem rubros caranguejos
 75 Junto dos colmeaes : jazam distantes
 Das fundas alagôas, d'onde o lôdo
 Fedor grave exhalar ; e assim ao longe
 De cavados penhascos resonantes,
 Onde a humana voz imita o écho.
 80 Mais ainda : o dourado Sol apenas
 Da Terra para o fundo o Inverno expelle,
 E abre a entrada no Ceo á luz estiva,
 As abelhas em continente correm

(33 até 53.)

- Toda a extensão dos bosques e das selvas,
 85 Colhendo alli a purpura das flôres,
 E ligeirás libando fluviaes aguas :
 Com que prazer então, que mal conheço,
 As não vemos alegres fomentando
 Os filhos seus, e os ninhos que os abrigam !
- 90 Ir com arte amassando as novas ceras,
 E fabricando o mel conglutinoso !
 Quando porêm nadar nos ares virdes
 Pelo serêno Estio o nôvo enxame,
 Dos cortiços sahido, e qual escura
- 95 Nuvem dos ventos á mercê levado,
 Ir buscar dôces aguas, e frondosas
 Moradas; contemplai-lhe a aérea via,
 E ordenai, que sôbre elle se derrame
 Da triturada mellisphyla o arôma, (5)
- 100 E o das cerinthas mui vulgares plantas :
 Delle em vólta fazei soar tinidos,
 De Cybelle os timbales tudo atrôem ;
 Vêl-o-heis logo pousar na preparada
 Nova casa, e as abelhas per si mesmas
- 105 Della no mais interno ir-se alojando.
 Se para guerrear porêm a campo
 Da colmêa sahirem, (vezes muitas
 Entre dous reis discordia ingente lavra)
 Da plebe conhecer animo e esfôrço
- 110 Cumpre com prevenção; um som guerreiro,
 Qual o do bronze rouco, argûe, desperta
 Os tardios soldados; de trombetas
 Imitadôra voz áspera se ouve ;
 Apressados então correm a unir-se,
- 115 Brilham-lhe as azas, com a tromba os dardos
 Afiam, braços próvidas adestram,

(53 até 74.)

- E em vólta do seu rei, e junto á tenda
Do general em multidão se aggregam,
E com grande clamor para a batalha
120 O inimigo provocam. Mal o Estio
Serenos os largos campos senhorêa
Em grão concurso pelas portas rompem,
Sôa nos altos ares o arruido :
Umâs com outras confundidas fórmam
125 Um apinhado globo, e sôbre a terra
Dura, cabeça abaixo, vão cahindo :
O granizo não cahe do ar mais denso,
Nem da azinheira a glande, quando a abalam,
Com esplendidas azas revoando
130 D'um para outro esquadrão os reis no peito,
Pequeno embora, brio ingente nutrem,
Sem tenazes cederem, té que a sorte
Dura da guerra a um, ou a outro as costas
Obrigue a dar, ao vencedôr cedendo :
135 Mas animosidades tantas, guerras
Tão pelejadas aquieta, amansa
De pouco pó um jacto ao ar lançado.
Voltados do combate os chefes âmbos,
Privai da vida aquelle, que julgardes
140 Ser delles o peor; que assim se evita
Em sustental-o profusão inutil,
Reine o melhor no despejado paço :
Esplende um delles com douradas malhas,
(Pois dous generos ha) a preferencia
145 A este dareis, por ser melhor; na face
E' elle insigne, rútilas escamas
Illustre o tornam : é o outro horrendo,
Dado á preguiça, e um ventre desmedido,
Sem lhe importar a gloria, obêso arrasta.

(75 até 94.)

- 150 Assim como dos reis, também da plebe.
 Dous generos os corpos apresentam;
 Torpeza hedionda n'umas se devisa,
 Como de pó cobertas, quando desce
 Lá do alto dos ares, e da bôcca
- 155 Árida o viandante fóra o cospe:
 Brilham outras, resplendem fulgurosas,
 Qual ouro reluzente, em todo o corpo
 De malhas de igual côr bem matizado:
 São de raça melhor estas, e em tempo
- 160 Proprio d'ella havereis o mui suave
 Doce mel, e não já somente dôce,
 Mas liquido também, com que a aspereza
 Do gôsto abrandareis do vinho duro.
 Se porêm brincam, vôam pelos ares
- 165 Os enxames sem rumo certo, e os favos
 Desprezam, o seu frio lar deixando;
 Cohibir-lhe deveis o humôr inquieto,
 E os vãos divertimentos; é bastante
 Privar das azas os seus reis; nenhuma,
- 170 Ao vê-los sem acção, sahir a campo
 Jamais se atreverá, e os estandartes
 Do arraial a arrancar será ousada.
 Hortos, que de açafão as flôres ornam,
 Exhalando odoriferos arômas,
- 175 As convidem a ter alli morada:
 Defenda-as o Hellespontico Priapo
 Dos ladrões, e das aves, de salgueiro
 Armado com a fouce. — O que as colmêas
 Tem a seu cargo, das montanhas altas
- 180 Os pinheiros descer faça, e o tomilho,
 E em volta dellas pródigo os transplante;
 As mãos trabalho duro lhe encalleça,

(95 até 114.)

- No solo entérre plantas productoras,
 É por cima lhe vêta amigas aguas.
- 185 De certo, se chegado dos trabalhos
 Já mui proximo ao fim, eu não colhesse
 Ao meu baixel as vélas, e apressado
 A prôa para a terra não voltasse;
 Os desvelos talvez eu cantaria,
- 190 Que empregar deve, quem seus ferteis hortos
 Deseja cultivar, ornar com arte;
 E de Pesto os rosaes, que vezes duas (6)
 Rosas no anno dão: como deleita
 Aos almeirões bebêr d'agua as correntes,
- 195 E são gratas ao aipo as verdes ríbas:
 Como d'entre a folhagem cresce o tôrto,
 Barrigudo pepino; nem o tardo
 Em vestir-se de fôlhas vão narciso,
 Nem o do acantho dobradiço vime
- 200 Faltaria em cantar, pállidas heras,
 E os myrtos, que habitar folgam nas praías:
 Pois me lembro haver visto junto ás altas
 Tôrres de CEBalia, onde os louros campos (7)
 Do Galésio humedecem negro as aguas,
- 205 Um velho de Corycium, que de terra (8)
 Ingrata poucas geiras possuia,
 Para novillos nem fecunda em pastos,
 Nem para o miudo gado accommodada,
 Nem para as produções, que Baccho estima;
- 210 Elle comtudo, alli rara hortaliça
 Dispondo no espinhoso chão, e em volta
 Brancos lirios, verbênas, e esculentas
 Dormideiras, aos Reis na opulencia
 Em seu animo igual se reputava;
- 215 E, alta noute já voltando a casa,

(115 até 133.)

- Enchia de iguarias não compradas
 Sua mêsã frugal : na Primavera
 Primeiro, que ninguem, colhia as rosas,
 E no Outôno tambem colhia os pômos;
 220 E, quando o Inverno triste espedaçava
 As penhas com seus frios, e a corrente
 Das aguas refreava o gêlo duro,
 Já desde então a cômã tosquiando
 Do molle acantho, reprehendia a lenta
 225 Primavera, e os Zephyros tardios :
 Abundava tambem primeiro, que outrem,
 Em abelhas mellificas, e enxâmes,
 E em mel spumante de espremidos favos :
 Elle ó pinheiro ubérrimo, elle as tilias
 230 Alli via crescer; e quanto em flôres
 Novas a arvore fertil se ostentava,
 Tantos no Outôno sazoados fructos
 Contente recolhia : ulmos tardios
 Em renques alinhava, e as muito duras
 235 Pereiras, e enxertados espinheiros,
 Já produzindo ameixas, transplantados
 Para alli, verdes plátanos frondosos
 Aos bebedôres ministravam sombra :
 Mas circunscripto n'um espaço estreito,
 240 Dou de mão a este assumpto; outros poetas
 De mim após virão, que os solemnisem.
 Agora pois direi, qual natureza
 As abelhas addira o proprio Jove
 Em paga do mellifluo alimento,
 245 Que do Ceo ao monarcha hão ministrado
 No antro Dictêo, canoros sons seguindo
 Dos Curetes, e os bronzes crepitantes.
 Ellas sós em commum filhos procrêam;

(134 até 153.)

- E em todo o tempo a grandes leis sujeitas,
 250 Consorte habitação tem na cidade;
 Patria e certos penates sós conhecem;
 E do futuro Inverno precavidas
 Dão-se no Estio a ásperos trabalhos,
 E do, que ajuntam, um só monte fórmam :
 255 Em busca do alimento umas madrugam,
 E n'um concerto mutuo os campos correm;
 Outras dentro de casa os fundamentos
 Primeiros põem dos favos, lento gluten,
 Que a cortiça das arvores ministram,
 260 E do narciso as lagrimas; suspendem
 Delle a cêra tenaz. Dellas se occupam
 Na educação da prole adulta, esp'rança
 Futura da nação : dellas fabricam
 O muito puro mel, e as cellas enchem
 265 Deste liquido nectar. Sentinella
 Fazer compete a algumas junto ás portas,
 D'onde espreitam tambem, se nebuloso
 O Ceo se mostra, e se ameaça chuva;
 Ou a carga recebem das, que chegam;
 270 Ou, esquadrão formando, fóra lançam
 Os zangões, gado ignavo, dos cortiços :
 A obra está fervendo, o mel fragrante
 A tomilho odorifero rescende.

Bem como quando os Cyclopes se apressam

- 275 Co' as lentas massas a forjar os raios,
 Uns nos folles de touro o vento acolhem,
 Ou já o expellem; outros vão n'um lago
 Os bronzes estridentes mergulhando;
 Co' as impostas bigornas geme o Etna :
 280 Uns e outros com grande fôrça os braços
 Levantam a compasso, e o rubro ferro

(154 até 175.)

- Volvem com a tenaz empolgadôra.
 Assim (se a grandes diminutas cousas
 Lícito é comparar) amor innato
- 285 De possuir em seu emprego incita
 Cada uma das Cecrópicas abelhas. (9)
 Tem da casa o cuidado as mais idosas,
 Os favos fortificam, e repartem
 Dedáleos aposentos: Bem cansadas
- 290 Já depois de cerrada a noute voltam
 Chcias as pernas de tomilho, as jovens:
 Aqui e alli nos medronheiros pastam,
 Na cácia, nos salgueiros, que verdejam,
 No rubido açafrão, nas pingues tilias,
- 295 Nos junquillos, que a côr do ferro imitam.
 É do descanso, do trabalho o tempo
 Para todas um só; das portas rompem,
 Mal despona a manham, não ha descanso:
 Do Véspero ao nascer admoestadas,
- 300 As mesmas deixam pasto, campos deixam,
 E a casa buscam, vão cuidar nos corpos:
 Um sonido se escuta, um murmurio
 Em tórno ao patamar, em tórno ás portas;
 Depois, tanto que aos thálamos se acolhem,
- 305 Reina o silencio pela noute inteira,
 E o somno occupa seus cansados membros.
 Nunca porêm dos lares seus se afastam
 Para longe, ou dos ares se confiam,
 Quando imminente ameaça ou chuva, ou ventos,
- 310 E precavidas vão provêr-se d'agua
 Em volta das muralhas da cidade,
 Correrias mui curtas intentando:
 E muitas vezes um seixinho tomam,
 Como as barcas, vogando sôbre as ondas

(175 até 195.)

315 Inquietas, levam lastro; e se equilibram
Assim pelos vazios, turvos ares.

Pasmareis do costume, que ás abelhas,
Quanto a reproducção seguir aprouve :
Não se entregam ao cóito, nem ociosas
320 De Venus o prazer lhe enerva os corpos,
Ou com esforço dão á luz a prole :
Ellas porêm das fôlhas e hervas dôces
Os filhos seus co'as bôccas vão colhendo ;
De reis, de jovens cidadãos se provem
325 Ellas mesmas assim, e assim seus pagos,
E de cêra os seus reinos repovôam.

Muitas vezes tambem nas duras penhas,
Voando as azas quebram, e espontaneas
Debaixo do seu peso a vida exhalam :
330 Tamanho amor das flôres as domina !
E em fazer mel tamanha gloria sentem !
Mas, curta embora seja a idade sua,
(Nunca septimo Estio ella transcende)
Sempre immortaes persistem, e annos muitos

335 Dura da sua casa firme a dita,
E d'avós contam mui comprida linha.

Como ellas, nem o Egypto, e a Lydia ingente,
Nem dos Parthos o pôvo, ou o Médo Hydaspio,
Respeitam o seu rei : em quanto é vivo,
340 Um só pensar a todas rége, e anima ;
Mas, chegando a perdêl-o, a fé quebrantam,
Ellas mesmas o mel já feito entornam,
E dos favos as cellas despedaçam :
Dos trabalhos communs é elle o guarda,

345 E admiração constante lhe tributam :
Com som ruidôso todas o rodêam,
E incessantes lhe assistem : vezes muitas

(196 até 217.)

- Sôbre os hombros o tomam, nas batalhas
 Com seus corpos o esudam, e feridas
 350 Procuram acabar com pulchra morte.
 Houve com taes signaes, com taes exemplos,
 Depois de bem pensados, quem julgasse
 Existir nas abelhas uma parte
 Da alma divina, e espiritos ethéreos;
 355 Visto que a Terra, o Mar e o Ceo profundo
 A Divindade abrangem, d'ella os gados,
 Os armentios, homens, feras todas
 Reccebem ao nascer as tenues vidas:
 Da mesma sorte, dissolvidas quando
 360 Todas as cousas são, para elle voltam,
 Nem tem logar a morte; porêm vivas
 A occupar vôm um logar nos astros,
 Onde no alto Ceo morada assentam.
 Quando o estreito recinto, onde guardados
 365 Os thesouros do mel jazem, tentardes
 Ousado devassar, antes na bôcea
 Tomai bochêchos d'agua, e alli retida,
 Espargi-a depois sôbre as abelhas,
 E as mãos precêdam fumos, que as persigam.
 370 Vezes duas no anno os favos enchem,
 E outras tantas do mel é a colheita, (10)
 Ou quando a face honesta á terra mostra
 A Plâida Taigete, e do Oceano
 C'os pés repelle as aguas, que despreza;
 375 Ou, quando ao aquoso Piscis dando as costas,
 Tristemente o Ceo deixa, e vai nas ondas
 Hibernaes submergir-se. Ira extrema
 Das abelhas se apossa, e átro veneno,
 Offendidas, mordendo imprimem, deixam
 380 Cravados os subtis ferrões nas veias;

(218 até 238.)

Mas, quando assim vulneram, promptas morrem.

- Se o duro Inverno receais, attentos
Tende em vista o futuro, condoei-vos
Das abatidas, miseras abelhas,
385 Deixando-lhes porção, que as alimente,
Do fabricado mel: Quem ha, que hesite
Em perfumar-lhes com tomilho as casas?
E em cortar nellas os vazios favos?
Pois vezes muitas lagartixa ignota
390 Se introduz dentro delles, e enche as cellas
Lucifuga barata, e zangão prompto
Sempre a nutrir-se do trabalho alheio;
Ou tambem entra allí a áspera vespa,
Mais, que as abelhas, poderosa em armas;
395 Ou da traça nociva a dita especie,
Ou, de Minerva odeada, a aranha tece
Junto da porta suas frouxas têas.
Quanto mais os cortiços lhe exaurirdes,
Tanto maior empregarão desvelo
400 Em do perdido resarcir a falta,
Os logares enchendo despejados,
E de flôres tecendo os seus celleiros.
Se porêm (pois tambem aos males nossos
A vida das abelhas anda exposta)
405 Triste lhe enfraquecer doença os corpos,
Claros signaes seu padecer indicam;
Côr diversa as enfêrmas mostram logo;
Magreza horrenda o vulto lhes afeia;
Então as, que da vida a luz perdêram,
410 Para fóra conduzem dos cortiços,
Com triste funeral acompanhando-as;
Ou pelos pés ás portas penduradas
Alli ficam jazendo; ou dentro todas

- Nas casas encerradas se conservam,
 415 Com fome e frio frouxas, preguiçosas :
 Mais grave som lá dentro então se escuta
 Por compridos espaços susurrando :
 Bem como quando o frio Austro nas selvas
 Se seate murmurar, ou o inquieto
 420 Mar co' as ondas resôa, que refluem ;
 Ou tambem como o fôgo arrebatado
 Nas fechadas fornalhas se embravece.
 Quando isto acontecer, por meu consêlho
 Do gálbano empregar o arôma cumpre,
 425 Que as empestadas casas lhes perfume ;
 De cana o mel por tubos sem demora
 Dentro dos seus cortigos infundi-lhes,
 As enfermas abelhas exhortando,
 E chamando-as a um pasto, que conhecem :
 430 Util será tambem o misturar-lhes
 Adstringente em sabôr pizada galha,
 Sêccas folhas de rosa, e a fôgo lento
 Cozido o pingue arrôbe, psythias passas,
 O ceerópio tomilho, e as rescendentes
 435 De fortissimo arôma hervas centaureas.
 Nos prados uma flôr tambem se encontra,
 Dão-lhe de amêlo o nome os lavradores, (11)
 Planta é mui facil de conhecer, se a buscam ;
 Porque de uma só leiva ingente lança
 440 Copia de varas, é de côr dourada ;
 Mas nas fôlhas, que muitas a circumdam,
 A purpura reluz das negras violas :
 Dos Deoses muitas vezes os altares
 Desta planta festões tem adornado ;
 445 Tem áspero sabôr, se a bôcca a prova :
 Os pastores nos valles descobertos

(260 até 273.)

A colhem, e do Mella junto ás aguas,
 Cuja corrente curva as margens corta :
 Em odoroso vinho desta planta

450 As raizes cozei, e junto ás portas
 Dêsse pasto lhes dai cheios cabazes.

Mas das abelhas se a inteira prole
 De subito perder, nem tenha especie
 Dellas alguém, que a estirpe lhe renove,

455 De descobrir-lhe é tempo os memorandos
 Do Arcadio mestre inventos : como o sangue (12)
 Corrupto de bezerros mortos tenha
 Muitas vezes abelhas produzido.

Contarei de mais longe a fama toda,

460 Desde a origem primeira começando :
 Pois onde venturosa habita a gente
 Do Canópo Pellêo, visinha ao Nilo,
 Cujas aguas se estagnam, transbordando,
 E dos seus campos é levada em roda

465 Nos pintados bateis; e onde a corrente
 Do rio extrema a pharetrada Persia,
 E o verde Egypto vai fertilizando
 Com seu negro nateiro; e tendo as fontes
 Na India escura, após longos rodeios,
 470 Entra a final no mar por bôccas sete;
 De tão extensa região os povos
 Põem em tal arte plena confiança.

D'um logar pela escôlha principiam
 Pequeno, mas ao fim accommodado;

475 Com estreito depois telhado o cobrem,
 E nas paredes não distantes abrem
 Aos quatro cardeaes ventos janellas,
 Por onde obliqua a luz entre, e penetre :
 Um novillo então buscam, cujas pontas

- 480 Comecem na biennial fronte a curvar-se;
 Tapam-lhe as ventas ambas, pela bôcca
 Vedam-lhe o respirar, relucte embora:
 Às pancadas o matam, e as entranhas,
 Assim contusas, dissolvidas ficam
- 485 Dentro da não rompida, inteira pèlle:
 Em tal estado alli fechado o deixam,
 Submettem-lhe ao costado arbóreos ramos
 Cortados, e tomilho, cassias frescas:
 Faz-se esta operação, antes que as aguas
- 490 Os Zephyros encrespem, e que os prados
 Co' as novas côres entrem a esmaltar-se,
 E antes que suspender venha os seus ninhos
 Dos telhados a gárrula andorinha:
 No entanto o quente humor nos tenros ossos
- 495 Começa a fermentar, e se apresentam
 Ante a vista animaes (caso admirando!)
 A principio sem pés, e eis susurrando
 As azas movem, vólvem-se uns com outros,
 E vão, como á porfia, dar seus vôos
- 500 Pelos delgados, cristallinos ares;
 Bem como expelle a chuva estiva nuvem,
 Rompem do couro; ou qual, pulsado o nêrvo
 Do arco, a setta vôa, quando os Parthos
 Ligeiros a travar guerra começam.
- 505 Qual Deos, ó Musas, inventou tal arte?
 D'onde é, que esta exp'riencia nova os homens
 Podêrão ir colher? eia dizei-me.
 O pastor Aristêo, desamparando
 As Tempes do Penêo, onde perdêra,
- 510 Contam, suas abelhas, que a doença,
 E a fome lhe roubára; á sacra fonte
 Do rio encaminhou triste os seus passos,

(300 até 319.)

E altamente queixoso, á mãe Cyrêne

Taes vozes dirigio: « Ó mãe, que occupas

515 » Deste pégo o mais intimo, que importa
 » Ser dos Deoses preclara a estirpe minha,
 » (Se é certo ter por pai, como me has dito,
 » O Deos Tymbrêo Apollô) aborrecido
 » Dos Fados por acaso me geraste?

520 » Ou como o teu amor me tens roubado?
 » Como ordenavas, que esperasse um dia
 » Ser elevado ao Ceo? A propria honra
 » Desta vida mortal, com que das mèses,
 » E dos gados apenas o cuidado,

525 » Tudo tentando, assiduo me occupava,
 » E tendo-te por mãe!... vou deixar tudo;
 » Mas antes co' a mão tua mesma arranca

» Os meus ditosos bosques, lança o fogo
 » Malfazejo aos curraes, destroe searas,
 530 » As sementeiras queima, e sôbre as cêpas
 » Forte o machado impelle; se da gloria
 » Minha tédio tamanho has concebido. »

Lá do leito debaixo do alto rio

O som da sua voz a mãe ouviu-lhe:

535 Em tórno della os véllos de Mileto, —
 Que em vitrea côr depois hão de ser tintos,
 Hiam fiando as Nymphas — Drimo, Xantho,
 Lagèa, e Phyllodóce co' as madeixas
 Côr d'ouro pelo eburneo cóllo sôltas;

540 Cymódoce, Thalia, e Nésea, e Spio,
 Cydippe, e a loura Lycoris, (aquella
 Virgem ainda, de Lucina as dôres
 Esta as primeiras tendo já passado)

As irmãs Clio, e Béroe, oceâneas ambas,

545 Ambas ornadas d'ouro, ambas cingidas

(320 até 342.)

- De pélles de animaes de côres varias;
 Deiopêa a Asiana, e Ephyre, e Opis,
 E Arethusa veloz em fim, depostas
 As settas, de que armada as selvas corre.
- 550 Clymêne entre ellas historiava os futeis
 Cuidados de Vulcâno, e os dôces furtos,
 E os enganos de Marte; e desde o câhos
 Dos Deoses os amores numerava
 Frequentes, repetidos. Attrahidas
- 555 Côm taes versos, as Nymphas nos seus fusos
 Em quanto as brandas maçarocas volvem,
 As tristes magoas d'Aristêo soáram
 Segunda vêz nos maternas ouvidos;
 E as, que os assentos vitreos occupavam,
- 560 Todas pasmáram; subito Arethusa,
 Primeiro, que as irmãas, erguendo os olhos,
 Levantou fóra da agua a loura fronte,
 E de longe exclamou: « Ó não sem causa,
 » Cyrêne, minha irmãa, tantos gemidos
- 565 » Te deixáram confusa; Aristêo triste,
 » Dos teus cuidados o maior emprego,
 » Das aguas do Penêo, teu pai, não longe
 » Em pranto se desfaz, e por teu nome
 » Chamando-te, cruel te denuncia. »
- 570 Com susto nôvo a mãi ferida a mente,
 A esta respondêo: « Conduz deprêssa
 » Aristêo ante mim; das Divindades
 » Permitta-se-lhe o entrar vedadas portas. »
 Eis manda logo, que o profundo rio
- 575 Larga entrada franqueie; que ao mancebo,
 Por onde quér que fôr, não tólha os passos;
 E o rio, recurvando as aguas suas,
 A maneira de um monte, no seu seio

(343 até 362.)

- Vasto o recebe, e ao mais fundo o envia.
 580 A morada da mãe elle admirando,
 E humidos reinos, dentro de cavernas
 Lagos fechados, bosques resonantes,
 Hia os passos movendo : estupefacto
 Co' a desmedida agitação das aguas ;
 585 Por debaixo da grande Terra os rios
 Todos via correr, mas differentes
 Nos logares ; o Phasis via, e o Lyco,
 Via d'onde o Enipêo profundo eleva
 Primeiro a frente, d'onde o patrio Tibre,
 590 D'onde do Anio deslizam ás correntes,
 E as do fragôso, resonante Hypânis,
 E as do Mysio Caíco ; quaes as fontes
 Do aureo Erydâno, cujo vulto ostenta
 Duas de touro recurvadas pontas,
 595 Do que o qual mais violento nenhum rio
 Ao mar purpureo as suas aguas leva
 Por entre cultivados, pingues campos.
 De Cyrêne chegado em fim aos paços,
 Em dura rocha abertos ; e os do filho
 600 Vãos lamentos a mãe tendo escutado,
 Por ordem as irmãs umas lhe lançam
 Puras aguas ás mãos, outras revestem
 As mesas de finissimas toalhas,
 De ignarias, de côpos cheios outras
 605 As cobrem, as carregam ; sôbre as aras
 Os perfumes Pancháicos rescendem :
 Então a mãe lhe diz : « O côpo empunha
 Do Meónio licor, offereçâmos
 Libações ao Oceano ; » e as suas préces,
 610 Juntamente com o filho, ella dirige,
 Pai de tudo, ao Oceano, e ás das florestas
 (363 até 382.)

- Guardadôras cem Nymphas, irmãs suas,
 E ás outras cem, dos rios protectôras :
 Três vezes derramou liquido nectar
 615 Da ardente Vesta sôbre o sacro fôgo,
 E outras tres té ao tecto subjacente
 A flamma reluziô : um tal agouro
 Animando-lhe a mente, assim começa.
 » Ha de Neptuno no Carpacio pégo
 620 » Um, chamado Prothêo, ceruleo Vate,
 » Que, de peixes, de bipedes cavallos
 » Puxado o carro, o grande mar passêa :
 » Da Thessalia, e Pallêne, patria sua,
 » A vêr elle tornou agora os portos :
 625 » Nós, as Nymphas, a este venerâmos,
 » E até o proprio Nerêo, bem que longevo ;
 » Porque, como propheta, nada ignora,
 » Ou presente, ou passado, e inda o não vindo ;
 » Que assim Neptuno o quíz, cujo armentio
 630 » Disforme, e es tôrpes phocas no mar pasce :
 » Para que da doença as causas todas
 » Elle chegue a explicar-te, e favoraveis
 » Faça os successos, cumpre antes, ó filho,
 » Que o ligués com prizões, pois que sem fôrça
 635 » Delle obterás jamais alguns dictames,
 » Nem cousa alguma alcançarás, rogando :
 » Prêzo, algemas emprega, e dura fôrça ;
 » E assim tornarás vãos os seus enganos :
 » Eu mesma, quando em meio o Sol ardente
 640 » Calma fizer cahir, e quando as plantas
 » Em sêde mais se abrazem, e aos rebanhos
 » Agradavel a sombra é mais, que nunca,
 » Te guiarei do velho ao escondido
 » Logar, onde cançado se retira

(383 até 404.)

- 645 » Da morada das aguas, e onde é facil,
 » Opprimido de sômnno, acommettel-o :
 » Mas, apenas sentir que as mãos lhe prendes,
 » De feras co' a apparencia, e vária face
 » Tentará illudir-te; d'improviso
- 650 » Hórrido javali far-se-ha, e tigre
 » Féro, e leão d'arruivada juba,
 » E dragão escamôso, ou o som violento
 » Das chammas soltará; e assim dos lagos
 » Tentará evadir-se, ou resvalando
- 655 » Fugirá transmudado em fluida lympha :
 » Mas, quanto mais em várias fórmas tantas
 » O vires convertido, tanto, ó filho,
 » Mais lhe aperta as prizões, até que o vejas
 » Tal, qual era a principio, antes que em corpos
- 660 » Tantos se transformasse, e qual o achaste,
 » Quando o sômnno a cerrar-lhe entrava os olhos.»
 Assim fallou, e os liquidos arômas
 D' Ambrosía exhalando, embebêo nelles
 Todo o corpo do filho, e os seus cabêllos
- 665 Anafados uma aura dôce espiram,
 E potente vigor lhe acode aos membros.
 Nas ilhargas de um monte carcomido
 Larga caverna existe, onde dos ventos
 Grande massa se acolhe, e uma enseada
- 670 Das ondas ao abrigo o mar abtira,
 Estação mui segura out'ora aos nautas,
 Por violentas borrascas acossados :
 Protêo dentro da vasta penha asylo
 Occulto vai buscar, e alli a Nympha,
- 675 Oppôsto á luz, nas trevas escondido,
 O mancebo colloca; e sem ser vista,
 E, envôlta em nuvens, em distancia pára.

(405 até 424.)

Já Sirio arrebatado, que os sequiosos
 Indios torra, seus fachós accendêra,
 680 E o igneo Sol no Ceo média carreira
 Corrido tinha, e as plantas se engelhavam
 C'ò intenso calor, e os rios fundos,
 Pelos raios solares aquecidos,
 Sêccas as fauces, té o fundo ardiam;
 685 Quando Protêo, das ondas retirado,
 Seu antro costumado demandava:
 Delle em tôrno do vasto ponto a gente
 Humida retouçando, ao largo espalha
 O amargo orvalho; jazem pela praia,
 690 Ao somno entregues, os diversos phocas;
 E elle, qual dos curraes costuma o guarda,
 Quando Véspero surge, e os seus novillos
 Para casa conduz do pasto, e os lôbos
 Os cordeiros com seus balidos chamam,
 695 Pára no meio do rochedo, e conta
 Dalli o seu maritimo rebanho.

Apenas Aristêo (pois tal ensejo
 Off'recido lhe foi) vio, que os cançados
 Membros o velho reclinado havia,
 700 Sôbre elle com clamôr grande se arroja;
 E assim deitado, com prizões o liga:
 Elle porêm, que na memoria guarda
 Da sua arte os prestigios, se transforma
 Da Natureza nos prodigios todos,
 705 Em fôgo, e horrivel fera, e humido rio;
 Mas, vendo que fallácia alguma á fuga
 Meios lhe ministrava, então vencido
 Vólta á primeira fórma, e taes palavras
 Já com humana voz da bôcca sólta:

710 » Quem te mandou, ó muito ousado môço,

(425 até 445.)

- » Na minha casa entrar? De mim que exiges? »
 — Tu o sabes, Protêo, (elle responde)
 — Sim tu o sabes; pois ninguem te illude;
 — Deixa pois de inquirir o, que conheces;
 715 — Dos Deoses ao mandado obediente
 — Consultar os oraculos intento
 — Acerca dos havêres meus perdidos. —
 Nada mais que isto disse: Então o Vate,
 A verde luz dos olhos flammejantes
 720 Revirando, e bramidos fortes dando,
 Dos Fados lhe abre assim o escuro arcão:
 » D'um Numen sobre ti as iras pêsam,
 » Grandes delictos commettidos pagas:
 » O miserando Orphêo estas desgraças
 725 » Contra ti suscitou; mas á maldade
 » Tua não julga igual inda o castigo,
 » Se resistencia não achar nos Fados;
 » E violento esbraveja, e se enfurece
 » Pelo roubo da espôsa idolatrada:
 730 » Ella d'um rio, indo-te fugindo,
 » Pelas ribeiras arrojada e eega,
 » De certo alli não vio a crua sérpe,
 » Nas hervas escondida, que a seus dias,
 » Tão juvenis, dèo córte antecipado:
 735 » O côro então das Driadas consocias
 » Enchêo de clamorôso pranto os montes;
 » Choráram-a do Rhódope os cabêços,
 » E do Mavorcio Rheso a terra, os Getas,
 » E o Hebro rio, e a Áctica Orithya:
 740 » E o seu penoso amor Orphêo tentando
 » C'os sons da Lyra aliviar, sosinho,
 » Dôce Consorte, nas desertas margens
 » Seus cantares saudoso modulava

(446 até 465.)

- » Desde o romper da aurora ao vir da noute :
- 745 » Chegando a penetrar Tenarias fauces,
 » E de Dite os portaes altos, e o bosque,
 » De negros mêdos povoado todo,
 » Entrou dos Manes no vedado asylo,
 » E a piedade implorou do Rei tremendo,
- 750 » E dos peitos a humanas préces surdos.
 » Do seu canto attrahidas as do Erébo
 » Ténues sombras, escuros simulacros,
 » Das profundas mansões surgindo, o seguem;
 » Bem como muitas mil aves nos bosques
- 755 » Se acoutam, quando Véspero apparece,
 » Ou quando hibernal chuva cáhe dos montes:
 » Mães, e varões, e corpos já sem vida
 » D'intrepidos heroes, meninos, virgens
 » Na flôr da idade, jovens conduzidos
- 760 » A pyra funeral ante os chorosos
 » Olhos dos caros pais : o negro lôdo,
 » E do Cocyto os canaviaes disformes
 » Em roda a todos cercam, prende a todos
 » Da aborrida lagôa a agua dormente,
- 765 » E entrecorrendo vezes nove a Styge
 » Com tortuosas voltas os reprime.
 » Ouvindo a voz d'Orphêo, ás proprias casas,
 » Que no Tártaro fundo a morte habita,
 » O pranto se estendeo, e ás, que os cabellos
- 770 » Das Furias cingem, azuladas cobras;
 » Do Cerbéro as tres bôccas se escancáram,
 » Sem dar um só latido, e em seus giros
 » Parou no vento d'Ixion a roda :
 » E já vencidos os perigos todos,
- 775 » Co' a chara espôsa Eurydice voltava,
 » Proxima a respirar supernas auras,

(466 até 486.)

- » Após elle seguindo-o (lei tão dura
 » Prosérpina lhe impôz); do incauto amante
 » Eis se apodera subita demencia,
 780 » Bem digna de perdão, se os, que no Averno
 » Numes imperam, perdoar soubessem;
 » Pára, e da luz já proximo aos limites,
 » Deslembrado da lei, e ai! só vencido
 » Pela fôrça do amor, á chara espôsa
 785 » Sua Eurydice os olhos volve, e logo
 » Vê mallogrados todos seus trabalhos,
 » E rôto o ajuste do cruel tyranno.
 » Então do Averno nos profundos lagos
 » Por tres vezes soû fragôr medônho:
 790 » Ella — Quem a mim (diz) misera, ó charo
 — Orphêo, e a ti sentir nos faz tal perda?
 — De quem é furor tanto? Eis crueis fados
 — Segunda vêz de ti vão separar-me;
 — E os olhos meus á luz já quasi abertos
 795 — Vai de nôvo opprimir funéreo sômno:
 — Fica-te embora pois; que já cercada
 — Me vejo por escura e densa noute:
 — Já não tua, ai de mim! debalde estendo
 — Minhas mãos sem vigôr para abraçar-te. —
 800 » Assim falou, e subito dos olhos,
 » Quál fumo confundindo-se nos ares,
 » Se evaporou, fugio a opposto rumo,
 » Nem mais o espôso vio, que em vão as sombras
 » Apalpava, tentando vózes muitas
 805 » Soltar da bôcca; nem do Orco o barqueiro
 » Jamais lhe consentio passagem franca
 » Na alagôa, que os passos lhe embargava.
 » Ai! que faria Orphêo? Onde os seus passos,
 » Sem vezes duas a roubada esposa,

(487 até 504.)

- » Das Deosas junto aos templos remontados
 » Quatro altares levanta, o sacro sangue
 » C'ò ferro das gargantas lhes derrama,
 » E no bosque frondôso os corpos deixa.
 880 » Das immoladas victimas : volvidos
 » Dias nove, em que a aurora no horizonte
 » Ostente o seu risôno nascimento,
 » Lethêas dormideiras offerece
 » D'Orphêo aos maes; e aplacada a espôsa
 885 » Eurydice terás, se a venerares
 » Matando em honra sua uma novilha,
 » E uma ovelha de côr negra immolando;
 » Depois disto assim feito, ao bosque volta. »
 Prompto a cumprir os maternas preceitos
 890 Aristêo, sem demora se encaminha
 Aos templos, ergue as aras já mostradas,
 Quatro touros de côrpo o mais possante,
 E outras tantas novilhas, que os pescôços
 Inda intactos o jugo não sentiram,
 895 Conduz ás aras, e depois da aurora
 Nôna ter já raiado, e a Orphêo ter feito
 Funérea offrenda, demandou o bosque :
 Eis que um prodigio, para ser contado
 Summamente admirando, se apresenta
 900 De subito ! Nas visceras desfeitas
 Dos bôis por todo o ventre susurrando
 Abelhas se ouvem, e das rôtas costas
 Se vêm sahir, formar nuvens immensas;
 E, pousadas nas arvores mais altas,
 905 Pendêr, quaes uvas das flexiveis varas.
 Eu cantava dos campos a cultura,
 Os rebanhos, as arvores cantava
 Em quanto o grande Cesar lá no Euphrates
 (541 até 560.)

- » Voltáram contra o joven, e em pedaços
 » Os membros pelos campos lhe espargiram :
 845 » Do marmóreo pescôço separada
 » A cabeça, e do CEnagrio Hebro das aguas
 » Aqui e alli no meio fluctuando,
 » Por *Eurydice* a voz e a lingua fria
 » Ai! *miserrima Eurydice*, inda chamavam,
 850 » Ao exhalar da vida ultimos restos;
 » E nas do rio longas ribanceiras
 » *Eurydice* hiam repetindo os écos. »
 Falára assim Protêo, e dando um pûlo,
 No mar se mergulhou, e onde cahira
 855 Um vórtice formou a agua espumante :
 Mas não assim Cyrêne : ao timorato
 Môço, sem ser rogada estas palavras,
 » Filho (lhe diz) convêm, que da alma expulses
 » Os teus tristes cuidados; conhecida
 860 » É pois já da doença inteira a causa :
 » As *Nymphas*, com quem danças enlaçava
 » *Eurydice* nos bosques elevados,
 » Fôram as, que ás abelhas tuas deram
 » O destrôço fatal; tu pois humilde
 865 » Dádivas lhes off'rece, e a paz lhes pede,
 » E as *Napêas* venera favoraveis;
 » Que ellas facil perdão darão ás tuas
 » Promessas, deporão antigas iras :
 » Mas de pedir, de orar qual modo seja
 870 » Mais proprio, antes de tudo eu vou expôr-te :
 » Quatro touros de côrpo o mais possante,
 » Dos que do *Lycêo* verde nas alturas
 » Em teu proveito pascem, vai, escolhe,
 » E outras tantas novilhas, que, os pescôços
 875 » Inda intactos, o jugo não sentiram :

(522 até 540.)

- » Das Deo-as junto aos templos remontados
 » Quatro altares levanta, o sacro sangue
 » C'o ferro das gargantas lhes derrama,
 » E no bosque frondôso os corpos deixa.
 880 » Das immoladas victimas : volvidos
 » Dias nove, em que a aurora no horizonte
 » Ostente o seu risôno nascimento,
 » Lethêas dormideiras offerece
 » D'Orphêo aos manes; e aplacada a espôsa
 885 » Eurydice terás, se a venerares
 » Matando em honra sua uma novilha,
 » E uma ovelha de côr negra immolando;
 » Depois disto assim feito, ao bosque volta. »
 Prompto a cumprir os maternas preceitos
 890 Aristêo, sem demora se encaminha
 Aos templos, ergue as aras já mostradas,
 Quatro touros de côrpo o mais possante,
 E outras tantas novilhas, que os pescôços
 Inda intactos o jugo não sentiram,
 895 Condaz ás aras, e depois da aurora
 Nôna ter já raiado, e a Orphêo ter feito
 Funérea offrenda, demandou o bosque :
 Eis que um prodigio, para ser contado
 Summamente admirando, se apresenta
 900 De subito ! Nas visceras desfeitas
 Dos bôis por todo o ventre susurrando
 Abelhas se ouvem, e das rôtas costas
 Se vêm sahir, formar nuvens immensas;
 E, pousadas nas arvores mais altas,
 905 Pendêr, quaes uvas das flexiveis varas.
 Eu cantava dos campos a cultura,
 Os rebanhos, as arvores cantava
 Em quanto o grande Cesar lá no Euphrates
 (541 até 560.)

Da guerra os raios fulminando, aos povos,
910 Que o reconhecem, vencedôr outorga
Justiça imparcial; a estrada abrindo
Para um dia subir ao excelso Olympo :
A mim Virgilio, nesse tempo entregue
A um ócio estudioso, inglório emboã,
915 Parthénope fagueira me acolhia, (13)
A mim, que na atrevida mocidade
Dos pastores cantei os versos brandos,
Cantei-te, ó Tityro, assentado á sômbra
D'uma faia, que a cópa ao longe estende.
(561 até o fim.)

FIM DO QUARTO E ULTIMO LIVRO.

NOTAS

AO LIVRO QUARTO.

- (1) Verso 1. — *Do aereo mel agora os dons celestes* — » O mel, diz Mr. Delille (Nota 24. a este Livro), é uma materia liquida, que se encontra no fundo do cálice das flores em pequenas glândulas; e foi pela primeira vez descoberta por Linneus. Sáhe esta materia as mais das vezes das glândulas pela via da transpiração, derrama-se no fundo dos cálices, e até se encontra algumas vezes espalhada sôbre as fôlhas. — Os antigos davam ao mel muito mais nobre origem; contemplavam-o como um orvalho, que cahia do Ceo, como uma transpiração do ar, ou dos astros, que se depuravam: serve isto para explicar o primeiro verso do Livro 4.^o *Aërii mellis cœlestia dona*. Não são pois estes dons e epithetos, como á primeira vista poderia parecer a alguém, palavras vagas e brilhantes sem mais serventia, que para enchêr, e ornar o verso; são a expressão justa e exacta da má physica daquelle tempo. »
- (2) Verso 23. — *Alrutes* são aves, que comem as abelhas, vulgarmente denominados *abelheiros*. — Leonel da Costa diz, que são quasi da feição dos papafigos.
- (3) Verso 25. — *Prógne* é uma especie de andorinha. Quanto a dizer o Poeta, que é *manchada no peito com a cruenta dextra*, veja-se o, que dizem os livros de Mythologia nas palavras *Progne*, *Philomela*, e *Theréo*.
- (4) Verso 36. — É hoje cousa sobejamente averiguada, que uma rainha, e não um rei, é quem preside a cada uma das colméas, ou enxames de abelhas, a qual é vulgarmente designada pela denominação de *abelha-mestra*: As observações de Mr. Maraldi, feitas no tempo da postura, e sobre tudo as de Mr. Reanmur, tiraram toda a duvida sobre este ponto. — Outro era, e mui distante da realidade, o pensar dos antigos, como se cõlhe deste logar de Virgilio, as im como de muitos outros nes-

te Livro das Georgicas, quaes, por ex. nos Versos 75, 88 até 95, no 212, e bem assim no 197 até 202, (todos do Original Latino) onde o Poeta trata do modo maravilhoso, ou antes incrível, com que diz renovam as abelhas a sua raça.

- (5) Verso 99 e 100. — *Melisphylla* querem uns, que seja a madresilva; outros porêm, e mais propriamente, que seja a herba cidreira, chamada pelos Latinos *melisso-phylon*, ou *meliphylon*, ou *apiastrum*, da qual, diz Leonel da Costa, gostam tanto as abelhas, que, se lhe esfregarem, e untarem com ella os cortiços, nunca fugirão, nem irão para nutra parte. — A herba *Cerinthia* é a conhecida pela denominaçã de *chuchamel*, ou *chupamel*; conforme Plinio no Liv. 21. Cap. 19, tem as folhas brancas e recurvas; o seu sabor é de mel, misturado com cêra, e della são amicissimas as abelhas.
- (6) Verso 192. — *Pesto* era uma cidade da Lucânia, paiz situado entre a Apulia e a Calabria, hoje apenas famosa por suas ruinas, e pela abundancia de moedas antigas alli encontradas: foi fundação dos Gregos Dorien-ses, e chamada tambem *Posidonia*, onde, contam, era o ar tão benigno e temperado, que a terra dava alli duas vezes fructo no anno, assim como tambem rosas, de que era muito abundante.
- (7) Verso 203. — *Torres de OEBalia*: Por este nome era designada a cidade de Tarento na Terra de Otranto ao sul do reino de Napoles. A denominação de *OEBalia* proveio-lhe de *OEBalo*, antigo rei de Lacedemonia, que a mandou alli fundar por uma colonia de Laconios, commandada por Phalante. — Os campos desta cidade eram fertilissimos, e era cortada e regada pelo rio *Galeso*.
- (8) Verso 205. — *Coricium* ou *Corico*, cidade da Cilicia, e não da Sicilia, como erradamente escreve Leonel da Costa em a Nota correspondente a este logar. Querem alguns, que o velho, de quem Virgilio aqui falla, fosse conduzido para o paiz de OEBalia ou de Tarento por Pompên o Magno, depois de vencidos por este os piratas da Cilicia &c.
- (9) Verso 286. — Chama Virgilio ás abelhas *cecrópias*, alludindo ao territorio d'Athenas, ou *Cecrópia*, assim chamada de *Cécrops*, um dos mais famigerados reis do paiz,

por ser o mel do monte Hymeto, visinho á cidade d'Athenas, havido por um dos melhores da antiguidade.

- (10) Verso 371. — Diz o Poeta, que a colheita do mel deve fazer-se duas vezes no anno, a saber, na Primavera, que isto quer dizer — *quando a Pleiada Taigete mostra á Terra a sua face honesta* — o que, segundo Columella, é a 22 d'Abril; ou, como outros querem, a 7 do mesmo mêz: a segunda colheita nos principios de Novembro, isto é, quando a mesma Pleiada desaparece do horizonte. (Vid: Annotação (17) do Livro 1.^o).
- (11) Verso 437. — *Amello*, chamada tambem pelos Botânicos *Aster*, é o *Oculus Christi*, (Olho de Christo) dos jardineiros. Segundo Plinio, a denominação de *Aster* proveio-lhe da configuração da flôr desta planta, a qual é de forma radiada, como estrella.
- (12) Verso 456. — *O Arcadio Mestre* é Aristêo, que alguns autores, com Justino, contam entre o numero dos heroes da Arcadia: outros lhe dão por morada a Thessalia, como o Poeta faz desde o verso 508 em diante, até o fim deste Livro.
- (13) Verso 914. — *Parthénope* é a cidade de Napoles; e teve aquelle nome, segundo a Fabula, da Serêa, ou Nympha *Parthénope*, que veio ter áquelle logar, onde Napoles foi depois edificada. Nesta cidade se creou Virgilio, e nella jaz enterrado.

FIM DAS NOTAS DO LIVRO QUARTO.

41-60



